

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO**

**MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

**EXPERIÊNCIAS DESALOJADORAS DO EU E  
ESCUTA CLÍNICA**

**IARACI FERNANDES ADVÍNCULA**

**ORIENTADORES: LUÍS CLÁUDIO FIGUEIREDO**

**ZEFERINO ROCHA**

**UNICAP - RECIFE**

**2001**

**IARACI FERNANDES ADVÍNCULA**

**EXPERIÊNCIAS DESALOJADORAS DO EU E  
ESCU TA CLÍNICA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Católica de Pernambuco como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob a Orientação dos Professores Doutores LUÍS CLÁUDIO FIGUEIREDO e ZEFERINO ROCHA.

RECIFE, MARÇO, 2001.

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

---

## **AGRADECIMENTOS**

A título de introdução, conto uma pequena história biográfica.

Cresci numa família de quatro filhos, sendo três mulheres e um homem. Vivi durante quase toda a infância, adolescência e início da idade adulta, numa casa grande e ampla, arrodada de um instigante quintal à beira mar em Olinda. Meus avós maternos moravam ao lado. A casa deles era um pouco extensão da minha e o mar extensão para todos nós. Sempre me senti privilegiada por desfrutar do mar cotidianamente e da grande família à volta, oferecendo o suporte afetivo fundamental para o desenrolar da existência.

Meus pais eram muito diferentes um do outro. Enquanto minha mãe dava prumo e direção às nossas vidas, meu pai se envolvia nos sonhos e idéias libertários. Conviver com ele podia ser interessante e estimulante em alguns momentos, mas penoso e difícil em outros. Com ela podia contar para resolver os problemas concretos da vida, com ele aprendi um mundo rico de idéias. Com ela aprendi a por ordem nas coisas da vida, com ele vivi a desordem que implica viver.

Situar brevemente esse contexto familiar ajuda, me parece, a construir o sentido para todo o resto. Foi neste universo e a partir dele que pude me constituir e me diferenciar. Sou imensamente grata a todos.

Da minha família de base, quero destacar a minha irmã-amiga, Itacira, companheira de muitas idas e vindas pelos caminhos da vida. Grata, Cira, por todo seu apoio, confiança e afeto.

Outro destaque que quero fazer é para minha sobrinha mais velha, Ana Cristina. Obrigadão, Mana. Sem você, em episódios pontuais, 'não sei o que seria de mim'.

Depois deles, o meu mundo de afetos fundamentais e fundantes é constituído pelos meus dois filhos, Guilherme e Leonardo. Quero agradecer aos dois, de forma muito especial. Neste último ano, em que tive que desenvolver esta Dissertação, vocês foram o esteio afetivo básico para o desenrolar da minha vida e do meu trabalho. A Guilherme, acrescento a especial ajuda que me deu no manuseio do computador - nisto você é 'o mestre'- e nas várias fases de impressão das laudas desta Dissertação. Obrigado filho, pelo carinho, empenho e paciência.

À Flávia da Fonte, que me possibilita o exercício de ser 'mãe' de uma mulher. Grata pela delicadeza dos carinhos, a mim dispensado, em muitos momentos decisivos, neste último ano.

A Aluizio, a quem devo a aprendizagem do ofício de escrever e a revisão cuidadosa e eficiente de todo o trabalho. Obrigada por sua sempre pronta e prestimosa ajuda. Sem você, provavelmente, *muito não teria sido feito*.

À Lucia Rodrigues pela escuta, habilidosa, responsável e profundamente acolhedora, que tive a sorte de encontrar nestes últimos anos da minha vida. As condições para muito do que consegui desenvolver, devo a você.

À Aída Novelino, minha querida amiga e interlocutora de várias décadas. É privilégio de poucos, contar com uma amizade que perdura por tantos anos. Obrigada pelo apoio afetivo e efetivo, empréstimo de livros, leitura de partes da Dissertação e escuta atenta em momentos essenciais do trabalho. Sem falar, é claro, das nossas 'andadas' pelo calçadão da praia, banhos de mar e idas ao cinema. Além dos 'papos' amenos, às vezes, 'nem tanto', comendo e bebendo bons vinhos. *Sem esta parte, impossível escrever uma dissertação*.

À Carol Dubeux, parceira de consultório e de tantas outras parcerias fundamentais. Obrigada amiga, pelo grande suporte fraterno de uma interlocução

frutífera e prazerosa, nos vários caminhos da vida. Você tem sido uma amiga-irmã, crucial nas lutas da existência. Com você tenho aprendido muitíssimo, principalmente a arte de viver.

À Consuelo Passos, além da amizade, do apoio, e da ‘casa amiga’ em São Paulo, a indicação e apresentação do nome de Luís Cláudio Figueiredo para orientação desta Dissertação. Obrigada, Cônsul, pela confiança e amizade fraterna de tantas décadas.

À Virgínia Moreira, amiga mais nova e, já antiga, por termos partilhado momentos marcantes de nossas vidas. Grata, amiga querida, por tantas trocas afetivo-teóricas; ou seriam teórico-afetivas? Na verdade, são tantas e múltiplas as aprendizagens, desde que nos encontramos há mais de quinze anos, que às vezes penso que lhe conheço há muito mais tempo. Sempre que estamos juntas, naqueles papos férteis e intermináveis, sobre a vida e sobre o mundo, me vem a sensação de que a nossa amizade é *preciosíssima*.

À Gercilene Campos de Araújo, minha querida Gerci, obrigada pelo ombro amigo e carinhoso nesta caminhada pela vida. Durante *bom tempo*, conto com sua amizade e a interlocução fertilizante, que me têm ajudado a construir caminhos. Sua casa em Fortaleza é minha ‘segunda casa’. Com a volta de Virgínia dos ‘Andes Chilenos’, agora tenho três. *É privilégio ter tão profundas e calorosas amizades.*

À Diana Belém, pelo ‘bem querer’ e pelas várias trocas nos percursos comuns. Grata pelo companheirismo na *luta pela vida* e pelo *brilho em viver*.

À Patrícia Gomes, pela amizade, confiança e parceria ‘leve’ e ‘gostosa’, na UNICAP, no consultório e, agora, como ‘colega’ do Mestrado.

Aos meus mestres de ontem e aos meus mestres de hoje. Quero fazer destaque especial para Lúcio Flávio Campos e Raquel Lea Rosenberg: eles foram marcos na minha aprendizagem de outrora.

A Luís Cláudio Figueiredo, Orientador desta Dissertação. São muitos os motivos a agradecer, desde a sua atenção e o seu acolhimento nas primícias deste trabalho, até os momentos finais por ocasião do seu encerramento. Sempre encontrei em você um interlocutor atento, no afã de promover o conhecimento. Arguto e sensível nas intervenções oportunas, que ofereceram contrapontos necessários a novos pensamentos. Grata, Luís Cláudio, pelo profissional competente, generoso, interessado e extremamente ético que você é. Foi um privilégio *contar* com sua orientação.

A Zeferino Rocha, Co-Orientador desta Dissertação. Gratíssima pelas suas valiosas e cuidadosas contribuições. Foi ótimo conviver e aprender com você. Seus apartes foram sempre profícuos e pertinentes.

A Jesus Vasquez, pelos ensinamentos precisos e envolventes nos caminhos da *analítica da finitude*. Sem você, não teria aprendido a 'respirar a atmosfera heideggeriana'. Grata, ainda, por ter me ajudado com uma leitura atenta e cuidadosa, quando esta dissertação era apenas um pré-projeto.

À Henriette Morato, Coordenadora da Linha de Pesquisa Fenomenológico-Existencial do Mestrado de Psicologia Clínica, a qual esta Dissertação está vinculada. Grata, Henriette, pelos seus inúmeros ensinamentos.

Aos meus companheiros das várias experiências de grupo, vividas 'mundo afora'.

Aos meus clientes e estagiários com quem aprendo e desenvolvo a 'arte' da escuta clínica.

Às minhas entrevistadas desta Dissertação. Vocês não imaginam como sou grata pela valiosa ajuda que me prestaram com os seus depoimentos. Foi muito prazeroso entrevistá-las e, mais ainda, 'aprender a ouvir', escutando vocês.

Aos meus colegas de Mestrado pelos 'tempos bons' em sala de aula.

À UNICAP, pela oportunidade criada para o aperfeiçoamento profissional.

## RESUMO

O objetivo desta Dissertação é explicitar o que são as *experiências desalojadoras* e em que medida elas ajudam na constituição da escuta clínica. O seu eixo gira em torno da experiência pessoal da autora nos Grandes Grupos Centrados na Pessoa inspirados nos trabalhos desenvolvidos por Carl Rogers e colaboradores.

Pensador do Século XX, Rogers é filho dos ideais da Modernidade que colocam o homem no centro do universo como senhor absoluto, sem limites à pretensão de tudo conhecer. Na última década da sua vida, ao partir para os trabalhos com grandes grupos, Rogers começou a descortinar um mundo de múltiplos e complexos fenômenos. Não se sabe, se seria possível, para Rogers, sair das idéias metafísicas da sua concepção de natureza humana e compreender o *descentramento* que as vivências grupais estavam demandando.

Esta pesquisa vai questionar as lógicas representacionais e as identidades impermeáveis que compõem os ideais da Idade Moderna. Apresenta a análise de personagens literários e de casos clínicos no enfrentamento de situações desalojadoras. Produz dados empíricos, através de depoimentos de cinco terapeutas que tiveram experiências em grupos.

Terminado o processo investigativo, se conclui que o desenvolvimento da escuta clínica implica em sermos *afetados* por experiências desalojadoras. É necessária a transformação para podermos possibilitar o processo existencial na sua força criadora. A organização grupal oferece um campo propício para experiências complexas e múltiplas que, de forma contundente, levam ao confronto com experiências incontornáveis e fundamentais para o devir humano, no contraponto do reconhecimento do limite do viver.

## **ABSTRACT**

This study aims both to clarify what routine life disturbing experiences are in fact and to analyse to what extent they help to the formation of the clinical listening itself.

This work focuses on this author's personal experience in the Large Groups Centered in the Person which were based on the research developed by Carl Rogers and co-authors.

Carl Rogers, a twentieth century thinker, is a son of the Modernity Ideals that consider man in the center of the universe, as the Almighty and having no limits to all possible knowledge. Rogers, in the last decade of his life, when working with large groups, started to discover a world of multiple and complex phenomena. One doesn't know if it would be possible for Rogers, to abandon the metaphysical ideas of what human nature means to him and then understand the decentralization demanded by group experiences.

This research questions both the representational logic and the impermeable identities that make up the Modern Era ideals. It reports the analysis of literary characters and in-session patients who have to deal with routine life disturbing situations. This study also presents empirical data based on reports from five therapists who engaged in group experiences.

This author concludes that the professional therapist own development implies that he himself experiences life disturbing situations. This will enable him to better understand his patients problems and in this way be able to help them more effectively. Group organization does offer an opportunity for complex and multiple experiences that make the individual face helpless situations which are fundamental for the own person's growing as a human being.

## SUMÁRIO

### I. PRELIMINARES

Uma História Viva.....	13
------------------------	----

### II. INTRODUZINDO A TEMÁTICA

Refazendo a Trajetória e Abrindo Desafios.....	35
--	----

### III. EU 'MESMO' E/OU 'OUTROS'?

### IV. DESALOJAMENTO: CONDIÇÃO HUMANA

4. 1. Escuta Clínica: afetação do desalojamento?.....	69
---	----

4. 2. Desalojamento: desconstrução ou desintegração?.....	74
---	----

4. 2.1. Uma Ilustração Literária.....	79
---------------------------------------	----

4. 2. 2. Uma Ilustração (Re)-viva.....	95
--	----

### V. DESALOJANDO-SE NO PESQUISAR

5.1. Elucidando o Caminho.....	109
--------------------------------	-----

5. 2. Encontrando Interlocutores.....	114
---------------------------------------	-----

5. 2.1. Como fui encontrá-los.....	114
------------------------------------	-----

5. 2.2. De onde parto.....	117
----------------------------	-----

5. 3. Que Compreensões Estou Tendo Do Que Vivi E Ouvi?.....	121
---	-----

5.3.1. “A diferença maior foi no meu jeito de estar no mundo”.....	121
5.3.2. “Eu acho que eu perdi a ilusão, eu me dei conta que não tem vacina”.....	135
5.3.3. “Vir mais segura ao encontro do desconhecido”.....	141
5.3.4. “Não dá pra gente ficar prestando atenção só na queixa”.....	152
5.3.5. “Ela falava muito por uma outra coisa, que ela tava precisando falar”.....	159

## **VI. POSSIBILIDADES ATUAIS DO DIZER**

<b>VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>185</b>
---	------------

## **ANEXOS: As Entrevistas na Íntegra**

## **I. PRELIMINARES**

### **Uma História Vivida**

Ao inclinar-me sobre o meu campo de reflexão, identifico um longo caminho de exercício profissional, no qual a ênfase tem sido na escuta e no fazer clínico numa perspectiva fenomenológica-existencial. Sou psicoterapeuta há mais de vinte cinco anos em consultório particular e supervisora de estágio em Psicologia Clínica na Clínica-Escola da Universidade Católica de Pernambuco há mais de duas décadas. O trabalho no consultório e o de supervisão foram, durante muitos anos, voltados para o atendimento individual. No entanto, desde o início e durante todo o percurso do meu desenvolvimento profissional, participei e participo de experiências em grupo e com grupos.

Colei grau no ano de 1972 e o meu estágio curricular foi em Psicologia Clínica, com orientação rogeriana, como então se chamavam os trabalhos baseados nas formulações desenvolvidas por Carl Rogers. O meu supervisor, Lúcio Flávio Campos, era um estudioso da obra rogeriana e vinha se dedicando, nos últimos anos, à formação de terapeutas e de aprendizes dos trabalhos de Rogers, aqui em Recife, Nordeste do Brasil. Em decorrência disto, após o término do curso regular de psicologia, permaneci, juntamente com outras colegas de estágio e durante o período de janeiro de 1973 a setembro de 1981, reunindo-me sob a supervisão e orientação do Professor Campos. Continuávamos, desta

forma, estudando e evoluindo como terapeutas, à luz dos princípios da Teoria Centrada no Cliente<sup>1</sup>.

Foram anos férteis no desenvolvimento dos nossos conhecimentos e, principalmente, nas aprendizagens vivenciadas das relações humanas, a partir dos treinamentos efetuados uns com os outros. Acredito que esse espaço, desenvolvido durante bons anos, deu o alicerce afetivo-teórico, básico e fundamental, para os vãos que ainda estavam por vir. Já tinha me submetido a alguns meses de psicoterapia individual, mas a experiência psicoterapêutica mais significativa, até então, fora feita em grupo, como parte de uma formação de terapeutas, com início no começo de 1973 e término em finais de 1977.

No decorrer do tempo, as experiências grupais se multiplicaram e se diversificaram. Desejo aqui dar especial realce às grandes experiências grupais inspiradas nos trabalhos de Carl ROGERS e colaboradores.

*As experiências em grandes grupos*, também chamadas de vivências em comunidade, foram movimentos criados e desenvolvidos nos Estados Unidos por Carl Rogers e colaboradores, e disseminados por várias partes do mundo. Esses eventos constituem intensas experiências de grupo, onde uma grande quantidade de pessoas se reúne, em lugares aprazíveis, próximos à natureza, durante um período determinado de tempo, permanecendo em total imersão neste lugar e

---

<sup>1</sup> Nome pelo qual ficou sendo designado a Teoria da Terapia e da Personalidade desenvolvida por Carl ROGERS.

nesta vida. É importante ressaltar que esta imersão é potencializada pela separação entre estas situações e a vida rotineira dos sujeitos, nos seus tempos e espaços costumeiros. Nessas experiências, procura-se exercitar a aprendizagem de conviver com um número diversificado de pessoas e se exercita a aprendizagem de tomar decisões e de fazer escolhas, não só com a bagagem das referências anteriores, mas, principalmente, a partir das mudanças advindas dos acontecimentos que afetam a todos. Viver essas experiências nos aproxima de um contato muito íntimo com a realidade humana, com suas lutas e conflitos. O acolhimento e a contenção grupal, que essas vivências possibilitam, permitem e potencializam a emergência de expressões afetivas normalmente contidas e escamoteadas nas situações cotidianas, e isto, muitas vezes, é estranho e assustador. A aprendizagem singular é lidar com a emergência destas expressões e, notadamente, lidar com a afetação que elas causam, se deixando transformar.

*O objetivo dessas experiências é descobrir possibilidades criativas de desenvolvimento, novas e mais satisfatórias, de viver na relação consigo mesmo e com os demais. A fonte produtora dessas descobertas são as vivências ocorridas durante aqueles dias e em decorrência do contato com a diversidade de pessoas e com o inusitado, que aquela espécie de vida proporciona. “Sem controle autoritário ou democrático, acordos sutis são alcançados através do escutar de cada voz que queira ser ouvida, pelo acompanhamento do “sentido” orgânico e mutante do grupo.” (ROGERS, in: WOOD, 1983, p.56). O único acontecimento pré-determinado nesses eventos é o*

encontro do *grupão*<sup>2</sup>, cujo propósito é permitir o fluir das emergências presentes, de onde se delinearão as outras atividades. Estas são atividades diversas, efetuadas de acordo com os interesses, as expectativas, as capacidades e as necessidades de cada um. Variam desde atividades teóricas específicas, a grupos de vivências e momentos de lazer.

Ao longo das minhas participações em Grandes Grupos, iniciadas em fevereiro de 1977, na aldeia de Arcozelo, Estado do Rio de Janeiro, quando da primeira vinda de Carl Rogers ao Brasil, pude constatar que o contato com a ‘*verdade experiencial*’<sup>3</sup> que acontece nessas vivências potencializou a minha escuta clínica. O que tenho descoberto é que não é possível ser a mesma terapeuta de antes, seguindo estritamente os mesmos princípios teóricos. A imersão em um lugar e em uma vida, tão diferentes das atividades rotineiras, e o contato com uma quantidade e diversidade de pessoas puseram em cheque muito do que eu pensava e, significativamente, muito do que eu pensava que sabia a respeito de mim, sobre o humano e sobre o mundo.

Depois da primeira experiência impactante, em grandes grupos, vivida em Arcozelo, participei de duas outras, não tão fortes quanto a primeira, mas,

---

<sup>2</sup> O *grupão* é o nome pelo qual é designado o momento em que todos os participantes do encontro se reúnem e, a partir do qual, surgem todas as deliberações das demais atividades do restante dos dias. É prevista a sua repetição diária, sem que isto represente uma imposição, por ser este um reduto significativo para possibilitar a manifestação e captação das *forças vitais* emergentes ao longo dos acontecimentos de todos os dias.

<sup>3</sup> “*Verdade experiencial*” deve ser entendida diferentemente de verdade como um estado de adequação ou verdade representacional. Trata-se de “verdade” no seu sentido originário de *aletheia* utilizada por Heidegger e que significa *descoberta*. A “verdade” como *descoberta* é sempre *desocultação* e *ocultação*. São os *entes* o que se descobre. “O ente é retirado do velamento. (...) O fato da deusa verdade de Parmênides colocá-lo diante de dois caminhos, um do descobrimento e outro do velamento, significa simplesmente que a pre-sença já está sempre na verdade e na não verdade.” (HEIDEGGER, {1927}1988, p.291)

também, bastante significativas. Ambas aconteceram em Pirassununga, Estado de São Paulo, não mais com a presença de Rogers, mas com a participação de dois dos seus mais próximos colaboradores, John K. Wood e Maureen Miller O'Hara que, igualmente, estiveram em Arcozelo, além de alguns outros representantes do trabalho de Rogers, aqui no Brasil, em especial Rachel Lea Rosenberg. A primeira dessas experiências foi em 1981 e a segunda em 1985.

Essas três grandes experiências em grandes grupos, em que tive oportunidade de participar, obedeciam às características dos *grupos de encontro* desenvolvidos por Carl Rogers e colaboradores. Inicialmente estes grupos aconteciam com poucos participantes e duravam apenas uns fins de semana. Posteriormente, aconteceram as grandes experiências de comunidade, das quais estas três mencionadas são significativos exemplos. As grandes experiências de comunidade foram experiências desenvolvidas a partir da terapia de grupo, na qual existia um ou dois terapeutas. Com o advento das grandes vivências intensivas de grupo, o terapeuta passou a desempenhar o papel de *facilitador*<sup>4</sup> da experiência de aprendizagem.

Os congressos, comumente designados por encontros, dos profissionais filiados à Abordagem Centrada na Pessoa,<sup>5</sup> que surgiram na América Latina,

---

<sup>4</sup> Termo que Rogers considerou mais apropriado para designar aqueles que nas Grandes Experiências de Comunidade estariam a serviço da manifestação das *forças vitais*. **NOTA: Forças da vida ou forças vitais são as energias que regulam a existência humana e que se manifestam, independente dos controles exercidos pelas normas culturais vigentes nas várias épocas.**

<sup>5</sup> Nome genérico pelo qual ficou sendo conhecida a ampliação dos princípios teóricos da Terapia Centrada no Cliente às outras áreas das relações humanas: educacional, familiar, organizações de trabalho e grupos.

funcionam com inspiração nestes grandes encontros de comunidade. Nesses eventos, o objetivo é a atualização das experiências profissionais, consoante as trocas teórico-afetivas efetuadas durante o encontro. Muitos levam trabalhos escritos, outros não, e todos podem, na medida das suas necessidades e possibilidades, apresentá-los. Apesar do movimento prévio de preparação para o evento, não existe uma programação anterior que defina o horário e a apresentação dos trabalhos. Esta programação surgirá como resultado dos acontecimentos vivenciados na emergência do *grupão* e que, por seu turno, também poderá ser alterada no desenrolar dos demais dias.

Muitos dos trabalhos trazidos são apresentados, mas dificilmente da forma e do jeito que seus autores imaginaram fazê-lo. Outros não são nem apresentados, e seus autores descobrem formas mais ricas e criativas de discutir suas idéias ou de atualizar suas vidas. Ainda outros, que não pensavam fazer nenhuma apresentação, se encorajam e discutem suas questões e inquietações.

Nesses tipos de eventos não existe a figura instituída do *facilitador*. Surgirão, eventualmente, os facilitadores naturais que, no evoluir das situações, emergem e se diluem. É interessante observar que as pessoas mais experientes e mais representativas, nesses movimentos grupais, ou aquelas que já têm uma produção teórica reconhecida, funcionam como referências e pontos de apoio para os principiantes. No início, a comissão organizadora do evento também exerce este papel. Muitas vezes, um ou outro dos seus componentes permanece exercendo essa função no decorrer de todo o encontro. Acredito que estes são

elementos facilitadores para a instalação da configuração grupal e para o mínimo de contenção, necessários para o acontecer das emergências grupais e para a criação e recriação transformadoras do devir humano.

Abrirei um parêntese, no relato desta história vivida, para tentar descrever e melhor esclarecer **o que acontece nos grupões... e no todo da experiência comunitária.**

Nesta descrição, vou me ater mais particularmente aos Encontros dos Grandes Grupos Intensivos, onde o objetivo é as trocas profissionais e que funcionam, como mencionei, com inspiração nas grandes experiências comunitárias. Iniciarei tentando oferecer um panorama mais detalhado e realista dos *grupões*, mas não me deterei nele, pois a experiência comunitária é muito maior que o *grupão* e ocorre em todos os momentos e em todas as situações do evento. Geralmente, os lugares reservados para estes encontros ficam totalmente destinados aos seus participantes. Além do mais, as pessoas compartilham quartos com os outros companheiros do evento. Às vezes, acontece com antigos conhecidos, mas, em muitas ocasiões, ocorre com pessoas totalmente estranhas, ou com quem apenas se conhece, mas com quem nunca se compartilhou intimidades. Todos estes fatos permitem a criação de situações favorecedoras para o surgimento do processo comunitário.

O *grupão*, como anteriormente referido, é o momento onde todos os participantes do encontro se reúnem numa hora determinada do dia. É o primeiro

acontecimento do evento, pois a partir dele é que se tenta desvelar as necessidades dos participantes que, então explicitadas, servirão de norte às demais atividades. Normalmente, fica estabelecido em cada dia um tempo de quatro horas para esse momento que, não raro, é extrapolado devido às emergências das situações existenciais. O limite do tempo acaba sendo, em decorrência, determinado pelos horários das refeições do local de hospedagem. Algumas vezes, o *grupão* pode ocorrer como a primeira atividade do dia; em outras ocasiões, pode ser a atividade vespertina, e, em muitas outras, pode iniciar após o jantar e varar pela noite afora. Embora previsto para ser diário, mas sem ser uma regra impositiva, em alguns dias ele pode, excepcionalmente, também não ocorrer. De uma forma geral, na hora e no ambiente determinado para esse encontro, que geralmente é um lugar protegido, acolhedor e confortável, as pessoas vão chegando e se acomodando. Este espaço é sempre provido de muitos almofadões, colchonetes e algumas cadeiras, onde os participantes se alojam. Os primeiros que chegam vão fazendo das paredes encostos, e daí vai se formando um grande círculo. Os retardatários tentam encontrar seu lugar entre uma ou outra pessoa já acomodada. Outros se sentam sem nenhum encosto, ou se encostam às pernas de algum conhecido, e vão formando um segundo círculo, e, em algumas ocasiões, terceiros círculos ou semicírculos vão sendo formados, dependendo do tamanho da sala ou do número de participantes. Em cada encontro, a configuração grupal, no primeiro dos grupões, se assemelha mais a um amontoado de pessoas, o que faz com que, mesmo se estando em grandes espaços, a quantidade de participantes dificulta a acomodação de todos, de maneira confortável. Esse fato, com o suceder dos acontecimentos vivenciados

em comum no passar dos dias, vai desaparecendo eis que, apesar do espaço e das pessoas permanecerem os mesmos, a forma que o grupo vai tomando, sob o efeito dessas vivências, possibilita uma acomodação mais confortável, anteriormente impossível.

Depois da chegada de todos, com os afagos e cumprimentos naturais de antigos conhecidos, vai se observando um silêncio que, por sua vez corrobora a instalação de um clima de ansiedade e expectativa. Geralmente, a Comissão Organizadora se apresenta e comunicam, em breves palavras, os seus esforços de oferecer uma estrutura possibilitadora de condições para que todos, a partir dali, possam juntos se responsabilizar pela construção de uma comunidade de aprendizagem. O grupo é composto por uma variedade de pessoas, tanto em diferença de sexo, idade, tempo de profissão, especialidade profissional, e estudantes do último período de psicologia, sempre, referendados por algum professor. Muitos são antigos companheiros de eventos anteriores, outros estão ali pela primeira vez. Alguns são referências em vivências de grupo, ou destaque nas suas produções profissionais, outros são meros desconhecidos. Mas nenhum, pelo menos inicialmente, e naquela situação específica, se sobressai, porquanto a própria disposição grupal, em que a maioria está sentada no chão, nivela a todos.

As primeiras falas que surgem são geralmente tentativas de quebrar o incômodo com a situação de espera, *“em que nada aconteceu”*, ou da sensação de perda de tempo, *“não vim de tão longe para ficar aqui sentado olhando um pra cara do outro...”*. Alguns se pronunciam, falando dos seus interesses profissionais e do que

gostariam de discutir. Frequentemente, essas manifestações são acompanhadas por tantas outras que revelam desejos semelhantes, embora tratando de especificidade diferente. Há quem, se contrapondo a estes, defendem a opinião de que preferem se conhecer melhor, antes de qualquer discussão teórica.

Começa paulatinamente o aparecimento das diferenças e dos desencontros. Pessoas que ao falar são interessantes nos seus argumentos, outras que são profundamente desagradáveis nas suas atitudes. Alguns que são doutrinários e outros autoritários, dando definições teóricas de como se deveria se proceder em ocasiões deste tipo. Outros revelam seus espantos, *“de como é que numa comunidade de Centrados na Pessoa, onde tem tanta gente experiente não haja uma pronta facilitação para a resolução dos conflitos surgidos”*. De repente, um se levanta e diz que veio para o encontro pensando em *“renovar as ‘baterias’ para enfrentar a luta do cotidiano”*. Outro acrescenta que veio para rever os amigos. Cada uma dessas falas desperta, ora manifestações semelhantes, ora expressões contrárias. Muitos permanecem em silêncio, em compasso de espera; outros revelam semblantes de incredulidade diante *“do como”* as coisas estão acontecendo. Alguns amedrontados. Outros insatisfeitos.

Paulatinamente, nuances de variação e filigranas de diversidade são demonstradas. Vê-se, o movimento de alguns, com o propósito de organizar os temas de trabalhos para serem apresentados. Feitas às indicações e as escolhas, este grupão pode terminar com uma comissão, espontaneamente auto-instituída, tentando organizar as atividades dos próximos dias, em cartazes que serão

afixados. Discussões ainda surgem pela insatisfação de alguns, face à superposição dos horários de certos temas que atraem os interesses de muitos. Outros argumentam contra isto, alertando “*de que não se pode participar em tudo que se quer*”. Alguns ainda discordam, mas sem muita ênfase, e o grupo começa a se dispersar. Muitos vão saindo aos pouquinhos e outros tantos ainda permanecem, se aglomerando em pequenos grupos. Os que ficam entrosam conversas animadas, atualizando as novidades com antigos companheiros. Outros passam a cantar ao som de um dedilhar do violão. Dos que saem, vários vão dormir devido ao adiantado da hora e ao cansaço da viagem. Muitas vezes, no entanto, nem conseguem de imediato, pois as conversas continuam com os parceiros, com os quais dividem os quartos, tentando metabolizar a estranheza do ocorrido no grupão. Outros vão ficando pelo caminho, bebericando no bar do hotel ou se juntando em qualquer outro recanto. Diversas coisas irão surgir e que terão repercussão no desenrolar dos acontecimentos.

Seria pertinente ressaltar que o encontro das refeições constitui momentos significativos. As refeições são realizadas em lugar comum a todos e constituem espaços de onde flui o começo ou recomeço de várias situações importantes para a vivência daquelas pessoas. Ali alguns conseguem ter coragem, de iniciar a falar, mencionando, por exemplo, o trabalho que trouxeram, ou expressando-se sobre as angústias que sentem ao estar diante de tanta gente. Outros, ao sentirem-se encorajados de sentar à mesa com alguém que admiram, podem, muitas vezes, mesmo permanecendo em silêncio, relacionar-se de perto com aquela pessoa.

A partir da primeira tentativa de organizar os temas anunciados na noite anterior, as pessoas se dirigem para os cartazes afixados, geralmente na parede externa da sala do *grupão*, para se direcionar as atividades preferenciais. Estes temas são apresentados, em algumas ocasiões, por mais de um palestrante atraído em razão da matéria e da vertente profissional que o assunto desperta. Desde a hora em que os temas são anunciados e ficaram evidenciadas as ligações entre interessados em debatê-los, juntam-se os apresentadores e ampliam-se as idéias e discussões. É importante assinalar que ninguém, neste tipo de evento, recebe convite especial para ser conferencista. Todos os interessados em participar do encontro são incentivados a elaborar o que vem desenvolvendo e pensando, e poderão apresentar oralmente, ou não, os seus trabalhos, fato que, ao ocorrer, não será nunca de forma semelhante às aquelas situações dos congressos em geral. Digo isto para caracterizar que mesmo nos momentos em que alguém vai apresentar o seu trabalho, neste tipo de evento que estou aqui descrevendo, a situação deverá ser favorecedora para a constituição do processo comunitário. Todos ficam sentados em círculo, em almofadões ou em cadeiras, conforme a comodidade das pessoas. Esta disposição aproxima os ouvintes e apresentadores, possibilitando um clima onde uma maior quantidade de participantes se pronunciam, e não só isso, conseguem discordar e trocar idéias, efetivamente, com os demais sem maiores inibições.

Os temas variam de acordo com as especialidades e as atividades desenvolvidas pelos participantes presentes ao encontro e que estejam dispostos

a debater os seus trabalhos e as suas idéias com todos, ou com quem interessar possa. Além de trabalhos eminentemente teóricos, são trazidos, também, temas para discussão que estejam fazendo parte da preocupação daqueles participantes, na vida pessoal, social ou profissional. Quase sempre são temas existenciais que mobilizam muitos. Podem versar, por exemplo, sobre relação entre os sexos, questões da vivência da sexualidade, criação de filhos, relações de casamento, velhice, mitos, questões sobre a violência vivida por aquelas pessoas em problemas culturais específicos, e tantos outros. Estes assuntos atraem as pessoas, não só por trabalharem, especificadamente, com temas relacionados a estes, mas por serem assuntos que, atualmente, mexem com suas vidas. Estes grupos, mesmo implicando em debates teóricos férteis, apresentam encaminhamentos eminentemente de cunho emocional, por provocar depoimentos vividos por algumas daquelas pessoas que, por sua vez, são disparadores de 'insights' em outras, a respeito de si mesmas. Estas situações, por si só fornecem elementos para a instalação de vínculos afetivos entre àquelas pessoas que talvez nunca pudessem ocorrer, e, muito menos, no nível que este tipo de vivência possibilita. São tantas as emoções partilhadas que, depois de passado apenas um dia, parece que se viveram meses... Claro que nos seus depoimentos estas pessoas não só suscitam sentimentos amorosos. A gama complexa de emoções e o relato das violências vividas possibilitam a explosão de muitos outros sentimentos, permitindo a expressão de ódios contidos e escamoteados por toda uma vida.

Nem todos participam dos acontecimentos em sua totalidade por ser impossível estar nas mesmas horas e lugares, mas todos estão respirando uma atmosfera de profunda ebulição e de uma forma ou de outra, poucos ficam imunes.

Por este relato acima, pode se deduzir que o *grupo* seguinte terá uma movimentação bastante diferente do anteriormente acontecido. Tudo o que foi apreendido no desenrolar das horas situou estas pessoas nas suas realidades existenciais. No mínimo, aproximou-as desta realidade e, conseqüentemente, nada pode ser o mesmo. Insatisfações variadas podem vir à tona, em relação à alguns membros da comissão, ou com um companheiro de quarto com hábitos diversos, ou com qualquer outro componente do encontro. Estas manifestações geram semelhantes reações de outros participantes ou, então, sentimentos de apreço e consideração pelas mesmas pessoas que em alguns estão suscitando animosidade. Encontros e desencontros se multiplicam. Expressões pessoais desagradam. Competições são acirradas.

Dentro deste contexto e em função dele é oportuno descrever uma situação vivida em um Encontro determinado. *“De repente, um dos presentes começa a chorar alto e convulsivamente. Todos se calam e ficam as esperas. Alguém mais próximo, ou que já se sentia vinculado àquela pessoa, aproxima-se e senta junto e enlaça suas costas. O choro continua, aumentando em ritmo e intensidade. Depois de algum tempo, mais calma, pronuncia algum relato elucidador de tanto sofrimento. Fala da dor da sua infância e de toda sua família*

*com a violência paterna. Refere-se a abusos sexuais que sofreu de seu pai. Ódio e muita dor eclodem do relato daquela jovem mulher. Lamenta a impossibilidade de confrontar-se com este pai que atualmente está morto. Volta a chorar muito, só que, agora, é com pena do pai e de si mesma. Surgem mais choros onde explodem relatos em que a tônica é o ressentimento e o ódio, vividos por alguns outros de formas variadas. Depois de um tempo de silêncio, e no outro extremo da sala, uma senhora começa a relatar a morte da filha, também com muita dor e sofrimento. Vários relatos de perdas se manifestam. De repente alguém grita tremendo muito, e diz estar com muito medo. Chora durante algum tempo com fortes tremores corporais e, finalmente, fala do terror que está sentindo com a idéia de que seus dois filhos adultos possam vir a morrer. Muitos a abraçam e a confortam.”*

Este foi um quadro que achei importante moldurar. Em situações como essas, a maioria se emociona e chora no compartilhar a dor de alguns. Muitos, no entanto, acabam se dando conta de que se trata de uma dor que é de todos.

Depois de vivências desta ordem, que implica no contato profundo com questões da existência, as pessoas precisam de um tempo para se refazer. Paralelamente, o efeito das emoções vivido aproxima, geram empatias, simpatias e antipatias, que vinculam todos. Muitos ficam em seus quartos com seus companheiros alongando as reflexões. Outros vão nadar na piscina, quando isto é possível como uma forma de se restabelecer. Outros saem em longas caminhadas solitárias ou não. A noite termina, após o jantar, com alguma atividade de lazer

leve e calma. Muitos permanecem, até altas horas juntas. Sempre boa música e bons vinhos aparecem... Toda esta vivência comunitária cria uma atmosfera onde vicejam sentimentos múltiplos e conflitantes. Pessoas se repelem. Idéias são admiradas. Corpos se atraem. Existem fatos que só são comentados nos corredores ou na intimidade dos quartos. Nem tudo é explicitado, mas muito é sentido ou pressentido. Pessoas trocam de quartos na medida dos acasalamentos que se sucedem ao sabor dos acontecimentos. Muitos se apaixonam e se desiludem, ao longo dos dias de um Encontro ou no processo de vários. Todos estes acontecimentos permitem que as situações vivenciadas, na experiência como um todo, sejam enriquecidas por elementos criativos e transformadores das pessoas e dos temas. Os cartazes, inicialmente afixados para nortear a todos com os temas a serem apresentados, já sofreram inúmeras modificações. Horários são mudados, temas novos surgem, palestrantes se manifestam.

O último grupão do Encontro, além de servir para o fechamento daquele evento em si, com as manifestações das últimas impressões possíveis, dos agradecimentos e das despedidas, destina-se, também, para a definição do lugar para o próximo.

Fecho aqui o parêntese, aberto com o intuito de melhor descrição e esclarecimento do que **acontece nos grupões... e no todo da experiência comunitária**, para, no parágrafo seguinte, continuar com o relato da minha história vivida.

Foi dentro deste espírito, acima descrito, que participei de vários Encontros da Abordagem Centrada na Pessoa, tanto os de caráter regionais, nacionais, latino-americanos e um de caráter internacional.

Acrescido a estas experiências, destaco o trabalho que desenvolvi de Formação de Terapeutas e o de Facilitação de Grupos de Encontro, em mais de uma dezena de situações e com parcerias variadas. É interessante observar que sempre foi uma preocupação minha garantir para os alunos do nosso programa de formação a presença de outros profissionais, além da minha parceira de trabalho, Carolina Dubeux. Esta preocupação era resultante da consciência das múltiplas interações que envolvem as complexas situações de aprendizagem, notadamente, no que tange ao desenvolvimento da escuta clínica.

Concomitante à atividade de psicoterapeuta, iniciada ainda no estágio curricular, e não mais interrompida durante mais de vinte cinco anos de vida profissional, tenho desenvolvido, desde o ano de 1973, o trabalho de docência em Psicologia. No início, ensinando em turmas de licenciatura curta e, a partir de 1974, em turmas do Curso de Formação de Psicólogo, para, já em 1978, começar o trabalho como supervisora de estágio, na Clínica Escola da Universidade Católica de Pernambuco, atividade que, desde então, nunca foi interrompida.

Desde finais de 1995, quando da implantação do Serviço do Psicodiagnóstico Interventivo para Pais e Crianças na Clínica-Escola da UNICAP,

que o trabalho como supervisora de estágio vem paulatinamente se diversificando e se tornando mais complexo. CUPERTINO (1995) define o Psicodiagnóstico Interventivo, como aquela situação em que: *“psicólogo e cliente se envolvem a partir de pontos de vista diferentes, mas igualmente importantes, na tarefa de construir sentidos da existência de um deles - o cliente”*.(p. 138). O Psicodiagnóstico Interventivo fundamenta-se na psicologia fenomenológica e implica em mostrar ao cliente a situação que ele apresenta, de um **novo modo**. Essa nova forma desestrutura, momentaneamente, percepções antigas e obriga o cliente a reorganizações perceptuais, e, conseqüentemente, novas opções de vida poderão acontecer. A perspectiva fenomenológica influencia diretamente a prática do psicodiagnóstico em alguns aspectos fundamentais. O saber teórico e institucionalizado do psicólogo perde a primazia e se equivale ao saber pessoal da criança e seus pais. Essa equivalência se efetua num trabalho conjunto e participativo entre profissional e cliente. A queixa não é mais olhada de forma isolada e, sim, inserida no mundo de significações do sujeito. Tenta-se compreender o **ser-no-mundo** do cliente, através da queixa relatada, numa tentativa de **re-significação** e possíveis modificações na relação consigo mesmo e com os demais.

As complexidades e diversificações, mencionadas, foram acontecendo, no início, com o fato de atender a clientela em grupo, e na companhia de outros supervisores. Em seguida, com a introdução, em princípio tímida, dos estagiários na experiência. Depois, com o desenvolvimento do trabalho efetivo dos estagiários junto com o supervisor. E, finalmente, com a assunção cada vez maior dos estagiários, e a desvinculação do supervisor, no trabalho direto com os grupos de

pais e crianças. Atualmente, o trabalho se efetiva com a organização das equipes dos monitores e co-monitores e respectivas supervisões dos atendimentos efetuados. Os estagiários, que passam pela experiência, serão os monitores nos próximos grupos e introduzem os novos estagiários, que, por sua vez, atuam como co-monitores.

Quando menciono as supervisões dos *Atendimentos dos Grupos do Psicodiagnóstico Interventivo para Pais e Crianças* na Clínica-Escola da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), refiro-me a supervisão da equipe de estagiários (monitores e co-monitores) no atendimento da clientela de Pais e Crianças em Grupo, num processo de desvelamento da queixa apresentada. É importante assinalar que o elemento complexo desta supervisão se atém, também, ao fato de ser efetuada em grupo e a um grupo de pessoas que se constituem, como tal, para àquela tarefa específica.

Trabalhar no desenvolvimento das equipes e lidar com a complexidade do trabalho em grupo tem sido rico e gratificante, apesar de ser um desafio constante e implicar em riscos maiores do que no trabalho individual. Enfatizo a complexidade da questão grupal, tanto em relação à equipe de monitores como com cada grupo de clientes, que, por sua vez, envolve pais e crianças com todas as variáveis que esta diversificação demanda. Os desafios que temos tido que enfrentar, estagiários e supervisor têm dado a medida do nosso desenvolvimento. Tem sido possível observar a metamorfose no crescimento de muitos dos

estagiários, que, tímidos e inseguros, no tempo da co-monitoria, se *'agigantam'* quando se encontram na tarefa de monitorar. Parece que este fato se deve, não só à responsabilidade de agora estarem *'à frente'* do *cuidado* dos clientes, mas, e, principalmente, de transmitirem para os novos estagiários, as atitudes que parecem mais pertinentes em cada situação do processo de atendimento. Transmissão esta que se efetua na medida das suas próprias atuações, implicando, portanto, um investimento de uma ordem muito maior. Esse investimento tem promovido a maturidade dos seus componentes e os transformados, em muitas ocasiões, em parceiros de reflexão no processo da supervisão.

Trabalhar na clínica e sobre a clínica tem sido o meu fazer e refazer profissional diário.

Durante esse tempo, a minha prática clínica foi me ensinando duas coisas sobre as condições facilitadoras do desenvolvimento da escuta terapêutica: *estar em contato com as forças da vida e relacionar-me com um número diversificado de pessoas.*

Sempre que participava e voltava de uma experiência em Grandes Grupos, sentia-me transformada no meu jeito de estar com o cliente no consultório. A sensação era de ampliação e deslocamentos múltiplos. Falo de experimentar, em mim mesma, a disponibilidade de outros recursos antes não existentes. A impressão era, muitas vezes, física. Sentia como se os "canais

internos” tivessem sido acrescidos de outros, ou melhor, havia mais espaços interiores e maiores possibilidades de movimentação. *O que tinha provocado tudo isso? O que fazer? Como compreender e elaborar essas novas configurações?*

Com o fim de desenvolver um trabalho investigativo, que possibilite a construção de um conhecimento em torno destes questionamentos, elaboro como **hipótese** da minha questão de pesquisa que as ‘brechas’ no cotidiano, as ‘quebras’ na ordem costumeira e o contato com o estranho, com o múltiplo e com o complexo, desestabilizam o rotineiro, ‘desalojam o eu’. Criam, com isto, possibilidades da escuta do novo e do redimensionamento das percepções, desconstruindo as *lógicas identitárias*<sup>6</sup>. Penso, também, que os momentos grupais suscitam, com maior probabilidade, situações dessa ordem pela multiplicidade de interações diferenciadoras que viabilizam. As condições em que as experiências desalojadoras são criadoras e não desestruturantes são aquelas em que o sujeito humano pôde constituir estruturas psíquicas, fortes o suficiente para dar contenção aos abalos que tais experiências suscitam. Caso contrário, não suportando as ‘quebras das certezas’ e sem respaldo no próprio alicerce psíquico fundante que enseje novas reorganizações, os abalos serão destruidores daquela estrutura psíquica fragilizada.

No prosseguimento desta dissertação, *introduzo sua temática* apresentando os construtos centrais da teoria de Carl Rogers e a evolução do seu

---

<sup>6</sup>Lógicas identitárias são as lógicas predominantes na Modernidade e que pensam a identidade, como aquilo que se repete numa pura coincidência do eu consigo mesmo.

pensamento. Foi apoiada neste referencial teórico, que construí a minha prática clínica, sendo, ao mesmo tempo, desafiada por esta prática a elaborar e a obter *novas* respostas teóricas.

## II. INTRODUZINDO A TEMÁTICA

### Refazendo a Trajetória e Abrindo Desafios

A inquietação que me levou a desenvolver esta dissertação reside na constatação de que a teoria desenvolvida por Carl Rogers faz parte dos sistemas de Psicologia, cujos conceitos centrais de *autonomia* e de *liberdade* buscam restaurar a ilusão da unidade do sujeito e da idéia de que o homem é o *centro* do mundo. Este fato se evidencia não só nos construtos dessa teoria, mas, particularmente, no seu próprio nome. Todos os psicólogos humanistas têm como axioma básico dos seus trabalhos a tendência para a autodeterminação dos organismos vivos, premissa essa que se baseia na capacidade natural desses organismos para a cura e crescimento. Carl ROGERS (1959), ao tratar desse princípio, utiliza a terminologia *tendência atualizante*, quando se refere especialmente ao desenvolvimento humano. O conceito de tendência implicaria na idéia de *'impulso para'*, o qual integra a natureza do organismo e nele opera enquanto houver vida. É possível verificar a importância desse pensamento na teoria de ROGERS, (1983;) nas afirmações a seguir transcritas:

*-uma tendência para se tornar toda a complexidade de que o organismo é capaz.-(p.50) e de que:- (...) existe uma fonte central de energia no organismo humano; que é função do organismo todo e não de uma porção dele; e que é talvez melhor conceptualizada como uma tendência para aperfeiçoamento, para atualização, para manutenção e enriquecimento do organismo. (p.05).*

É importante assinalar que organismo, na concepção rogeriana, implica a correlação bio-psico-social, compreendido como um todo direcionado por tal tendência motivacional única. ROGERS ([1961]1970) utiliza o termo orgânico para referir-se ao que é do corpo e cunha a expressão 'organísmico' quando se reporta ao que é do ser humano como totalidade concreta. Essa é a hipótese central da teoria de ROGERS (1957) - a hipótese do desenvolvimento ou da autodireção do indivíduo - que é revelada por ele ao expor a sua concepção de natureza humana,

compreendida como 'racionalmente' sábia. As suas idéias defendem que o comportamento humano seria regido por esta racionalidade, melhor dizendo, pelos objetivos organísmico. Toda problemática humana adviria quando a sabedoria organísmica deixasse de ser reconhecida e o comportamento fosse resultante das expectativas dos outros. Estaria estabelecida, então, uma bifurcação advinda de ordens distintas. De um lado, a racionalidade consciente que nos aponta uma direção e, do outro, a racionalidade orgânica. Todos os esforços clínicos de Rogers foram para desenvolver uma psicoterapia que possibilitasse o re-contactar com esta racionalidade, na proporção em que, se restabelecia a unidade funcional. Essa unidade implicaria no funcionamento humano como resultante do desenvolvimento da capacidade perceptiva à serviço do reconhecimento da experiência organísmica. De modo que, a consciência, não mais sendo fruto da demanda dos outros, corresponderia aos objetivos orgânicos.

ROGERS ([1951]1974), ao intitular a sua proposta terapêutica de *centrada no cliente*, teve a intenção de deixar assente a mudança do '*locus*' do poder que, até então, estava na mão do especialista ou, melhor dizendo, daquele que detém o '*douto*' saber. *Centrar-se no cliente* significava dar primazia ao saber do cliente, que seria apreendido no mundo de significados das suas vivências. Essa postura vai ser reveladora de uma nova atitude em relação à pessoa do cliente, pois este deixa de ser visto como uma doença, ou um problema, ou simplesmente um caso, para ser uma pessoa merecedora de respeito e consideração. Todo o esforço terapêutico seria no intuito de compreender e perceber como o outro percebe e compreende e com isto possibilitar o restabelecimento da ordem organísmica merecedora de mérito e confiança.

As atitudes de Rogers, frente ao cliente, confirmam a sua concepção de natureza humana, anteriormente mencionada, nas quais estão implícitas as premissas de liberdade e escolha na luta do homem para constituir-se.

No desenrolar do seu pensamento, ROGERS ([1961]1970), com sua postura, busca romper a dicotomia sujeito-objeto e demonstrar que não se pode pensar no objeto sem o sujeito e nem no sujeito sem o objeto. “*Está-se no pólo oposto de uma visão do cliente ou de mim mesmo como um objeto. É o ponto culminante da subjetividade pessoal*”.(p.180).

Essa é a constatação a que se pode chegar analisando a evolução de suas formulações terapêuticas. Essa evolução caminha desde a preocupação em não dirigir as escolhas do cliente, para um compromisso maior na busca de compreensão empática do seu sistema de referência. *Reconhecendo* a participação do mundo subjetivo do terapeuta na realização dessa tarefa, ele passa depois a *incluir*, cada vez mais, a subjetividade do terapeuta na relação, sem reduzi-la a um mero reconhecimento. Posteriormente, este trabalho se caracteriza como uma *psicoterapia intersubjetiva*, onde os aspectos da subjetividade do terapeuta e do cliente não são considerados como aspectos distintos da experiência a dois. Essas considerações podem ser melhor observadas nos vários estudos efetuados por HART (1970) e CURY (1987; 1993).

O período nomeado *Centrado na Pessoa* constitui-se como fruto das vivências dos trabalhos que ROGERS (1970) desenvolveu e disseminou com os *grupos intensivos*, que influenciaram de forma significativa a mudança e a evolução da prática da *Terapia Centrada no Cliente*, consoante pode se depreender na obra de CURY (1993).

ROGERS ([1951]1974; [1961]1970) desenvolveu os princípios de sua teoria a partir da psicoterapia individual; posteriormente, esses mesmos princípios foram sendo aplicados à educação, às relações familiares e às organizações de trabalho. A sua experiência partiu, portanto, da terapia individual e se expandiu para outras áreas das relações humanas, mas, nos últimos anos da sua vida, Rogers se dedicou, particularmente, ao trabalho grupal, primeiro com pequenos grupos, e, depois, com os grupos maiores, até chegar às grandes experiências de comunidade. Como relata WOOD (1983), as comunidades de aprendizagem

podem ser consideradas uma forma maior de terapia de grupo, só que nelas não existe mais a figura instituída do terapeuta e sim os *facilitadores* da aprendizagem. “Pelo compartilhar de tópicos vivamente revelados à consciência, os membros da comunidade criam valores novos e insuspeitos”.(p. 58) Estes elementos marcam profundas diferenças, na medida em que, na prática, não se ‘centra mais na pessoa’ e sim se põe a serviço das *forças da vida*.<sup>8</sup>

Com o advento e desenvolvimento do trabalho com os grandes grupos, é ampliada e reforçada a concepção sobre o processo terapêutico como um movimento ou fluxo experiencial, o qual passa então a ser compreendido como resultado da interação terapeuta-cliente. Viabiliza-se “(...) *uma fenomenologia da relação intersubjetiva e de sua função terapêutica, e não mais os aspectos subjetivos do cliente, ou do terapeuta, considerados como distintos da experiência a dois*”.(CURY, 1993, p.241).

Alguns psicoterapeutas, que viveram e vivem essas influências, parecem praticar, hoje, uma terapia condizente com a visão de mundo e de homem processual e histórica. Viver experiências intensas de grupo implica no confronto com a diferença, com a multiplicidade e com a complexidade. Nessas vivências, experimentam-se profundamente o caos e a processualidade, que estão implicados na organização de novas ordens e, em consequência, pode-se experimentar a *descentralidade* do homem. Foi isto o que eu própria pude experimentar ao perceber a dicotomia entre os construtos teóricos da Terapia Centrada no Cliente e as transformações advindas das vivências nos Grandes Grupos (Centrados na Pessoa?).

Ao desenvolver suas experiências com grupos, ROGERS (1979) recoloca o conceito de Tendência Atualizante e o reconceitua como Tendência Formativa, com a seguinte definição:

---

<sup>8</sup> Termo já definido nas *Preliminares* desta Dissertação.

*É admitido como hipótese que existe uma tendência formativa direcional no universo, que pode ser seguida e observada no espaço estelar, cristais, nos microorganismos, na vida orgânica, nos seres humanos. Esta tendência é uma tendência evolucionária, no sentido de maior ordem, maior complexidade, maior inter-relação (p.106).*

Seria o conceito de Tendência Formativa, por incluir múltiplos elementos em interação, mais abrangente do que o de Tendência Atualizante? Acredito que sim, embora não possamos, a partir dele, conceber o *descentramento*. Penso poder dizer que contém o germe que nos ajuda a pensar numa psicoterapia - não mais 'centrada na pessoa' - mas posta a serviço das 'forças da vida', ou da '*verdade experiencial*'. Não seria este o esforço da teoria da terapia rogeriana ao tentar restabelecer o contato com a '*racionalidade organísmica*'?

Nessa nova perspectiva, ou melhor, no contexto desse novo sistema, que é o grupo, ROGERS estaria apontando para o complexo mundo de interconexões em que se está envolvido, pois as suas idéias básicas contêm o cerne das idéias de auto-organização dos sistemas, no processo de interação da vida. É com Prigogine, químico moderno, que ROGERS (1983) consubstancia suas idéias, não só quando aquele autor focaliza o papel construtivo da desordem, mas quando ele se detém no estudo da instabilidade dos sistemas complexos.

Acredito que Carl ROGERS, ao penetrar na questão grupal, deu o passo inicial para uma evolução dos princípios da sua teoria. Hoje, parece não ser mais possível uma relação terapêutica '*um a um*', sem compreendê-la inserida e constituída por múltiplas condições, como aponta CURY (1993),

*(...) a ênfase maior recai sobre uma análise da relação intersubjetiva que se desenvolve entre o terapeuta e seu cliente a serviço do cliente. Este posicionamento teórico não negligencia os fatores internos do cliente, nem omite a presença de fatores transpessoais: ao contrário, propõe-se a reabilitá-los através de uma compreensão mais abrangente dos fatores que*

*constituem a própria relação terapeuta-cliente. (...) O eixo principal desloca-se de uma tentativa de “centração no cliente”, que na prática nunca ocorreu efetivamente, para uma visão mais realista que visa conferir poder à relação intersubjetiva.(p. 245-246).*

Chega-se a conclusão que não é mais possível pensar o grupo e facilitá-lo a partir dos princípios da terapia individual, exclusivamente. Assim, ROGERS estaria apontando para uma outra direção. Acredito que estivesse indo além da intersubjetividade e reconhecendo fatores múltiplos que incidiriam na compreensão dos fenômenos psíquicos, o que nos permite concluir a partir das reflexões que faz consubstanciada pelos estudos de PRIGOGINE, já mencionados. É importante observar que CURY (1993), na evolução doutrinária da sua tese, conforme citei acima, reconhece esta complexidade de fatores que incidem ou constituem a relação.

Nestas reflexões, o que se pode verificar é o surgimento dessa *Nova Ordem*, não mais linear, e sim *Complexa* e *Múltipla*, que está a exigir, em decorrência, que os conceitos centrais da teoria, postos em epígrafe - *Autonomia* e *Liberdade* - sejam *redimensionados*.

Estudos anteriores já foram realizados nessa direção, como na tese de doutorado desenvolvida por MOREIRA (1990), pondo em relevo a importância de irmos *‘além da pessoa’*, ou melhor, enfatizando que o centro não é a pessoa, ou mais precisamente, que nossa apreensão dos fenômenos psíquicos não deve se referir a um *centro*. Nos seus estudos, essa autora indica que a noção de pessoa da teoria rogeriana poderia ser delineada:

*como uma pessoa “centrada”, autônoma, racional, que traz dentro de si mesma os recursos para seu próprio desenvolvimento. Essa pessoa é pensada como um ser interiormente livre, subjetivo, absoluto, universal. Trata-*

*se de uma concepção dicotomizada, cuja ênfase, essencialista e metafísica, sublinha a interioridade, e caracteriza a pessoa como indivíduo. (p.75).*

No seu desenrolar, esta tese propõe para a psicoterapia a concepção filosófica merleau-pontyana de “homem mundano”, onde se compreende a constituição mútua de homem-mundo, e não o homem como centro do mundo, e sugere: “o conceito de “carne” de MERLEAU PONTY como contribuição à(re)formulação teórica do modelo de homem de Carl Rogers”.(MOREIRA, 1990, p.164).

Em outros estudos, elaborados desta feita por Edgar MORIN (1996), os conceitos de *autonomia* e de *liberdade* são redimensionados. Esse autor nos revela o paradoxo da auto-organização, ao sublinhar que para haver autonomia necessitamos depender do mundo exterior. E, no desenrolar do seu pensamento, afirma: “(...) eu não falo de auto-organização, mas de auto-eco-organização (...)” (p.47). Este mesmo autor destaca que para concebermos a idéia de sujeito devemos reconstruir os conceitos num processo de encadeamento.

*(...) essa noção de sujeito nos obriga a associar noções antagônicas: a exclusão e a inclusão, o seu, o ele e o se. Para isto, é necessário o que chamarei de um pensamento complexo, ou seja, um pensamento capaz de unir conceitos que se rechaçam entre si e que são suprimidos e catalogados em compartimentos fechados. Sabemos que o pensamento compartimentado e disciplinário ainda reinam em nosso mundo. (...) Sobre a base desses princípios, é impossível pensar o sujeito e assim mesmo pensar as ambivalências, as incertezas e as insuficiências que há neste conceito, reconhecendo, ao mesmo tempo, seu caráter central e periférico, significativo e insignificante.”(MORIN, 1996, p.55).*

Entretanto, as constatações das vivências grupais, que mostram a complexidade do sujeito coletivo e a multiplicidade das interações que se interpenetram em constituições múltiplas, não são suficientes para ‘transformar’ os conceitos estabelecidos pela teoria. Por quê, apesar de ROGERS apontar para uma nova ordem e de haver estudos como o de CURY (1993) que reconhecem

“(...) condições gerais que incidem sobre a relação (...)”, todos os terapeutas desta orientação teórica continuam presos à concepção da centralidade do sujeito?

O que se pode inferir é que, no momento atual dos acontecimentos, tanto nas experiências de grupo, como nas atuações dos terapeutas individuais, ou na formação de novos terapeutas, é possível detectar uma encruzilhada teórica. As evidências das situações grupais direcionando para a complexidade do sujeito coletivo, para o conjunto das interações que se interpenetram em constituições múltiplas, não estão sendo percebidas, ou não estão sendo suficientes para ‘transformar’ os conceitos teóricos anteriormente internalizados. Acredito que as resistências a essas transformações se devam ao temor natural de ameaça à identidade profissional, originando, então, questões conflituosas: É possível integrar as interações e constituições múltiplas, detectadas na prática clínica contemporânea, sem deixarmos de ser ‘Centrados na Pessoa’? Como ‘descentrá-las’, sem perder as nossas referências? Essa encruzilhada teórica, também, é evidente em todo percurso de ROGERS ([1961]1970) e é denunciada por ele próprio quando se refere ao seu profundo conflito interior entre o cientista rigoroso que era e o terapeuta profundamente subjetivo que se tornou. A citação que se segue é elucidativa:

*Quanto melhor terapeuta me tornava, mais consciência ganhava da minha completa subjetividade quando exercia melhor essa função. Mas, ao tornar-me melhor investigador, mais teimoso e mais científico, sentia um embaraço crescente perante a distância entre a minha objetividade rigorosa como homem de ciência e a minha subjetividade quase mística como terapeuta.(p.178).*

Hoje, à luz dos trabalhos de FIGUEIREDO (1991; 1995a; 1996a.), é possível entender a origem de toda esta dualidade, que tem sua raiz no nascimento da própria Psicologia, e também compreender, com base nas conclusões de MOREIRA (1990), que a pessoa na teoria rogeriana é concebida como possuidora dos recursos para o seu próprio desenvolvimento. Seria uma

visão essencialista e metafísica, na qual são assinaladas a interioridade e a individualidade da pessoa. Estão presentes nesta concepção as idéias de um ser internamente livre, subjetivo, absoluto e universal. Talvez, agora, possamos responder à questão, colocada anteriormente: Por quê continuamos presos à centralidade do sujeito, quando a prática clínica aponta para a sua descentralidade.

O mundo contemporâneo demanda múltiplas configurações. Mudança não implica, necessariamente, em perda da identidade, ou no *“negativo da permanência”*, mas em *nova organização*, da mesma forma como dizia Rogers sobre o ‘caos’ que, diferentemente da desordem, implica em *“novas configurações mais complexas”*. O humano, nessa nova configuração, deve ser compreendido, não só como *singular*, mas, *singular-plural*, não só *homogêneo*, mas *homogêneo-heterogêneo*, não só, finalmente, *“indivíduo-pessoa”* entendido como *substância essencial e indivisa*, mas, e principalmente, o homem que penetra e é penetrado pelo mundo, numa mútua constituição. Penso, então, que só assim poderemos sair da estagnação em que, em alguns momentos, parece que estamos, para podermos recuperar a complexidade da dimensão humana e da humanidade, bem como do mundo em que vivemos.

Dentro desse raciocínio, recorro a HEIDEGGER ({1927}1988), porque, na contemporaneidade, a leitura da filosofia heideggeriana fornece os subsídios de que necessitamos para flexibilizar a visão de homem que nos foi legada pela metafísica tradicional e o reconhecimento da sua constituição própria de ser-no-mundo, ou seja, a unidade homem-mundo e sua historicidade. *“O pensamento heideggeriano é fundamental para se compreender a retomada da questão do ser no pensamento contemporâneo”*. (FABRI, 1997, p.54).

Despontam-se alguns questionamentos: É possível uma Psicoterapia Centrada na Pessoa numa perspectiva fenomenológica-existencial heideggeriana? Como relacionar *“a compreensão de homem, entendido como um ser em*

*processo de atualização de um potencial”, premissa básica da Abordagem Centrada na Pessoa, com a visão de Heidegger “onde o homem é o ser-aí, lançado-no-mundo e aberto a todas as possibilidades?”.*

As experiências grupais e as vicissitudes existenciais reclamam por mudanças paradigmáticas que implicam em transformações no exercício das práticas clínicas. Estão sendo experimentadas emoções em intensidades diversas. Confrontos variados e violentos se diversificam. Encontros e desencontros se mesclam desordenadamente. Momentos há em que parece que submergiremos no caos. A configuração grupal ou as deliberações apropriadas acontecem possibilitadas, principalmente, por algumas pessoas que na sua significativa coragem de ser, conseguem, com a simples presença, criar uma contenção, para daí, então ensejar, em todos, a formação de sentidos. Muitas pessoas em situações semelhantes se ressentem com a diferença e com o estranho, e deduzem que as condições oferecidas são as propiciadoras de situações daquela ordem. Imagino que, posteriormente, possam ficar estarecidas, ao constatar que, apesar do controle que pensam poder oferecer, de nada adianta pôr em prática os princípios teóricos ou as representações, anteriormente asseguradas, diante dos acontecimentos que excedem as medidas. Os dados da vida estão a exigir à teoria novos redesenhamentos e diferentes posicionamentos na prática clínica.

Destacadas as referências teóricas fundamentais e explicitadas as justificativas básicas, quero deixar assente, caso não tenha ficado até agora, que **o eixo desta pesquisa é a minha experiência pessoal nos grupos. Parto, portanto, da experiência clínica, porque foi a partir destas experiências que sofri transformações, na medida do meu próprio desalojamento. Desalojei-me das garantias que a teoria, anteriormente, parecia me oferecer, ou ‘das certezas de outrora...’**

Dito isto, defino como **a problemática desta investigação explicitar o que são as experiências desalojadoras e em que medida elas ajudam na**

**constituição da escuta clínica, tanto em relação ao terapeuta quanto em relação ao cliente.** A experiência desalojadora vivenciada por mim criou a possibilidade da percepção do 'nunca visto'. Esta experiência é possível e desejável, tanto para o terapeuta quanto para o cliente porque se referem àquelas experiências que são transformadoras e que a situação clínica, em última análise, deverá estar promovendo. Ao serem desestabilizados das garantias anteriores, os dois parceiros da cena terapêutica, cada um no seu lugar específico, estarão passando por experiências possibilitadoras da visão do 'novo'. O terapeuta aprendendo sobre a complexidade das vivências psíquicas, que não encontram respaldo nas elaborações teóricas. E o cliente, se dando conta de aspectos 'outros' do si mesmo e dos demais, que o deixariam incólume caso não sofresse essas transformações. Este trabalho foi organizado em torno disto, recorrendo aos diversos autores como suporte de explicação desta minha questão: **o quê está implicado nas experiências desalojadoras e quais são as eventuais virtudes clínicas dessas experiências.** Na seqüência do debate teórico e com o fim de fomentar a discussão, introduzo, como ilustração literária, a análise de dois personagens de um livro de Lia LUFT. Essa ilustração é seguida de uma outra, sendo que, desta vez, o que serve de pretexto são análises de dois casos clínicos. Procuro enriquecer, com exemplos da prática clínica, o processo de transformação vivido pelos componentes daquelas cenas terapêuticas. Num segundo momento e com o mesmo intuito de ampliar a discussão da sua questão, esta pesquisa produziu dados empíricos, através de cinco entrevistas. A metodologia para esta fase será explicitada, mais adiante.

Neste momento, para melhor entendimento do leitor, esclareço que entendo como *experiências desalojadoras do eu* aquelas experiências que, pelo inesperado e pela estranheza, seriam ameaçadoras à integridade do sujeito. Por esse motivo, causariam espantos, assustando, principalmente pela não correspondência com as representações até então formuladas. Instala-se a angústia: fica-se diante do indeterminado, surge o '*estranho*'. São experiências comuns ao ser-no-mundo com os outros, mas que são escamoteadas dos ideais

de todas as épocas, e, de forma peculiar, dos tempos modernos, com a hegemonia da racionalidade. Auxiliada pelo pensamento heideggeriano<sup>9</sup> acrescentaria que a *disposição afetiva* revela ‘*como se está*’. Na angústia, entendida como uma disposição afetiva fundamental, o ser-no-mundo é singularizado, na medida em que se rompe a impessoalidade do cotidiano. O *ser-em* um mundo, significando ‘estar habituado em’ ou ‘familiarizado com’ implicaria a certeza tranqüila do si mesmo e o “sentir-se em casa”. A angústia vem retirar o homem do seu empenho *de-cadente* no “mundo”. O ser-em revela-se no “modo” existencial de ‘*não se sentir em casa*’, isto é, da *estranheza*.

Com a finalidade de facilitar uma melhor compreensão, defino a estrutura básica desta dissertação, que vai sendo construída ao longo dos seus capítulos.

No *terceiro capítulo*, denominado *Eu ‘Mesmo’ e/ou ‘Outros’*, questiono as lógicas representacionais e as identidades impermeáveis que compõem os ideais da Idade Moderna. Estes questionamentos têm como base à desestabilização da existência, que determina a constituição do sujeito humano atravessado pela alteridade de si e do outro. No *quarto capítulo*, intitulado *Desalojamento: condição humana*, aprofundo a questão da constituição existencial, focalizando os filósofos da *finitude*, em especial Martin Heidegger. Faço uma articulação entre ‘*experiências desalojadoras do eu*’ e o ‘*não se sentir em casa*’ heideggeriano. São destacados dois subitens nesse capítulo. No *primeiro subitem* nomeado de *Escuta Clínica: afetação do desalojamento?*, são efetuadas algumas reflexões em torno dos complexos processos de aprendizagens envolvidos no desenvolvimento da escuta clínica. No *segundo subitem*, deste quarto capítulo, denominado *Desalojamento: destruição ou desconstrução?*, discuto a questão do desalojamento como constitutivo do ser humano, cuja essência é *ter que ser*. Nessa concepção, a processualidade da existência é compreendida pela sua marca na diferença e na multiplicidade. Este subitem se subdivide, por sua vez, em dois, o primeiro intitulado *Uma Ilustração Literária* e o segundo *Uma Ilustração*

---

<sup>9</sup> Para melhor esclarecimentos sobre estas idéias ver, especialmente, § 40 de *Ser e Tempo*.

(Re)-vívida. São focalizados no primeiro, dois personagens literários, e no segundo, situações da prática clínica. Através de relatos e reflexões em torno destes ‘casos’, tento problematizar as *experiências desalojadoras* e suas possíveis conseqüências. O fluxo da existência demanda *estranhamentos*, exigindo dos seres humanos constantes redesenhamentos. Quando é possível a reconstrução e quando a destruição é inevitável? Os vários desdobramentos, deste capítulo, são tentativas de compor a tessitura teórico-vivencial desta teia investigativa. Neste momento, além da filosofia heideggeriana, surge como interlocutor mais apropriado, pela demanda das análises propostas, o pensamento psicanalítico de Donald Winnicott. A escolha deste autor deve-se à afinidade do seu pensamento com o pensamento rogeriano, o que me facilita nesta articulação, além de que, muito mais que Rogers, permite avanços em aspectos fundamentais para a compreensão da vivência inter e intrapsíquica, inclusive oferecendo recursos fundamentais para o fazer clínicos. A afinidade, a que me refiro, diz respeito ao fato de que estes autores têm, como cerne de suas concepções, a hipótese do desenvolvimento humano compreendida como uma *tendência integrativa* e vista como um potencial para o crescimento.

No *quinto capítulo, Desalojando-se no Pesquisar*, entra-se em contato com o material produzido pela interação com as cinco entrevistadas. Inicialmente, vou indicar os meios escolhidos para a obtenção dos ‘dados’ e a maneira como foram analisados; em seguida, apresento os ‘dados’ propriamente ditos, bem como a forma como foram produzidos e a maneira como se processou a sua compreensão. Os vários itens deste capítulo, que descrevem a metodologia utilizada para a produção e a análise das entrevistas, são nomeados com diferentes subtítulos.

E, finalmente, no *sexto capítulo*, onde, a título de conclusão (ou inconclusões?), produzo o ensaio *Possibilidades Atuais do Dizer*.

Assim, revisitada a teoria que me deu suporte e questionada pela prática clínica que me desafiou, parti para produzir os meios que me possibilitaram desenvolver esta investigação clínica. Em seqüência e no encaço das respostas às questões já anunciadas, busquei reforço em autores contemporâneos que contribuíram para o processo reflexivo e iluminaram os caminhos para os encontros de perspectivas teóricas fundamentais.

Convido o leitor para esta aventura, que pretende ser frutífera. Urge, para tanto, que não tenha pressa e que se permita *afetar* pelos acontecimentos.

### III. EU 'MESMO' E/OU 'OUTROS'?

*A experiência da desestabilização, reiteradamente repetida ao longo de toda nossa existência, é efeito de um processo que nunca pára e que faz da subjetividade “um sempre outro”, “um si e não si ao mesmo tempo” (ROLNIK, 1997, p.31)*

As situações existenciais estão de uma forma ou de outra apontando para a *'imprecisão do viver'*. Suely Rolnik, na citação acima, aprofunda essa questão, remetendo-nos à própria constituição do sujeito humano implicado na relação com a alteridade pessoal e a dos outros. A existência se caracteriza como um processo contínuo de desestabilização, que faz da subjetividade um *'eu'* e um *'não eu'* a um só tempo. Ao longo da vida inteira, sucedem-se momentos existenciais que, permanentemente, remetem o ser humano ao estranhamento de si mesmo e ao confronto com as incertezas.

Ressalte-se, contudo, que, por conta da nossa tradição milenar de pensamento, estamos sempre voltando e tentando nos manter nos ideais representacionais e de identidades impermeáveis. Por *identidade impermeável*, entendo aquilo a que faz referência FIGUEIREDO (1996b), quando escreve:

*Faz parte da nossa milenária herança intelectual atribuir ao que verdadeiramente **é**, ao que nos aparece como indiscutível **sendo**, uma presença plena: o que foi... já não é; o que será... não é ainda; ao que parece, **ser é manter-se numa **identidade****, numa pura coincidência consigo mesmo, como a das idéias platônicas, a de Deus na tradição cristã e a do sujeito transcendental na Idade Moderna.(p.4).*

Como resultado desse processo, instalamos nele uma rotina reasseguradora, no qual reduzimos o outro e a nós mesmos a medidas limitantes e limitadoras do processo de viver. A vida para poder “(...) *fluir e afirmar-se em sua potência criadora depende, antes de mais nada, da relação que se estabelece com o trágico, como se reage ao mal-estar a cada momento de nossa existência.*”(ROLNIK, 1997, p.31). Com isto, não se está querendo dizer que o viver humano não seja constituído e se mantenha nas lidas cotidianas; pelo contrário, a vida só é possível baseada nesta rotina estabilizante. Na verdade, o fluir da vida se dará quando pudermos permanecer não num estado ou noutro, mas sim, quando transitarmos *entre* um e outro. Penso que esta autora está aqui aludindo ao sentido de ‘trágico’ concebido pelos gregos, no qual é abolida a idéia absoluta e contém a imbricação e complexidade, próprias dos processos humanos.

Os acontecimentos do mundo contemporâneo questionam o projeto da modernidade e, junto com ele, os valores racionais e a hegemonia do sujeito autônomo, senhor de si e com uma identidade claramente definida. O predomínio do *racional* nos **tempos modernos** implicou na concepção da *verdade* como correspondência do intelecto com a realidade. Com isto, o pensamento é concebido como representacional e as linguagens “*como meros instrumentos para representação mais ou menos fiel de uma realidade*” (FIGUEIREDO 1995a, p.25). A cultura da modernidade - presente, ainda, na política neoliberal vigente na sociedade ocidental - fomenta e produz a *cultura do individualismo*, na qual predominam máximas que preconizam, por exemplo: “cada um por si e Deus por todos”; “salve-se quem puder”; “a minha liberdade termina quando começa a do outro”, e assim por diante. Na verdade, como ensina Paulo Freire, “*a minha liberdade só começará quando o outro for também livre*”. É esta, me parece, a idéia básica que se encontra no bojo de uma *cultura da solidariedade* e, conseqüentemente, onde a *ética* assumiria o lugar central.

A partir destas colocações, parece imprescindível, no continuar das minhas idéias, ampliar a perspectiva da *dimensão ética*. Dimensão sem a qual, não poderíamos construir humanamente, os nossos trabalho e a nossa vida. Quero, aqui, recuperar, na colocação da questão ética, o sentido etimológico do conceito, em que *ethos*, do grego, significa além de *hábitos e costumes; habitação e morada*. Parece que a nossa civilização tecnicista, desenvolvida na *era moderna*, valorizou tanto os hábitos e os costumes, um dos sentidos do termo *ethos*, desvinculando-o do outro sentido implícito do termo, que é habitação e morada. Como acontece com toda desvinculação, esta também teve o poder de destituir da palavra o seu sentido autêntico, predominando o seu sentido derivado.

Recuperar o significado etimológico do termo possibilita lançar junto os dois sentidos e compreender o real significado da palavra *ética*, em que *hábitos e habitação* ou *costumes e morada* se reúnem para representar *a instalação do humano*.

*(...) considerar o ethos como casa, instalação, é ver nele - nos valores, nas posturas, nos costumes e hábitos - algo equivalente à moradia de onde podemos contemplar a uma certa distância as coisas 'lá fora' (como a casa organiza o espaço e gera uma série de diferenciações internas e externas, os costumes organizam nosso espaço e nosso tempo); (...). (FIGUEIREDO, 1995a, p.45).*

Numa cultura contemporânea, a razão compor-se-ia derivada da ética, entendida na sua complexidade heterogênea, explicitada acima, a partir da qual resultaria uma nova racionalidade. Aqui, então, as linguagens e os pensamentos, não mais 'meros instrumentos', seriam compreendidos e inseridos como elementos que constituiriam a experiência.

Representando essa *virada cultural*, estariam muitos pensadores, de variadas procedências, com significativas diferenças entre si e oriundos de décadas diversas, (desde as de 30 e 40, até nossos dias). Contudo, convergem em algo fundamental e que fazem deles, pensadores obrigatórios para a compreensão desse *novo tempo* para a humanidade. Tempo em que “*as línguas no seu uso, enquanto falas, sejam os meio universais da experiência, na qual objetos e sujeitos se constituem - vindo a ser - e se encontram uns com os outros*”.(FIGUEIREDO1995a, p.26).

Pensar o mundo contemporâneo implica em pensarmos nos *modos contemporâneos de subjetivação*. Na configuração da cultura contemporânea, onde se dão os processos de constituição das nossas subjetividades, há a presença de três modelos de subjetivação, ou sejam: *o modelo liberal, o modelo romântico e o modelo disciplinar*. É importante assinalar que esses modelos mantêm entre si relações que se caracterizam pela *ambigüidade*, pois, ao mesmo tempo em que estabelecem *alianças*, estabelecem também *conflitos*. A garantia da permanência desses modelos se dá exatamente por esse *padrão autocontraditório* de funcionamento, que, por sua vez, vai ser o responsável pela geração de aspectos *passíveis de representação* e aspectos que são *interditados à cognição*. São exatamente esses aspectos, ou seja, *aquilo que não pode ser representável*, que caracterizaria o psicológico.

*O ‘psicológico’ constitui-se, portanto, como um meta-fenomenal que detém o segredo das condições e dos outros sentidos daquilo que se dá e se configura na experiência. Por meta-fenomenal estou designando, então, aqueles aspectos que, embora constitutivos da experiência, não se mostram na própria experiência e devem ser buscados a partir da experiência, mas para além dela. Cabe aos psicólogos, em primeiro lugar, ter os olhos para ver e, no caso da clínica, os ouvidos para escutar este interdito.* (FIGUEIREDO, 1995a, p.29).

Como *ter olhos para ver* e, principalmente, *ter ouvidos para escutar*, se permanecemos reduzindo as compreensões do humano ao mundo do representável e, portanto, às nossas medidas?

As leis universais e naturalizantes não dão conta do que é o homem e a vivência humana. Estamos, no início do novo Século, sendo convocados e desafiados a desconstruir os ideais da tradição filosófica das identidades e das representações. Para isto, precisamos compreender o homem como *abertura, incompletude e finitude*, e, nesta medida, compreendê-lo como um *campo de possibilidades*, não redutível ao fechamento identitário e ao campo do representável.

Esta convocação - a que estamos sendo instados - remete-nos àquela dimensão ética, acima mencionada, acrescentando que ela estaria “(...) *fundada, antes de mais nada, no reconhecimento solidário do outro enquanto sujeito.*” (ROPA,1994,p.178). Focalizo o elemento básico dessa ética porque, é significativo ter em mente, que a instalação do humano se compõe nos diversos e significativos encontros dos sujeitos em interação. Melhor dizendo, é *na e pela* intersubjetividade que o *humano* se constitui, no qual técnica e ética não representariam entidades separadas, e sim, partes constitutivas de um imbricado processo.

Acredito que a preocupação tecnicista, nesse Século que terminou, relegaram estas questões a segundo plano.

Como constituir o sujeito humano se as relações não se basearem numa troca regulada de obrigações recíprocas, que servirão de sustentação para a criação de um clima básico de confiança, que permita que se possa contar com a presença um do outro?

No momento destas reflexões e na alusão a uma ética solidária, reporto-me à definição que FIGUEIREDO (1995a) faz sobre ética: "*Uma ética, na verdade, institui uma **troca regulada de afetos e obrigações recíprocas** entre os indivíduos; é esta reciprocidade que permite que cada um possa, dentro de certos limites, **confiar**, contar com a presença de alguns outros*".(p.49, os grifos são do original.) Em um outro texto e desta feita tratando sobre a 'técnica', este mesmo autor sublinha:

*Lembra-nos Heidegger no texto sobre a técnica: "O fazer do camponês não desafia o solo do campo. Ao semear a semente, ele entrega a semente às forças do crescimento e protege seu desenvolvimento". Talvez esta imagem idílica por si só não dê conta nem do fazer do camponês, que, antes de semear, deve arar a terra, limpá-la, revolvê-la, arejá-la. (FIGUEIREDO, 2000, p.50).*

De forma análoga, entregar-se às forças do crescimento não dá conta do viver humano. O acontecer da existência necessita de hábitos e costumes para a instalação do tempo e do espaço fundamentais na interação e constituição das subjetividades.

Como *confiar* e *contar* com a presença do outro, se não se instalam, pela regularidade e sistematização, a hora e o lugar da presença desse outro?

Estas questões necessitam ser compreendidas à luz da *virada cultural*, mencionada anteriormente nestas reflexões, e que implicam no redesenhamento dos ideais do mundo moderno, onde se privilegiam a técnica e o pensamento representacional e onde as linguagens são entendidas como '*meros instrumentos*' representacionais da realidade. Relembremos, porque imprescindível, que na '*virada cultural*', que o mundo contemporâneo demanda para a instalação do humano, – na qual homens e mundos se constituem – tornam-se exigências que as linguagens, não só as cotidianas, mas também as teóricas, sejam compreendidas como dispositivos aptos a ensejar, dar suporte e constituir homens e mundos.

Mas o que isso tem a ver com ética e o que ela significaria? O que exatamente se quer dizer com o reconhecimento do outro como sujeito e desse outro em nós?

Na tentativa de responder a esta pergunta, firme-se a compreensão de que uma *ética solidária* implica no desaparecimento da *lógica discriminatória*, na qual o *estranho*, o *diferente* é excluído da categoria dos nós. Para respeitarmos o mundo da existência e deixarmos que a vida possa continuar afirmando-se com sua força criadora, necessário se faz respeitar o diferente e reconhecer o outro que se é. Criamos, com isto, possibilidades para o humano e para a sobrevivência da nossa cultura, ampliando e *estendendo solidariamente* este nós. Esta '*extensão do nós*', no dizer de ROPA (1994), significaria que um número cada vez maior de pessoas estaria sendo reconhecido como *fazendo parte* da comunidade humana, independente da sua condição de raça, cor, sexo e crenças. Desta forma, estariam se *multiplicando* as possibilidades de *modelos relacionais* entre os homens e a garantia da *criação e recriação da humanidade*, cuja configuração requer *constantes redesenhamentos*.

E, em conseqüência, estariam também sendo criadas as *condições para a saúde*, entendida como o bom uso e incremento dos poderes do corpo. Melhor dizendo, a *extensão do nós*, da ética solidária caracterizaria o *ethos* de uma comunidade, resultando num *acolhimento coletivo para seus membros*.

Nesta ocasião, cabe assinalar, para melhor diferenciar a questão, que o ato de eliminação da *lógica discriminatória*, na *extensão do nós* de que aqui se trata, não implica no desaparecimento dos *momentos de discriminação*. A tolerância, a ser exercida diante do *estranho*, será efetuada mantendo-se a capacidade para *discriminar* as situações em que a vida está sendo, ou não, promovida.

Nas políticas totalitárias, por outro lado, todos têm que fazer parte do ideal predominante; as diferenças são eliminadas e a '*extensão do nós*', ou adesão ao todo, determina a alienação do sujeito que se mantém seduzido pelo poder

totalitário.<sup>10</sup> Em situações outras, porém aliadas a estas, estão as situações esquizóides, em que os sujeitos são, também, reduzidos e alienados da sua condição de sujeito. Aqui, ao contrário, se supõe que o sujeito “(...) possa sustentar sua diferença sem ser excluído ou excluir-se (...)”.(FERREIRA, 2000, p.16). E, como consequência, fazer e se refazer, *na e pela* diferença de si e na relação *com* outros.

Para se fazer jus à vivência humana na qual cada ‘*identidade*’, como nos ensina FIGUEIREDO (1996b), é uma “(...) *composição heterogênea de alteridades constitutivas*”.(p.10), necessitamos de outros recursos, também, múltiplos e complexos, que nos permitam descobrir a dimensão dessa existência.

Como anteriormente anunciado, as linguagens devem ser entendidas, não como *instrumentos* para representar uma realidade, mas como *meio* pelo qual a *experiência se constitui*. O sujeito humano ao falar, ao usar sua língua, enquanto fala, estará se constituindo e se revelando, num processo contínuo de buscas e descobertas. O devir humano, ou a *verdade* da condição humana, indica, simultaneamente, o que *é* e o que, ainda, *não é*. Na situação existencial, sempre estaremos na *verdade* e na *inverdade*. Aqui, não cabe falar em erro, verdade não se opõe à falsidade.<sup>11</sup>

A língua, nesta perspectiva, será percebida como uma *morada*, ou um lugar, no qual homens e mundos se constituem e se encontram. Este devir determina uma produção do conhecimento em que a primazia deve ser a escuta desta fala, deixando-se conduzir por ela. “*A boa escuta implica na possibilidade de transitar entre a escuta da língua e da fala que aquela língua permite. Não é escutar*

---

<sup>10</sup> Os movimentos totalitários são organizações maciças de indivíduos atomizados e isolados. A condição fundamental para o totalitarismo é a uniformidade inteiramente homogênea de todos os elementos da sociedade que seriam, com isso, completamente atomizados. O movimento exige, de cada membro individual, lealdade total, irrestrita, incondicional e inalterável. É contida na sua ideologia que a organização abrangerá toda a raça humana. A lealdade total é a base psicológica do domínio total. “*Não se pode esperar essa lealdade a não ser de seres humanos completamente isolados que, desprovidos de outros laços sociais – de família, amizade, camaradagem – só adquirem o sentido de terem lugar neste mundo quando participam de um movimento, pertencem ao partido*”.(ARENT, Hannah, [1950], 1989, p.373).

<sup>11</sup> Notas de aula na Disciplina Fundamentos Filosóficos Da Clínica Fenomenológica Existencial, ministrada pelo Professor Jesus VASQUEZ, no Mestrado de Psicologia Clínica da UNICAP, julho de 1999.

*alguém, mas escutar alguma coisa que se produz, entregar-se ao que se fala*".<sup>12</sup> Efetivamente, na medida em que é desta maneira que a experiência humana se compõe e se recompõe no acontecer da vida.

Compreendendo as linguagens dessa maneira, é que se pode fazer jus ao procedimento que a escuta clínica exige. Nesse mister, é fundamental que fiquemos ao aguardo do que emerge e se configura, numa postura de abertura para a irrupção do inusitado. As técnicas clínicas, antes de serem intervencionistas, devem ser interacionais e colocadas a serviço de algo que já está posto e em andamento.

*Neste contexto, 'técnica', se o termo ainda convém, precisaria ser entendida na acepção original, desentranhada por Heidegger, de uma espécie de coadjuvante de algo que já **espera e solicita** a ação do homem para se dar a ver; não se trataria, portanto, de **fabricar efeitos**, mas de **corresponder** ao que força a passagem na direção de um desvelamento. (FIGUEIREDO, 1995b, p.42, os grifos são do original).*

Procedidas estas considerações, é possível deduzir que o devir humano determina uma produção do conhecimento, no qual a primazia não pode ser a relação teórico-ontológica, em que o mundo e os objetos do mundo são reduzidos ao império do mesmo, e à conseqüente eliminação da alteridade. Melhor explicitando, para se compreender e interpretar a *condição humana*, precisamos entender a *verdade*, não como uma adequação da realidade, mas como *descoberta*. Descoberta esta que, no próprio momento de se revelar, se oculta, na imbricação dos seus desdobramentos e diferenças e de tantos outros acontecimentos, que ainda estão por vir a acontecer.

---

<sup>12</sup> Frase anotada em aula sobre A hermenêutica de Heidegger e Gadamer, proferida por Luís Cláudio FIGUEIREDO, na disciplina Questões Conceituais da Análise de Textos e Discursos no Curso de Pós-Graduação em Psicologia - Instituto de Psicologia - USP, São Paulo, SP, no dia 17 de setembro de 1999.

Atravessada por esses pensamentos e continuando na elaboração da rede conceitual que dá suporte às minhas questões de pesquisa, parto para novas aventuras na construção dessa trama teórico-afetiva.

#### IV. DESALOJAMENTO: CONDIÇÃO HUMANA

*O que o homem deve aprender pelo sofrer não é isto ou aquilo, mas a percepção dos limites de ser homem, a compreensão de que as barreiras que nos separam do divino não podem ser superadas. (GADAMER, 1997, p.527).*

Tanto nas situações dos Grandes Grupos Intensivos, como nas situações da prática clínica das experiências de supervisão de estagiários nos atendimentos dos Grupos de Pais e Crianças para o Psicodiagnóstico Interventivo, ocorrem momentos em que os rituais costumeiros do cotidiano são desestabilizados por acontecimentos que não encontram correspondência nas representações até então construídas. Vivencia-se, momentaneamente, o *caos enlouquecedor*, e parece-nos que, por isto, essas experiências podem ser pensadas como exemplos de experiências que possibilitam um acesso máximo à *verdade experiencial*. O conceito de experiência está, aqui, sendo utilizado na acepção usada por GADAMER (1997). Este autor entende experiência no seu sentido próprio que “é *experiência da finitude humana*” (p.527). Ser *experimentado* ou *ter experiências* é aquele que sabe não ser dono do tempo nem das previsões futuras. “*A verdadeira experiência é assim experiência da própria historicidade*”.(GADAMER, 1997, p.527-528). Novamente, se recoloca a questão da *verdade experiencial* que é a acepção heideggeriana da verdade como *desvelamento* e *velamento* (aletheia). Diferentemente da compreensão da verdade como um estado de adequação, a verdade em Heidegger é um acontecimento. Neste sentido, o ser-no-mundo ou o modo de ser do homem “*já está sempre na verdade e na não verdade*”.(HEIDEGGER, [1927]1988, p.291).

Etimologicamente, *experiência* é composta por dois prefixos, o primeiro *ex* - equivalente de *ec-* do grego *ék-, éx* - significando ‘*movimento para fora*’, e o segundo, *peri* - do grego *perí-* significando ‘*movimento em torno*’, *posição em*

torno'; e finalmente, pelo sufixo *-ência*; *ocorrência* (lat. *occurentia*);equivalente de-ença, significando 'ação' ou 'resultado da ação', 'estado': 'diferença'.<sup>13</sup>

O estudo etimológico do conceito nos permite pensar que experiência é a *diferença* (tornar-se outro?) resultante dos *movimentos* pelos caminhos da vida, em *extensão* (para fora) e em *interação* (em torno). Foi possível construir esta compreensão auxiliada por Zeferino ROCHA (1995), que brilhantemente ensina:

*(...) a noção de experiência corresponde àquilo que os alemães denominam com o termo de **Erfahrung**. Na etimologia da palavra **Erfahrung** encontra-se o verbo **fahren** que significa viajar, percorrer caminhos e estradas a fim de descobrir, no contato com a realidade, uma forma especial de conhecimento e de saber que, no dizer do poeta, é “um saber de experiência feito”. Nesta forma de saber, entramos em contato direto com as coisas que estão fora de nós(**experiência objetiva**) e com os outros que estão em redor de nós(**experiência intersubjetiva**). (p.428-429)*

Para melhor construir o pensamento fora dos grilhões da metafísica tradicional, e ir adiante com a compreensão da noção de *experiência*, retomo o conceito de *acontecimento*, utilizado acima, quando se destacou verdade na perspectiva heideggeriana. De logo, explicitarei o termo *acontecimento*, auxiliada pelo texto *Fala e Acontecimento em Análise* (In:FIGUEIREDO,1994). Nesse texto, esse autor vai trabalhar a noção de *acontecimento* como *ocorrência* e como *advento*. É interessante observar que o sufixo da palavra *experiência* contém o sentido de *ocorrência*, e, portanto, de *acontecimento*, como quero abordar. O acontecimento rompe as tramas no cotidiano das representações e, neste sentido, ele é o *destecedor*, isto é, desfaz o tecido que dá sentido às ligações construídas. Mas ele é, ao mesmo tempo, a *transição* para a constituição de outro tecido representacional. Nas palavras de FIGUEIREDO (1994), podemos melhor entender esta questão:

---

<sup>13</sup>AURÉLIO, Buarque de Holanda Ferreira, NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2ªedição, revista e aumentada, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

*O acontecimento destroça mundo e funda mundo, estando suspenso **entre mundos**; ao destroçar um mundo ele é sempre prefiguração da morte; ao fundar mundo ele cria o solo para outros encontros (...) renovando e ampliando a abertura da pre-sença<sup>14</sup>, delimitando um novo campo para outras **ultrapassagens acontecimentais**; (...). (p.152-153).*

O acontecimento, como aquilo que advém rompendo o que existe, mas que ainda não é, caracteriza o trânsito angustiante da existência humana. Este trânsito vai deixar a existência em suspenso, pois o que 'houve' ainda não é de fato.

Dito isto, podemos adentrar pela noção de experiência heideggeriana ou experiência como acontecimento. Heidegger vai falar em 'fazer' uma experiência, exatamente no sentido de advento, ter lugar, e não como acumulação de informações ou de elaborar conceitos sobre as coisas. Neste sentido, então, 'fazer uma experiência' significaria que o sujeito foi 'afetado', foi 'transformado', em suma, deixou que o que foi vivido 'caia' sobre ele e o 'faça outro'.

Colhe-se o momento oportuno para mencionar os filósofos da finitude, particularmente, Nietzsche, Heidegger e Lévinas que reconhecem a efemeridade da vida e vêem neste reconhecimento o fator fundamental do viver humano. A partir da analítica da finitude, desenvolvida por estes filósofos, o conhecimento passou a ser vinculado à fisiologia e à história.

Os pensamentos nietzscheano, heideggeriano e levinasiano são apresentados, conjuntamente, com o propósito de focalizar a questão da analítica da finitude desenvolvida pelos três e que enfatiza a efemeridade da vida. Este aspecto é fundamental para se compreender a mudança ocorrida na concepção

---

<sup>14</sup>Pre-sença=Dasein="ser-aí". "Pre-sença não é sinônimo de existência e nem de homem. (...) Evoca o processo de constituição ontológica de homem, ser humano e humanidade. É na pre-sença que o homem constrói o seu modo de ser, a sua existência, a sua história etc." (SER e TEMPO – Partel; Notas Explicativas da Tradução, p.309).

da produção do conhecimento, a partir da análise destas filosofias. Acrescento este esclarecimento para reconhecer que são pensadores que contêm, por outro lado, muitas diferenças entre si, quando, então, devem ser colocados em searas distintas.

A analítica da finitude propõe desconstruir a hegemonia da consciência, presente na cultura ocidental. Este domínio foi progressivo e longo, iniciado desde a Antigüidade com Sócrates e Platão, consolidado no século XVII com Descartes, para, finalmente, com Kant, a consciência ser erigida como o fundamento universal do conhecimento. No século XIX,

*É Nietzsche quem nos mostra que esse processo faz parte de um projeto mais amplo, qual seja: **disciplinar e controlar o devir das forças**, criando uma **metafísica** e uma **moral** capazes de esconjurar a presença do **caos** e de fazer o mundo assentar-se sobre bases firmes. Em suma, de substituir a aventura e o risco pela previsibilidade racional.*(NAFFAH NETO, 1997, p.44)

Na Genealogia da Moral, concebida por Nietzsche, todos os valores transcendentais vão ser colocados sob suspeita, especificadamente aqueles que, são postos acima de qualquer dúvida. “A consciência é a última e mais tardia evolução da vida orgânica e, por conseguinte, o que existe nela de mais inacabado e mais frágil”.(NIETZSCHE, A Gaia Ciência, In: MARTON, 1991, p.36).

A noção nitzscheana de *além-do-homem* engloba a ultrapassagem da condição humana, que, renunciando às defesas, se expõe às forças vitais para poder participar “(...) do **lógos** imanente ao devir e apreender a **justiça** da vida (...)”.

Pois, “(...) justo é o jogo, o ensaio, a aventura, enfim o próprio **acaso**, como princípio que rege a vida”.(NAFFAH NETO, 1994, p.112-113).

No conceito nitzscheano de *amor fati* - significando ‘amor aos fados’, ao destino, aos fatos da vida - estão presentes o reconhecimento e a aceitação da existência na sua periculosidade e nas suas múltiplas perspectivas. O homem, ao

entrar em contato com a realidade e aceitá-la, reconhece que não é Deus e, portanto, não tem autonomia sobre o seu destino.

Na tradição filosófica, o modo de ser do homem foi caracterizado de forma negativa, em contraposição ao objeto. Isto significou que sujeito e objeto foram concebidos como simples presenças, essências contrapostas. Esta noção de *simples presença* é inadequada para definir o ser das coisas e, principalmente, o ser do homem. Pela análise fenomenológica, Heidegger vai mostrar a inadequação desta interpretação. *‘Antes de ser objetos as coisas são significados, pois aparecem enquanto tais, diante de um ente que é o homem que permite o ser aparecer’.*<sup>15</sup>

Na sua obra fundamental intitulada *Ser e Tempo*, HEIDEGGER ([1927]1988) enfatiza que o homem seria o *ente* privilegiado no sentido de que seria o único que teria a tarefa e a responsabilidade de ser. Diferentemente do modo de ser das coisas, de algo simplesmente dado, o modo de ser do homem é *ter que ser*. Este privilégio e esta condição, de algo que *não está aí*, resultariam na tarefa de *sair em direção a: ec-sistere*. O modo de ser do homem é a existência – ‘*Dasein*’-- que significa: ‘*eis aí ser*’ - *abertura ao ser*. Como esclarece Jesus VAZQUEZ (1999) “(...) o homem é um ente voltado para fora (*ec-sistência*) e esse fora é o ser. Portanto, o homem é abertura originária ao ser, pre-compreensão do ser, procura de ser”.(p.3) Constata-se nestas assertivas a precariedade do existir humano que se constitui na aceitação ou não, da sua *ec-sistência*. A existência não pode ser compreendida como simples ultrapassagem da realidade dada, para possibilidade. A existência é sempre ultrapassagem de algo sempre situado. Melhor dizendo, o homem está situado de maneira dinâmica sempre no modo de *poder ser*, ou na forma de *pro-jeto*.<sup>16</sup> O homem é um *ente* que se mostra *no seu sendo, como pura possibilidade*. Logo, a essência deste *ente* está em sua existência. “*Toda*

---

<sup>15</sup>Notas de aula na Disciplina *Fundamentos Filosóficos Da Clínica Fenomenológica Existencial*, ministrada pelo Professor Jesus VAZQUEZ, no Mestrado de Psicologia Clínica da UNICAP, julho de 1999.

<sup>16</sup>*Ibidem* nota 15.

*modalidade de ser deste ente é primordialmente ser*” (HEIDEGGER, [1927]1988, p.78). *Ser*, nesta acepção, é *verbo* e não *substantivo*.

O homem só se compreende no mundo das coisas e *dos outros eus*. O homem *está-aí* como ec-sistência, situado no mundo concreto. O homem é, portanto, ser-no-mundo. É preciso entender que *mundo* é uma dimensão constitutiva do próprio ‘*dasein*’. O homem é o seu mundo, na medida que o mundo faz parte do seu próprio ser.

A maneira heideggeriana de entender o mundo abala o conceito de realidade como *simples presença*. A objetividade é derivada da relação originária dos homens como ser-no-mundo. A objetividade, a simples presença, é um modo de ser das coisas, parcial e derivado de uma operação do ‘*dasein*’. ‘*O ser das coisas está radical e, constitutivamente, em relação com o ser projetante do dasein*’<sup>17</sup>. Os discursos informam sobre as coisas e, é através deles, que o homem aprende a significá-las.

Como compreender *verdadeiramente* o homem e a sua humanidade se continuamos reduzindo-os ao biológico e às idéias universalizantes? “*O corpo do homem é algo essencialmente diferente do organismo animal*”.(HEIDEGGER, [1949]1979, p.352).

Como já disse, o homem é projeto, possibilidade e abertura, e nesse sentido a existência se coloca como possibilidade, como poder ser *propriamente* e *impropriamente*. Alternativa que se mostra como tendência constitutiva de “*salvar-se*” ou “*perder-se*”, em cada momento.

Na cotidianidade mediana, a compreensão preliminar do mundo se dá como uma participação acrítica do mundo, participa-se irrefletidamente do modo

---

<sup>17</sup>Notas de aula na Disciplina *Fundamentos Filosóficos Da Clínica Fenomenológica Existencial*, ministrada pelo Professor Jesus VÁZQUEZ, no Mestrado de Psicologia Clínica da UNICAP, julho de 1999.

comum de julgar. A *de-cadência* nasce do ser-no-mundo em *comum*. O homem é, antes de tudo, *mundo* que o *ocupa* e o *preocupa*.

A identificação com seu mundo contém o caráter de extravio da *publicidade do ser*. O ser *impessoal* é estar na *publicidade*, estar no *público*. Essa tendência para a *impropriedade* se coloca como tendência a compreender-se, segundo a opinião comum: pensar o que se pensa, fazer o que se faz. A pertença ao mundo impessoal não se pode evitar. O ser-no-mundo se constitui no âmbito do *impessoal*, no âmago da *impropriedade*. Pode acontecer de o homem nunca se subtrair desse estado interpretativo em que cresceu. É nele, a partir dele e contra ele, que o homem realiza toda compreensão genuína. Assim, lançada no mundo a existência é originariamente inautêntica.

*Impropriedade e inautenticidade* devem ser entendidas como *decaência* constitutiva do modo de ser do homem. De início e na maior parte do tempo, o homem está entregue ao estado interpretativo da *publicidade*. A *propriedade*, o ser *propriamente*, também, aparece como possibilidade. O homem é ser *autêntico* ou *inautêntico*, pode escolher “perder-se” ou “conquistar-se”. É esta a tradução da *finitude*. A *inautenticidade* aparece como uma incapacidade de alcançar uma *abertura* em direção às coisas. Incapacidade pelo fato de manter-se nas opiniões comuns, na *publicidade*. Nesse contexto, ser *propriamente* é o modo de ser do homem que *se apropria de si*, isto é, que se *pro-jeta* na base da sua possibilidade mais sua, ou mais *própria*. A *inautenticidade* é um modo de ser parcial, derivado e decaído das estruturas autênticas.<sup>18</sup>

Como transitar entre o *autêntico* e o *inautêntico* ultrapassando a permanência nas cristalizações das características anteriormente dadas? As *verdades* humanas não podem se converter em fatos acabados e permanentes;

---

<sup>18</sup>Notas de aula na Disciplina *Fundamentos Filosóficos Da Clínica Fenomenológica Existencial*, ministrada pelo Professor Jesus VÁZQUEZ, no Mestrado de Psicologia Clínica da UNICAP, julho de 1999.

*outras verdades* estarão sempre se anunciando e metamorfoseando as configurações anteriores.

Na perspectiva heideggeriana, é próprio do homem *não se sentir em casa*, ou seja, ser *estrangeiro* em relação a si mesmo. A angústia é a disposição afetiva fundamental, no sentido de que, no âmago do seu ser, o *dasein* desde sempre se angustia. A abertura, que a disposição afetiva possibilita, revela “*como se está*”. “Na angústia, diz HEIDEGGER ([1927]1988, p.252), se está ‘**estranho**’ ”. (o grifo é do original). Melhor dizendo, se está na indeterminação, de quem se encontra diante do nada e ‘*em lugar nenhum*’. A entrega aos rituais do cotidiano é a maneira como o *modo de ser* do homem compreende a *estranheza* e se protege do *não se sentir em casa*, porque, então, se instalam a determinação e a familiaridade da morada tranqüila e reaseguradora. O que nos desinstala é a angústia, é ela que põe em questão a totalidade da existência.

*Só na angústia subsiste a possibilidade de uma abertura privilegiada na medida em que ela singulariza. Essa singularização retira a pre-sença de sua de-cadência e lhe revela a propriedade e improriedade como possibilidades de seu ser.* (HEIDEGGER, [1927]1988, p.255).

Podem as ‘*experiências desalojadoras do eu*’ serem compreendidas como *próprias do ser-no-mundo*, na medida em que rompem o cotidiano reasegurador, desvelando a *estranheza*?

Mas, como se confrontar com as incertezas e com o estranhamento de si mesmo, sem desintegrar o eu?

O que o sujeito humano necessita obter para suportar as desintegrações eventuais promovidas por experiências desalojadoras?

Em continuidade com o pensamento da *analítica da finitude*, importa focalizar alguns aspectos pontuais do pensamento de Lévinas, principalmente na questão da constituição da subjetividade pela alteridade de si e do outro, desenvolvida por este autor.

LÉVINAS (1997) entende a subjetividade fundada na responsabilidade pelo outro. Diz ele:

*(...) eu falo da responsabilidade como a estrutura essencial, primeira, fundamental, da subjetividade. Pois é em termos éticos que descrevo a subjetividade. (...) é na ética entendida como responsabilidade que se funda o próprio núcleo do subjetivo.*

*Entendo responsabilidade como responsabilidade pelo outro, (...) (p.31) E, termina afirmando: (...) eu sou eu na única medida em que sou responsável. (...) É essa a minha inalienável identidade de sujeito [...]. (p.34)*

Esta parece ser uma posição ética fundamental do existir humano, em que, muito mais que para si, o sujeito se constitui *para um outro*. Na sua filosofia, Lévinas radicaliza a precedência da relação ética, na constituição da subjetividade humana. O outro não é visado como objeto. O outro afeta e é afetado, na medida da sua passividade humana fundamental. A fragilidade e a mortalidade do outro atingem e impactam seu semelhante. A sensibilização e o chamamento exercido por esta fragilidade exigem uma resposta. Há uma invasão pelo outro na sua alteridade e um conseqüente desalojamento do si mesmo. A constituição da subjetividade no pensamento levinasiano encerra a compreensão de que dois sujeitos, em processo de constituição, são capazes de lançar apelos e de responder apelos, na proporção das suas alteridades que excedem às medidas de cada um. O desalojamento do eu provocado pela exceção do outro é condição constituinte do si mesmo, situação esta que se dá, na resposta ao apelo do outro. Lévinas concebe o diálogo englobando, também, uma diacronia e desnivelamento. Nesta concepção, o Tu contém um *ele* ou *eleidade*, que extrapola o Eu e o excede.

*Trata-se do que emerge do encontro com a alteridade do outro, alteridade invisível e não fenomenalizável e que Lévinas designará como a **eleidade** do outro. Esta **eleidade** do outro é o que se destaca do **tu** como aquilo que no outro me transcende, introduzindo um “terceiro homem” em toda relação aparentemente dual. Sem a **eleidade** nada resistiria no **tu** ao poder assimilativo do **eu-mesmo**. A **eleidade** é o nome do infinito do outro, do opaco, do resistente, do surpreendente, do que no outro desfaz o “face a face”.*(FIGUEIREDO, 1997, p.45).

Para Lévinas, no reconhecimento da diferença do outro, é necessário, também, reconhecer “o outro do outro”. Melhor dizendo, reconhecer no Tu aquilo que não é a minha medida, e, portanto, *excede a minha capacidade de entendimento e representação*.

Após esta exposição sucinta das idéias desses três filósofos que servirão de suporte no entendimento da minha questão de pesquisa, concluo dizendo que na compreensão que o homem tem de si, como ser-no-mundo, não poderá haver neutralidade afetiva. A *afetividade* é uma pré-compreensão mais originária que a compreensão. A presença imediata do mundo nos é dada *afetivamente*. A demonstração do mundo se verifica pela *afetabilidade*. Para o conhecimento, portanto, é necessária a disposição afetiva fundamental, logo, produzir conhecimento, nesta nova medida/desmedida, resultará no acolhimento do surpreendente e daquilo que desfaz o esperado, em si e no mundo com os outros.

Concluídas estas digressões filosóficas, fundamentais para a articulação com o fenômeno humano que exige de nós dimensões outras de interpretação, redireciono o olhar para as questões da escuta clínica, foco deste trabalho.

#### 4.1. Escuta Clínica: afetação do desalojamento?

Como introdução ao tema, procedo a algumas reflexões teóricas que ajudem no seu aprofundamento. O desenvolvimento da escuta clínica implica em fatores diversos, desde uma sensibilidade peculiar até capacidades específicas desenvolvidas na formação do psicólogo e no exercício da prática profissional. É fato corrente na ciência psicológica que esses aspectos englobam três dimensões fundamentais: *teórica*, *experencial* e *supervisão*.

A dimensão *teórica* necessita ser buscada, formalmente, nas várias modalidades de estudo, tais como nas aulas do curso de formação do psicólogo, nas leituras dirigidas, nos seminários, nos grupos de estudo e nas pesquisas bibliográficas pertinentes. Essas são situações importantes para a apreensão dos aspectos *teóricos* e *técnicos* necessários para o desempenho profissional.

A dimensão *experencial* se refere à demanda que se instala na pessoa durante o processo do seu fazer clínico e que implicará na própria busca de psicoterapia. Esse é o lugar específico para o psicólogo desenvolver o aspecto fundamental para sua formação, que é a aprendizagem sobre sua forma de funcionar e estar no mundo, seus limites e suas possibilidades.

A dimensão de *supervisão* constitui o lugar privilegiado para que as articulações entre teoria e prática aconteçam de forma rica e produtiva para o processo de desenvolvimento da escuta clínica.

Procedido a este enfoque, infere-se que é a *supervisão* o momento significativo para o processo de ensino-aprendizagem. Durante a supervisão, emergem situações *experenciais* que se manifestam nas interseções da relação com o supervisor, com os colegas do grupo de formação e com o próprio cliente. A relação *aprendiz-supervisor* é a relação através da qual será trabalhada a relação

*terapeuta-cliente*. Nos momentos em que o supervisor *escuta* o psicólogo que está em formação, ao falar da sua relação com seu cliente, está propiciando a ampliação da capacidade de escuta do seu aprendiz, na medida em que o foco da supervisão é a relação intersubjetiva entre o supervisionando, seu supervisor e seu cliente, e não o cliente como caso clínico ou o conteúdo da sua sessão. O supervisor apresenta um papel intermediário *entre* o professor e o terapeuta e - não sendo nem um nem outro - é um terceiro que busca, na proporção da interação com seu supervisionando, facilitar o processo de apreensão e articulação entre a teoria e a experiência vivida. Como 'locus' privilegiado de interrogações, tanto teóricas quanto técnicas, a supervisão é também uma situação privilegiada para o surgimento das demandas de autoconhecimento pessoal.

*Desta forma a supervisão assinalará a própria demanda de psicoterapia no terapeuta aprendiz e o ensinará a desempenhar-se como instrumento da psicoterapia a partir do processo de dar-se conta de si mesmo, escutando em forma dupla durante a sessão, isto é, ao cliente e a si mesmo simultaneamente. (MOREIRA, 1997, p.05)<sup>19</sup>.*

As três dimensões para a formação do psicólogo e, especialmente, os aspectos destacados para o desenvolvimento da escuta clínica, parecem ser os pontos básicos e fundamentais do desenvolvimento profissional. No entanto, diante das vicissitudes existenciais que promovem 'desalojamentos do eu' e que estão sendo focos de estudos desta pesquisa, como proceder na escuta clínica, escuta esta que se processa na mutualidade das afetações? Como *interagir* durante a relação psicoterapêutica, com o fim de possibilitar o *dever* humano?

Para que o sujeito humano possa dar continuidade ao seu processo existencial, é importante que a relação terapêutica se constitua de tal forma, que possibilite novas configurações do *si mesmo*. Afirmo, com isto, que é necessário

---

<sup>19</sup> A tradução da citação é da minha inteira responsabilidade.

oferecer ao outro um espaço, em que suas experiências possam ser constituídas e reconstituídas, na medida da interação com a diferença de si e do outro. Quando o terapeuta reconhece no seu cliente as suas características e peculiaridades próprias, é a abertura de um campo de possibilidades para que se exista, como um outro para alguém. E, nessa medida, se estará oferecendo o acolhimento fundamental para que o fluxo da história existencial possa ter continuidade.

Nas situações clínicas “*se rompem os hábitos e rotinas que encobrem (...) as alteridades de si*” e se criam condições para se estabelecer “*(...) espaços de uma escuta desentrevada do que em mim não é eu, (...).*” (FIGUEIREDO, 1995b, p.50). Essas são experiências singulares de ‘descentramento’ que possibilitam o encontro com o estranho-em-nós.

Penso que estas situações oferecem condições de possibilidade para que se abram ‘brechas’ no “*cotidiano reassegurador e nos remetem de volta à original estranheza de ‘ser-no-mundo’ como ser lançado enquanto um não sentir-se em casa*”. (FIGUEIREDO, 1995b, p.50). E, nessa medida, parece-me, também, que posso pensar as situações psicoterapêuticas como exemplos de situações em que o eu é ‘desalojado’ pela alteridade de si e do outro, e em tal perspectiva, também, constituído e reconstituído.

A configuração do ‘*setting*’ terapêutico constituída pela presença do terapeuta, num espaço e tempos constantes e regulares, oferece o *holding* necessário para a contenção da angústia própria do humano. Abre-se a possibilidade para o ato criativo, pois a ambientação do ‘*setting*’ oferece, ao mesmo tempo, morada e estranheza.

É preciso deixar assente que o *acolhimento* e o ‘*holding*’ oferecidos na escuta clínica, ensejando daí situações terapêuticas, constituem garantia apenas do sujeito poder se experimentar, indo e vindo, entre o campo do compartilhado e o campo das suas singularizações mais próprias.

As interações terapêuticas deverão ocasionar um acesso máximo à verdade experiencial. Como conseqüência, essas situações devem ser pensadas como um campo no qual as *experiências são feitas*. 'A iluminação – revelação -- só acontece, no jogo do claro e escuro, de luz e sombra.'<sup>20</sup> A escuta clínica deve criar condições para que os rituais costumeiros do cotidiano sejam desestabilizados, possibilitando com isto a irrupção de acontecimentos, que não encontram correspondência nas representações até então construídas. Finalmente, é possível aventar que nas experiências psicoterapêuticas se criam situações favorecedoras para se verificar a *afetabilidade* humana, como condição primeira de compreensibilidade.

Essas experiências devem preparar os caminhos para *nova destinação do ser*, na medida que as inter-rações terapeuta-cliente ensejem situações para que a linguagem cumpra a sua função própria de preparar o silêncio e, assim, restituir "(...) *à palavra a preciosidade de sua essência, e, ao homem, a habitação para morar na Verdade do Ser*".(HEIDEGGER, 1967, p.34).

Neste momento, faz-se oportuno recordar a noção de experiência como *acontecimento* e, neste sentido, compreendê-la como '*algo que nos advém*', como aquilo que '*cai sobre nós*' e '*nos faz outro*'. Como conseqüência desta compreensão, não podemos mais afirmar que *temos*, mas que *fazemos* experiências, na proporção em que elas nos *acontecem* e nos *fazem outros*. Mas, é preciso recordar, também, que este processo implica em *um trânsito*, na medida em que, representações anteriores são suspensas e, ainda, não se teceu outra teia representacional que sustente a existência e possibilite a abertura para a '*fundação de novos mundos*'. '*Prefigura-se a morte*', instala-se a angústia.

A pertinência destas lembranças deve-se ao fato de que a noção de experiência, entendida como um acontecimento, não atende à questão a respeito

---

<sup>20</sup> Notas de aula na Disciplina *Fundamentos Filosóficos Da Clínica Fenomenológica Existencial*, ministrada pelo Professor Jesus VÁSQUEZ, no Mestrado de Psicologia Clínica da UNICAP, julho de 1999.

de eventuais 'desintegrações do eu' promovidas por experiências desalojadoras, no confronto com as incertezas e com o estranhamento de si mesmo. Devido às suas complexidades, esta questão demanda nova conceituação. Com a ajuda das reflexões de FIGUEIREDO (1994), introduzo a noção de *trauma*, por ele denominado de '*acontecimento inconcluso*', caracterizando as 'experiências que não terminam de acontecer', na medida em que a morte psíquica se instala. A experiência, entendida como acontecimento, é *constitutiva* da natureza humana; no entanto, o *acontecimento traumático* é *desestruturante*, porque ele vai interromper a existência. Melhor dizendo, o processo existencial fica impossibilitado de continuar acontecendo, na tarefa de elaborar as novas tessituras representacionais. Lembremos que o acontecimento *rompe* mundos e *funda* mundos. Com o trauma, porém, não só o mundo é rompido, mas e, principalmente, rompe-se o solo no qual se ancora a existência, e, a partir do qual, novas figuras representacionais poderiam emergir para novas configurações. No trauma, a fonte produtora de sentidos, é que é abalada. "(...) *ao invés de abrir a presença, o trauma encerra o campo do experimentável confinando aí o horizonte das possibilidades: a sensibilidade ao diverso é drasticamente reduzida*".(p.162, os grifos são do original). O que parece merecer destaque nestas considerações é que o trauma, sendo compreendido como um acontecimento *não* concluído, interrompe as transformações que 'levam adiante' a vida. Cessam o tempo e a história existencial.

A importância das questões, em torno da desintegração eventual do eu, em decorrência de experiências desalojadoras, requer que o nosso pensar se detenha sobre suas complexidades. É oportuno, então, proceder a uma digressão para esclarecer e melhor problematizar, a respeito da temática desconstrução/desintegração. É o que veremos nos próximo item e sub-itens deste capítulo.

## 4.2. Desalojamento: desconstrução ou desintegração?

*Aquilo que não me destrói me fortalece.(NIETZSCHE)*

*Nem tudo na vida é integrável e talvez estes restos dispersos e fragmentados sejam a grande semente de todo o processo de crescimento (FIGUEIREDO, 1999.)<sup>21</sup>*

De início, quero deixar claro o entendimento destes termos. Ocorre a *desconstrução* quando a ‘experiência desalojadora’ for constitutiva, ou, melhor dizendo, quando *mundos se romperam e mundos foram fundados*. Na *desintegração*, por outro lado, o que é rompido é o *solo da ancoragem* existencial, comprometendo a temporalidade existencial e a possibilidade de se continuar *fazendo* a história da própria vida.

Pensar a constituição da subjetividade nos relacionamentos básicos da vida psíquica do indivíduo obriga-nos a sair da interlocução direta e única com a filosofia heideggeriana, embora ela vá se manter sempre ‘à mão’ para possíveis aportes. E façamo-la com um aporte especial, levando em consideração a constituição da subjetividade no espaço da relação familiar, tendo como elemento de análise a leitura do livro *Reunião de Família*, de Lya LUFT. Convém destacar, Heidegger permanecerá no *fundo* de toda a análise, enquanto outros pensamentos se *configuram* e vêm oferecer elementos mais condizentes, com as reflexões que se seguem. Em alguns momentos, entretanto, as contribuições heideggerianas continuarão com suas brilhantes aparições.

---

<sup>21</sup>Frase transmitida, via email por Luís Cláudio FIGUEIREDO, em comunicação de orientação desta Dissertação, em 22 de novembro de 1999.

Qual seria o interlocutor mais apropriado, a este novo momento que se descortina? Basicamente, é com Winnicott que vou me ater para o suporte desta análise.

Winnicott é um pensador, que dentre os autores psicanalistas, permite articulações com o pensamento heideggeriano, conforme nos aponta LOPARIC (1999). “(...) Winnicott’s psychoanalysis can be seen as an unintended partial realization of Heidegger’s project of a *daseinsanalytic pathology and therapy*. (p.108).”<sup>22</sup> O mais importante a ser destacado, nesta articulação assinalada por Loparic, é que o pensamento winnicottiano concebe a existência humana como não objetivante nem determinística, coincidindo com idêntica exigência heideggeriana. Cabe sublinhar que são pensamentos oriundos e pertencentes a searas distintas do conhecimento humano e que estão aqui sendo convocados como coadjuvantes neste processo investigativo, na proporção em que prestarão auxílio às suas possíveis compreensões e interpretações.

O processo maturacional concebido por Winnicott, para explicar o crescimento, é entendido como resultado da manifestação da natureza humana ao longo da dimensão temporal, e, como tal, não é um processo natural. A natureza, ou a essência humana, como compreende Winnicott, é dotada por uma *tendência para a integração* ou um *potencial para o crescimento*. Melhor dizendo, o ser humano é compreendido *sendo* e, nesta medida, guiado pela necessidade de *continuar a ser*, e ser, especialmente, um *self*<sup>23</sup> independente. A idéia não substantivada assim como a dimensão temporal da natureza humana ficam explicitadas nas palavras de Winnicott (1990): “O ser humano é uma amostra-no-tempo da natureza humana” (p.29). A abordagem winnicottiana permite perceber a existência humana como um *acontecimento* que se processa no tempo e com o tempo.

---

<sup>22</sup> “(...) A psicanálise de Winnicott pode ser vista como uma parcial realização, não intencional, do projeto de Heidegger para uma terapia e patologia da *dasein* análise (p108)”. (A tradução é minha.)

<sup>23</sup> “O self acontece a partir das potencialidades do bebê auxiliadas pelo meio ambiente favorável, alcançando ao longo do processo maturacional um sentido de totalidade. Trata-se de um conceito fenomenológico e não estrutural” (SAFRA, G. 1999, p.92, nota de rodapé).

A idéia de Winnicott sobre o desenvolvimento humano enfoca primordialmente a relação dual mãe/bebê. Devido a imaturidade própria do ser humano no início da vida, a mãe representa, através dos cuidados oferecidos ao seu filho, o suporte fundamental para a sua maturação bio-psico-social. A teoria da maturação<sup>24</sup> de Winnicott concebe que o desenvolvimento infantil se inicia com o que ele denomina de “gesto espontâneo” que tem sua origem no “*potential True Self*”.

*A mãe que desenvolve o estado que chamei “preocupação materna primária” fornece um **setting** no qual a constituição do bebê pode se mostrar, suas tendências de desenvolvimento podem começar a se revelar e o bebê pode experimentar um movimento espontâneo e dominar as sensações apropriadas a esta fase inicial da vida. (...) Fracassos maternos produzem fases de reação à invasão e estas reações interrompem o “continuar a ser” do bebê. (...) Em outras palavras, a base para o estabelecimento do ego é um suficiente “continuar a ser”, que não foi interrompido por reações à invasão.(WINNICOTT, 1978, p.495-496, os grifos são do original).*

A partir deste passo inicial, um estado de expectativa (“*expectancy*”) é criado, que permite ao bebê humano “(...) *to find something somewhere, not knowing what*”.(LOPARIC, 1999, p.122). Neste momento o bebê está pronto para criar.

Para Winnicott, cada existência humana inicia, com o nascimento, a tarefa prematura de recriar o mundo. Com a finalidade de entender sobre as coisas, o bebê cria os objetos; esta é a maneira como ele soluciona a sua tarefa existencial básica, que consiste em se integrar no tempo e no espaço, habitar o corpo e interagir com os “objetos” do mundo. O primeiro objeto para o bebê é sua mãe que, neste estágio inicial, não é compreendido como separado dele. A experiência do bebê, nos seus primórdios, é de total dependência da mãe sem nenhuma

---

<sup>24</sup> A teoria da maturação implica no processo maturacional que se refere “(...) *ao acontecer humano na dimensão temporal, em que as potencialidades do bebê realizam-se e evoluem com o auxílio do meio ambiente*”.(SAFRA, 1999, p.92, nota de rodapé).

noção de identidade. Posteriormente, o bebê se separa da mãe, condição indispensável para adquirir um senso de independência e de liberdade pessoal. Neste processo, ele necessita aprender a destruir objetos e a usá-los para criar o sentido da realidade externa. Após a realização dessas etapas, o ser humano começa a se experimentar biologicamente, especialmente no aspecto sexual, direcionado pelos próprios impulsos. Está deflagrado o processo crescente do desenvolvimento, que só termina com a morte, (...)”*the last fact of life*” (LOPARIC,1999,p.123).

Retomando o enfoque heideggeriano, onde o homem é visto como “(...) *abertura originária ao ser, pre-compreensão do ser, procura de ser*”.(VASQUEZ, 1999, p.3) Sublinha-se a precariedade do existir humano, que se constitui na aceitação da sua *ec-sistência*, do seu *ter que ser*. Impõe-se novamente a questão: a condição humana implica em desalojamentos?

No intuito de encontrar respostas para esta questão e tantas outras e estimulada pela trama afetiva das relações familiares que Lia LUFT apresenta, procederei a algumas articulações sobre a condição humana de ser-no-mundo-com-os-outros e o desamparo constitutivo.

*Apenas um encontro de família: mas sinto-me como se estivesse à beira de um lago, um rio, mirando a superfície calma. Nas profundezas, movem-se criaturas estranhas. Se as contemplar, ainda serei a mesma pessoa?*

*Eu brincava assim na meninice: de não ser eu.(...)*

*(Tudo fantasia. Mais tarde habituei-me à minha vida doméstica e segura; fora dela, fico desamparada. Como um bicho que despido da casca, expõe um corpo viscoso e mole, onde qualquer caco de vidro no chão pode penetrar, liquidando essa vida rastejante.) (LUFT, 1991, p.15)*

Esses pensamentos, oriundos de Alice, personagem central do livro de Lia LUFT, revelam o drama do viver humano. O conflito expresso encerra a tragédia de ser homem: de viver na tensão permanente entre necessitar do amparo do

cotidiano reassegurador e, ao mesmo tempo, necessitar romper com o familiar para possibilitar o outro que se é. No ofício de existir, tarefa primordial do ser do homem 'o trânsito' é a situação constante da condição humana: encontrar-se e perder-se sistematicamente e aprender a transitar na permanência da dúvida. *“Eu brincava assim na meninice: de não ser eu. (...)”*.

Acredito que é possível articular essas considerações com o pensamento de WINNICOTT (1993) quando conjectura que existiriam na vida psíquica dos indivíduos duas tendências atuando em sentidos opostos. A primeira, refere-se às ações rebeldes e que impulsionam o indivíduo para o afastamento e o rompimento com os pais e demais membros da família; a segunda, engloba um movimento de permanência ou de retorno ao lar. No entanto, o mais importante que WINNICOTT (1993) assinala é que esta segunda tendência é a que vai dar as condições para que a primeira seja um degrau para o desenvolvimento, e não uma desarticulação da personalidade.

*Refiro-me, antes, à capacidade individual de realment e voltar aos pais e especificamente à mãe, voltar, enfim, ao centro ou ao início, no momento em que lhe convier (...). Devemos ter em mente que o pai e a mãe são a origem de todos os deslocamentos.(p.134)*

Desses ensinamentos winnicottianos, direciono as reflexões para dizer que sem as raízes, sem o chão, sem a casa, não é possível o homem cumprir o seu ofício existencial, ou seja, cumprir aquilo que é o cerne do pensamento heideggeriano, no qual o homem é compreendido como 'ec-sistência', melhor dizendo, 'para fora' e em cujo processo residiria a essência do seu ser.

Com efeito, o que pretendo neste tópico do trabalho é problematizar, a partir de Alice e Evelyn, dois personagens de uma mesma família enfocados no livro de Lia LUFT, a experiência desalojadora do eu, acreditando que esta é a situação que possibilita ao ser-no-mundo, o seu ser *ec-sistência*. A essência humana é ser *este fora*. O homem é *ter que ser*, como ensina a filosofia

heideggeriana. Paralelamente, no dizer winnicottiano, a existência humana se processa como um acontecer no tempo e com o tempo. No entanto, para que a personalidade não seja desarticulada, durante o processo existencial, como o próprio WINNICOTT (1993) pontifica, é necessário que a família tenha sido para seus membros a “(...) *estrutura especialmente programada para dar continuidade à dependência inconsciente da criança em relação ao pai e à mãe de fato; esta dependência inclui a necessidade que a criança tem de separar-se com rebeldia*”.(p.137). Fica evidenciado, nestas colocações, que a estrutura familiar estará oferecendo uma certa garantia para o acontecimento humano se desenvolver, em sua dupla face de dependência/independência.

Em princípio, será procedida a uma pequena resenha do livro.

#### **4. 2. 1. Uma Ilustração Literária**

*Tão fácil conviver quando águas paradas recobrem tudo. O mundo voltou a ser ordenado, tal como precisamos que seja. Se admitirmos o vórtice, o abismo, o subterrâneo por trás dos espelhos, nossas bocas hão de se escancarar num grito.*

*Mãe – Chamaremos agoniados.* (LUFT, 1991, p.124).

*É muito importante que, a cada arroubo de iconoclastia, o indivíduo possa redescobrir nas formas rompidas o mesmo cuidado materno e*

*parental e a mesma estabilidade familiar que embasavam sua dependência em épocas anteriores. É função da família constituir o terreno sobre o qual se desenvolve na prática esse dado essencial do crescimento pessoal. (WINNICOT, 1993, p.137).*

Alice é a filha mais velha da família e tem mais dois irmãos, Evelyn e Renato. Eles foram criados por um pai cruel e rude e Berta, antiga empregada da casa, “forte e despachada”, mas ignorante e seca. A mãe morreu quando Alice tinha apenas quatro anos de idade. Cresceram sem os cuidados maternos e sem poderem recordar, ou ouvir falar de histórias sobre a mãe morta. “Ninguém nos falava em nossa mãe, era como se tivéssemos nascido sem ela; desenraizados. Nossa família era então um espelho sem moldura. Inconsistente: um toque mais brusco, tudo se estilhaçava”.(p.34)<sup>25</sup>

Além do mais, Alice, Evelyn e Renato não tiveram acesso a outros aconchegos familiares. O pai, homem esquisito, os mantinha afastados de qualquer contato com outros membros da grande família. Inclusive, mudando de residência e se desfazendo de todos os pertences e mobiliários que permitissem manter algum vestígio da memória da mulher que morrerá. “Nosso pai não devia ter-se dado conta de que estava criando filhos solitários e tristes, que passavam perto dele encolhidos como cães escoraçados e ficavam por ali, na esperança de um carinho, mesmo distraído”.(p.58)

Alice, diferentemente dos irmãos, gostava de ler e se refugiava na leitura para poder escapar das horas em que era obrigada a permanecer de castigo sem poder se levantar. “(...) escapava para um tipo de liberdade que certamente meu pai nem adivinhava, ou me teria privado disso também”.(p.35). Casou-se cedo, com apenas 18 anos. Tinha planos de estudar, mas resolveu ser apenas

---

<sup>25</sup> As falas são de Alice, personagem-narrador do livro citado de Lia LUFT e que ilustrarão todo esse trecho do trabalho.

dona de casa. O seu marido era um homem quieto e bondoso, e com ele teve dois filhos. Na época em que se passa a história, Alice tinha uma pacata vida familiar, com os filhos já crescidos.

Evelyn, diferentemente dela, casara tarde, com quase 30 anos. Teve um filho e pouco depois do casamento, convence o marido a morarem com o pai, por vê-lo velho e adoentado. *“Evelyn: a irmãzinha que deixei sob a tirania de nosso pai quando me casei tão cedo; mas ela nunca se queixava; era uma menina sossegada, parecia incapaz de emoções intensas”*.(p.14)

É Evelyn quem volta para casa paterna, agora mãe de um filho, para cuidar do pai que detestava crianças. Consegue manter Cristiano longe do avô e com isso podem ter uma convivência razoável. Assume a direção da casa com perfeição e eficiência, até que o filho, com apenas 8 anos, sofre, junto com ela, um acidente de carro em que teve esmagadas as suas duas pernas. Semanas de sofrimento e hospitalizações, resultando na amputação das pernas do garoto, logo abaixo do quadril, e que terminou com a morte de Cristiano que não resistiu a tanta agonia. *“Evelyn ainda não acredita nessa morte. Precisamos conseguir que ela encare a realidade e não fique agindo como se o menino não demorasse a voltar”*.(p.21).

A tragédia dessa morte é acrescida pela culpabilidade materna que, no dia do acidente, dirigia o carro levando o filho para a escola. Depois disso, nunca mais foi a mesma. A cada dia que se passava se alheava mais e mais da realidade. *“(...) a morte devorou Cristiano e sua mãe não aceita isso. Fabrica um mundo ilusório – nele o menino continua vivo. (...) Logo Evelyn, tão equilibrada... um pouco fria até”*.(p.14).

É nessas circunstâncias que Alice foi convocada pela cunhada, mais decidida e independente, para uma *‘reunião de família’*. Esta reunião ocorreria, durante um fim de semana, na casa do pai, onde Evelyn morava com o marido e o filho que morrera. Tinham que tomar alguma providência. Bruno, o marido de Evelyn, estava desnordeado com a morte do filho e o sofrimento da mulher.

Renato, o irmão, nunca sabia muito que fazer. O pai, cada vez mais alheio...e, agora, dado a escutar zumbidos no ouvido, provenientes, segundo ele, de bichos que não paravam de se movimentar.

*Alice, a dividida: foi assim que senti esta manhã, um pouco aborrecida por ter de viajar.(...)*

*Mas hoje sou obrigada a sair dessa concha: por um fim-de-semana, (...) Uma cidade próxima, uma hora de ônibus. Para que todo um fim de semana?*

*(...)Não gosto de sair de casa; detesto viajar sozinha, e meu marido recusou-se a vir :(...) Se eu quisesse, poderia ir. (...) como não estou habituada a tomar decisões, fiquei inquieta. (p.10-11).*

Alice se refugiava em casa, na ilusão de deixar a vida 'lá fora'. Agora, estava sendo convocada e compelida a sair do 'seu mundo seguro'. E, tudo se tornava mais ameaçador pelo fato de ter que permanecer, por mais tempo, na casa paterna. O que tudo isso poderia representar? O que poderia acontecer? Sentia-se ameaçada...

Quando criança criara mecanismos para a sobrevivência psíquica. Refugiava-se nos livros, onde dava 'asas à imaginação', ou 'fugia pelo espelho', pensando ser 'a outra dela mesma'. *"Não a coitada, filha do Professor a quem ninguém apreciava; mas outra Alice – poderosa, inconquistável".(p.15).* Estava desacostumada a usar desses recursos, nem se lembrava mais, exceto naquela manhã, ao se preparar para sair de casa. Ao se olhar no espelho, achou-o pequeno demais. Então, lembrou-se do antigo jogo, tão inusual na sua vida de hoje.

*"O jogo: do tempo em que eu não era uma pacata dona-de-casa com filhos criados, mas uma menina sem mãe; que inventava o jogo do espelho para ser menos infeliz".(p.10).* Despedindo-se do marido, na porta de casa, perguntou sobre o que ele achava de colocar um espelho grande na sala. Diante da admiração dele por

essa idéia extravagante, justifica-se dizendo que espelhos davam a impressão de maior amplitude aos ambientes.

*Por detrás do reflexo familiar ia-se formando outro alguém. De início, sorrateiro; depois, dominando tudo com seu poderoso olhar.*

*Seu nome também era: Alice.*

*Ela: o contrário de mim, meu reverso. Sempre a espera por baixo da superfície. Livre para detestar tudo o que, aqui fora, eu era obrigada a aceitar.* (p.10).

Alice, ameaçada de sair da sua 'concha'. Alice 'desalojada' do seu cotidiano assegurador. Como se manter a mesma? E ao mesmo tempo, como ser 'a outra' que antevia? *"Quem é essa que me observa o dia todo, quando falo, como, trabalho, leio ou durmo?"* (p.12). Como sair e poder retornar?

Na sua infância, a situação familiar não tinha lhe assegurado recurso para o enfrentamento das experiências de desestabilização que a vida, reiteradamente, oferece. Parecia que para Alice, e seus irmãos, não fora possível manter a fluidez da tensão permanente entre as duas tendências básicas do psiquismo humano, de que fala WINNICOTT (1993). E, por isso, aquelas pessoas estavam bloqueadas nos seus processos de crescimento, que englobam o impulso ao rompimento e o impulso à permanência.

O que é mais importante e que desejo assinalar no pensamento de Winnicott, é que ele permite pensar o movimento pendular da existência humana: este movimento entre 'o ir' e 'o vir', de singularização e de retorno ao campo do compartilhado. Este trânsito é garantido, na medida em que, o sujeito está livre para ir, cada vez mais longe, mas sabendo que pode retornar, pois mesmo no campo da singularidade, os elos não foram perdidos. Assim como, no campo do compartilhado, algo de incomunicável permanece preservado, o compartilhado

não toma conta de tudo, pois caso isto aconteça é invasivo e destrutivo.<sup>26</sup> A luta conflituosa de ambos os impulsos garante o afastamento e a segurança do retorno e garante que a subjetividade humana tenha a possibilidade “(...) de realmente voltar (...) ao centro ou ao início, no momento em que lhe convier (...). **Devemos ter em mente que o pai e a mãe são a origem de todos os deslocamentos**”.(p.134, os grifos são meus).

Sem ‘centro,’ como suportar os abalos às estruturações psíquicas?  
Sem nunca ter tido um ‘chão assegurador,’ como perdê-lo sem desestruturações irreversíveis?

Quê condições Alice e Evelyn tinham de *ir e vir*?

Quê condições Alice e Evelyn tinham de dar *abrigo* às suas experiências de vida?

Ambas constituíram família e, aparentemente, pareciam ‘tocar’ suas existências. Ambas *sáíam* da casa paterna. Alice, bem cedo, se casou. Evelyn, que se casa mais tardiamente, no entanto rápido retorna com a alegação de cuidar do pai envelhecido. Evelyn era pessoa pouco expansiva, mas, com o nascimento do menino, mudara completamente. Parecia ‘*tudo no lugar*,’ quando a morte prematura do filho ‘*desarticula*’ a sua personalidade.

Estaria, Evelyn, através dos *cuidados* que prestava ao filho, podendo obter os *afagos maternos*, que nunca tinha tido? Perdê-lo representaria, então, o rompimento de uma personalidade que fragilmente se estabilizara na ausência dos suportes afetivos fundamentais? *Situações desalojadoras* para Evelyn eram, pois, sinônimo de morte psíquica?

---

<sup>26</sup> Idéias possíveis de serem elaboradas, após a Comissão de Avaliação do Projeto desta Dissertação, e a partir das colocações do seu orientador Luís Cláudio Figueiredo, em 21 de julho de 2000, Recife, Pe.

*Olho para Evelyn e recordo aquele brinquedo da infância, foi raro, mas singular ela subia para a minha cama, quando era pequena, e pedia para brincar de “mãe e filha”. Então eu a tomava nos braços, embalava. (...)*  
*Não durou muito tempo, porque um dia comecei a chorar e perguntei:*  
*- E quem vai ser a minha mãe? (p.60).*

Alice, por seu turno, apesar de ter se casado bem antes, morar longe e aparentemente *‘manter tudo sob controle’*, parecia que apenas *‘trocara de dono’*. *“Eu tinha outros planos para minha vida, mas acabei sendo Alice, a coitada; a de mãos ásperas e coração agoniado. Troquei de dono quando me casei, fui para um proprietário menos exigente, menos violento – mas meu dono”.*(p.110).

Tanto Alice, quanto Evelyn, tiveram nas suas vidas, ausência dos suportes afetivos familiares. No entanto, parece que Alice, por ter tido a mãe até os 4 anos, conseguiu alguma reserva afetiva significativa. Sabemos com WINNICOTT (1993) que *“(...) o desenvolvimento emocional do primeiro ano de vida lança as fundações mesmas da saúde mental do indivíduo humano”.*(p.5). Evelyn, pelo contrário, era bebê quando a mãe morreu.

*Cresci sem mãe; sem avós; sem tias nem primas; nosso pai não era ligado à família, falava como se fosse sozinho no mundo. Nunca tive alguém perfumado e doce para me abraçar; para ajeitar meu cobertor na hora de dormir, ou contar histórias; para me dar conselhos. Nem para cuidar de Evelyn, que era um bebê quando nossa mãe morreu, e foi criada por Berta; ou para ajudar meu irmão Renato, que só levava surras de nosso pai.*(p.20).

Além de ser ainda um bebê, quando da morte de sua mãe, Evelyn, provavelmente contou muito pouco, ou nada, com o colo materno. A mãe passou meses doente, antes de morrer. Na verdade, Evelyn não contou com o senso de segurança fundamental que a mãe lhe propiciaria, e que teria lhe dado condições de vivenciar *‘situações de desalojamento’*, sem desarticular sua personalidade. *“Às vezes, segurança significa simplesmente ser adequadamente seguro no colo”.*(WINNICOTT, 1993, p.7).

A carência afetiva de ambas era enorme, mas será que esta diferença pode ter sido o 'divisor de águas' na vida das duas? O que mais Alice pôde ter que a vida não ofereceu a Evelyn?

Provavelmente Alice recebeu os cuidados de uma mãe *suficientemente boa*, que no dizer de WINNICOTT (1978)

*(...)é aquela que efetua uma adaptação ativa às necessidades do bebê, uma adaptação que diminui gradativamente, segundo a crescente capacidade deste em aquilatar o fracasso da adaptação e em tolerar os resultados da frustração. (...) A mãe coloca o seio real exatamente onde o bebê está pronto para criá-lo, e no momento exato.(p.401-402).*

Na visão winnicottiana, o ser humano nasce com uma capacidade alucinatória e graças a ela é capaz, durante o período em que não se diferencia de sua mãe, imaginar criando-a. Esta criação acontece quando a mãe se coloca para satisfazer suas necessidades. Este período é chamado por Winnicott de *ilusão*, e é considerado por este autor como fundamental para o desenvolvimento da capacidade criativa do ser humano. Neste período, o bebê tem a ilusão de criar o mundo. Caso os cuidados maternos sejam precários, ou o bebê não tenha uma mãe capaz de atender às suas necessidades específicas, no tempo e no ritmo próprios, o seu desenvolvimento sofrerá prejuízos inestimáveis.

*De acordo com esta tese, uma provisão ambiental suficientemente boa, na fase mais inicial permite que o bebê comece a existir, a ter experiências, a construir um ego pessoal, dominar as pulsões e enfrentar todas as dificuldades inerentes à vida. Tudo isto é sentido como real pelo bebê, que se torna capaz de ter um **self** que eventualmente, pode se dar ao luxo de sacrificar a espontaneidade e mesmo morrer.*

*Por outro lado, sem a provisão ambiental suficientemente boa, este self que pode se dar ao luxo de morrer nunca se desenvolve. (...) Se as dificuldades*

*inerentes à vida não podem ser alcançadas, mais difícil ainda será alcançar as satisfações. Se não há caos, surge um falso **self** que oculta o **self** verdadeiro, que se submete às demandas, que reage aos estímulos, que se livra das experiências pulsionais passando por elas, mas que está apenas ganhando tempo.*(WINNICOTT, 1978, p.497, os grifos são do original).

Self verdadeiro e falso self são dois conceitos importantes do pensamento de Winnicott para auxiliar a compreensão da complexidade do psiquismo humano, constituído *entre* estes dois pólos. O self verdadeiro, como já foi assinalado, é um potencial. E o falso self se constitui para fora, apenas em atenção às expectativas, desejos e receios, em relação aos outros.

Alice apresentava-se capaz de se refugiar e se libertar através dos livros que lia. Conseguia, através da sua capacidade criativa, encontrar recursos de ultrapassar o mundo estreito e limitado em que vivia. Para Alice foi possível através da sua capacidade imaginativa constituir sua subjetividade e a própria realidade. Parece que conseguia permanecer no trânsito entre a submissão às demandas, próprias do falso self e o "*potential True Self*". Não é dessa forma que o fluxo da vida poderá se manter?

*Talvez essa vida tão estreita tenha multiplicado minhas fantasias. Nessa dimensão eu realmente podia viver: a do sonho. Nela movia as asas secretas; era eu mesma, sem medo de ser ridicularizada, castigada a toda hora; assim me salvara de ressecar completamente.*(p.37).

Aprendemos com Winnicott, que a saúde para o ser humano se inicia com a qualidade dos cuidados maternos a ele dispensados na mais tenra idade, permitindo que ele satisfaça a sua onipotência, ou seja, a ilusão de criar a mãe. Neste processo, o bebê vai desenvolvendo a sua capacidade imaginativa, que lhe dará condições para enfrentar a experiência da separação de forma criativa. O que será traduzido pela capacidade de resolver o problema da relação entre os objetos percebidos objetivamente e os que ele concebe subjetivamente.

*Em outras palavras, o processo de desilusão passa a fazer sentido para o bebê e a noção eu---não-eu principia a se estabelecer. Esse espaço que surge na separação do corpo da mãe e do bebê dá início ao que Winnicott denominou: espaço potencial. É um vazio entre corpos e torna-se potencial na medida em que pode ser preenchido pela imaginação do bebê. Um espaço paradoxal, pois ao mesmo tempo que separa une. (BARRETTO, 1998, p.176).*

Parece que Alice teve condições de preencher criativamente o vazio que surgiu da separação entre seu corpo e o corpo materno. *“Nessa dimensão eu realmente podia viver: a do sonho”*. E, com isto, desenvolver essa área intermediária da experiência humana, que tem relação direta com o objeto externo e com o interno, mas ao mesmo tempo não é, nem um, nem outro. Trata-se, na verdade, de uma terceira área, e na qual ocorrem o que Winnicott chamou de *fenômenos transicionais e objetos transicionais*. *“Se tudo correu bem, o bebê provavelmente “adotará” um objeto que o auxiliará a lidar com a angústia mobilizada pela ausência materna. A primeira possessão não-eu do bebê(...)”* (BARRETTO, 1998, p.176). É importante observar a distinção desta área com as demais. WINNICOTT (1978) é claro quando afirma que *“os fenômenos transicionais representam os primeiros estádios do uso da ilusão (...)”* (p. 402), significando, portanto, o início do estabelecimento do campo da ilusão, fundamental no processo do trânsito e da transcendência das operações psíquicas de diferenciação entre externo e interno, subjetivo e objetivo.

*Como nos livros: a assustadora e deliciosa passagem de uma realidade a outra, sem saber onde o concreto, onde a fantasia. Era a liberdade, essa transparência. Era o poder. Meu lado avesso, esconjurado, começava a ser legítima(p.37).*

Alice conseguia, no diálogo com o avesso dela mesma, estabelecer um equilíbrio, que a vida familiar não lhe oferecia. E mais que isso, conseguia

transcender os limites dela mesma, na medida em que seu “(...) lado avesso, esconjurado, começava a ser legítimo”. Conjeturo que isto era permitido à Alice, porque ela pôde, na relação com a mãe desenvolver uma imagem integrativa do próprio eu. Para Winnicott, a função materna de espelho implicaria no reconhecimento de que a criança pode fazer de si mesma através do olhar materno, que, por sua vez, refletiria os sentimentos e a percepção que a mãe está tendo da criança.

*Ressalte-se nesta visão a possibilidade de um reconhecimento, primeiro por parte da mãe, das características do bebê, suas emoções e sentimentos; e, então, a oportunidade do bebê se reconhecer na expressão facial materna.(BARRETTO, 1998, p.144).*

*Muitas vezes, sozinha ou de castigo, se havia um espelho perto avaliava minha imagem: uma menina sem graça, roliça, pesadona.*

*Mas tudo mudava no jogo dos reflexos; a gente sentava diante da outra e olhava... intensamente, com tamanho fervor, olhava e dizia: você é má, é louca, é suja, você mente... por isso está sempre de castigo, por isso leva esses tapas, por isso ninguém gosta de você.*

*Aos poucos ela se transformava, espantoso como se transformava: arqueava de outro modo o sorriso, o olhar destilava malícia e ousadia, o rosto assumia beleza, era um desafio.*

*Eu era ela. Era a outra, que irresistivelmente me puxava para seu mundo de lampejos dourados.(p.37).*

Alice, finalmente, conseguiu no seu processo existencial transitar, mesmo que precariamente, entre o *ir* e o *vir*. “(...) no decorrer do desenvolvimento emocional o indivíduo transita da dependência para a independência; e o indivíduo sadio conserva a capacidade de transitar livremente de um estado a outro”.(WINNICOTT, 1993, p.131-132). Claro que Alice, quando fazia este trânsito, fazia com muita angústia, dificuldade e aprisionamento.

*Preciso de tudo ordenado e calmo. Vida se resolvendo nas pequenas lidas de cada hora; executar tarefas sensatas e úteis; saber que no fim do dia meu marido vai chegar, um homem quieto e pacato. E que, entrando em casa quase junto com ele, meus dois filhos me beijarão na testa, distraídos, dizendo: 'Boa noite velha'.*(p.17).

Sabe-se que todo ser humano necessita dessa ordenação cotidiana, mas Alice precisava muito mais: ela precisava segurar a vida. Ter a segurança mínima, básica e fundamental que a falta da mãe e a incapacidade do pai, não lhe proporcionaram. "(...): a gente agarra coisas banais querendo segurar a vida".(p. 18).

Mas, a angústia era muito forte e aterradora:

*(...) Sofro de insônia, isso sim: nessas horas não consigo ficar deitada, o coração parece saltar pela garganta. Uma angústia o aperta como bicho que, esmagado entre os dedos, começasse a se debater, esperneando enlouquecido...Então saio da cama, com cuidado para não acordar ninguém, e vou sentar na sala; leio ou penso. (p.18).*

Interessante observar que a contenção que Alice podia oferecer para si mesma era inacreditável. Não pôde 'dar o colo' para sua irmãzinha, pois ela também necessitava. Mas pôde, de alguma forma, aconchegar-se e transfigurar-se, transcendendo-se.

É claro que Evelyn, além de tudo que já mencionamos, sofreu a tragédia de perder, de forma brutal e prematura, o único filho que tivera.

*Difícil de acreditar: essa criatura equilibrada, que há alguns meses levava uma vida normal, atendendo ao trabalho e à casa, agora naufraga na loucura, abraçada ao filho morto.*

*Ou será que por baixo daquela superfície, havia desde criança outra Evelyn, apenas esperando o momento de emergir... Essa que agora, perturbada em seu sono, lança sobre nós o olhar desvairado?* (p.56).

Estas reflexões de Alice permitem-nos pensar sobre a precariedade da estruturação da personalidade de Evelyn. Era impossível para ela ser ‘*a outra dela mesma.*’ Era impossível que ela experimentasse ‘experiências desalojadoras’ e pudesse dar ‘abrigo aos acontecimentos da vida’. Foi impossível para Evelyn desenvolver a capacidade de ampliação da subjetividade pessoal e constituir-se como uma *clareira*, no dizer heideggeriano, ou, como diz NAFFAH NETO, (1995), constituir-se como uma ‘*envergadura interior*’ “(...) *capaz de propiciar abrigo, morada, aos acontecimentos da vida*” (pg.198).

Evelyn, na sua frágil estruturação e na ausência da figura materna, buscava nas características paternas um modelo de identificação. No entanto, esse pai não lhe oferecia nenhum suporte afetivo, era frio e sem nenhum investimento amoroso. Era o filho mais velho de uma família numerosa, e tinha poucos recursos financeiros. O próprio pai era alcoólatra e muito violento. Bêbado, surrava a todos, inclusive, a mulher. Fugiu de casa, numa dessas ocasiões, e nunca mais procurou a família. Como se pode constatar, pela própria história passada do pai, Evelyn não poderia encontrar nele possibilidades identificatórias positivas.

*Quando se zangava, Berta dizia que Evelyn puxava ao pai. Não levei isso a sério, mas talvez houvesse algum traço comum; muito leve, mas havia: a boca fina e dura; o retraimento um pouco frio. A obsessão de ordem e eficiência; a disciplina.*

*Talvez fosse um recurso de Evelyn para não sofrer com o ambiente em nossa casa. Eu fugia para meu espelho, meus livros; Renato vagava pela rua, pouco estava em casa; Evelyn cercava-se dessa tênue couraça de frieza: era isso.(p.57-58).*

Mas será que era só isso, como explica Alice? Era só para não sofrer com o ambiente de casa, com a crueldade do pai, e com a falta da mãe, que Evelyn era rígida e fria? Ou poderíamos encontrar, também, outras explicações?

Voltemos ao pensamento de Winnicott. Foi observado que as características próprias de cada bebê humano reveladas, no seu início, por cada aspecto do seu funcionamento biológico, deverão ser captadas por quem cuida dele. Trata-se da importância dos cuidados maternos manifestados com devoção nos primeiros meses de vida, que garantirão o estabelecimento da subjetividade humana sadia e a sua conseqüente maturação.

*O importante é que esta relação se constitua de tal forma que possibilite ao bebê existir como ser, e não só como organismo biológico. Isto significa que o bebê pode ser reconhecido pela mãe e pode inscrever as suas características na subjetividade da mãe, o que lhe permite desenvolver um sentido de continuidade e um certo estilo de ser. (SAFRA, 1998, p.11.)*

Através destes ensinamentos winnicottianos, deduz-se que ser reconhecido pela mãe é a base intersubjetiva da vida psíquica individual. É preciso compreender que, neste processo, as características da mãe estarão sendo inscritas na subjetividade do bebê. Posteriormente, ao poder discriminar *eu* e *não-eu*, a criança pode ir aprendendo a conviver *com* outros. No exercício de desenvolver a capacidade de lidar *com a separação*, o ser humano vai, através da ampliação do campo da ilusão, criando um espaço intermediário, o chamado espaço *transicional*. Este espaço é fundamental para permitir que o sujeito aprenda a transitar na experiência da *relação com*, deixando-se transformar. Sem o espaço da ilusão, no qual não existe a necessidade das definições restritas e em que o mundo do 'faz de conta' domina, como suportar a invasão do outro? Sem fazer sentido para um outro, como se desenvolver no mundo da intersubjetividade? Como se saber *um eu*, separado da mãe, sem ter sido possível o desenvolvimento da capacidade criativa? É nesta condição que a existência humana será constantemente recriada. Sem ela, a existência se reduziria aos hábitos mecânicos e repetitivos da rotina diária. O *espaço transicional* é o solo fértil, em que poderá brotar novos acontecimentos e do qual surgirá a possibilidade de se *fazer outro*.

Todavia, é no engendramento da realidade psíquica compartilhada que as subjetividades humanas vão se organizar. Ou, como diria HEIDEGGER ([1927]1988), é no *impessoal* que o ser-no-mundo se constitui e se mantém a maior parte do tempo. O cotidiano rotineiro possibilita o sentimento tranqüilo do 'sentir-se em casa', na medida em que organiza e estrutura a vida.

Qual era a realidade partilhada pelo psiquismo daquela família e que constituiu as singularidades subjetivas de Alice e Evelyn?

*—Um pai como o senhor acaba com a vida de qualquer um.  
(...) – Odeia seus próprios filhos. Não sei como isso é possível, mas é verdade. O senhor nunca foi pai foi carrasco.(...) Nem da nossa mãe o senhor gostava, ela morreu de tristeza, essa é a verdade. Era quase uma menina, e o senhor nunca lhe deu amor nem atenção. Ela preferiu morrer. (ps. 81-82-83).<sup>27</sup>*

Este diálogo-desabafo oferece o panorama da realidade psíquica partilhada por aquela família.

Nas palavras de Alice, encontraremos outras expressões marcantes que fundamentam a idéia da definição do sujeito no espaço intersubjetivo.

*(...) a isso nos habituamos desde crianças: a não sermos solidários, a não nos mostrarmos amigos nas horas difíceis. A pensarmos só em nós mesmos,  
(...)  
Fomos uma ninhada de cachorrinhos que brincam juntos, mas logo são capazes de se dilacerar por um naco de carne.(...)  
Crias sem mãe, num terreno baldio. (...)*

---

<sup>27</sup> Trechos da 'explosão de ódio', em relação ao pai e na presença dos demais membros da família, efetuada por Renato, personagem do livro citado de Lia LUFT.

*O que está acontecendo comigo? Conosco? Somos uma família, por que estamos agindo assim? Nós nos odiamos, é a única verdade, nos odiamos! (...).* (ps. 106-107-108).

Estas indagações de Alice são uma demonstração da sua capacidade subjetiva, de se reconhecer e reconhecer os demais membros de sua família. Alice consegue fazer uma análise perfeita da dinâmica familiar, organizada em detrimento da ausência materna e das perversidades do pai, incapacitado de relacionar-se afetivamente.

Novamente, retomo o pensamento, para concluir que Alice, diferentemente de Evelyn, obteve da mãe os cuidados maternos *suficientemente bons*, de que nos fala Winnicott. Graças a este fato, desenvolveu a sua capacidade criativa, ensejando que as experiências vividas por ela fossem capazes de, como nas palavras de NAFFAH NETO (1995.), “(...) encontrar abrigo, acolhimento, nesse **espaço interior**, (...)” e pudessem “(...) ser elaboradas, transmutando-se em proveito da expansão vital; (...)”. (p 199, os grifos são meus).

Finalmente, concluo, compartilhando das reflexões de Alice:

*Reagimos como se o mundo tivesse de girar no mesmo ritmo, sobre o eixo de sempre, quando na verdade um abismo voraz se abriu à nossa frente.(p.87)*  
(...)

*Foi tudo um jogo de espelhos: nossas imagens defrontadas numa série interminável, multiplicando rostos, como nesses labirintos espelhados em que tudo se torna possível. Reflexos de reflexos de reflexos: eis o que somos. Agora que descobrimos isso, despertamos para a lucidez do trivial. (p.123).*

É verdade Alice, aprendemos que necessitamos do cotidiano reassegurador, ou de nos perdermos na *publicidade*, como diria Heidegger. Aprendemos que as rotinas e todo o seu sistema de combate e de controle da angústia são indispensáveis e tranquilizadores. Definitivamente, não poderíamos

viver sem isto. Mas, como somos *abertura originária* e habitamos na *verdade do ser*, 'um abismo voraz' estará sempre se abrindo à nossa frente. Se conseguirmos fazer a travessia, *transitando* entre 'nós mesmos' e o 'outro', e por meio do 'jogo de espelhos', neste 'espaço intermediário', 'em que tudo se torna possível', compor e recompor a nós mesmos, então, será possível, 'despertamos para a *lucidez do trivial*', pois a transcendência foi efetuada nos 'reflexos de reflexos de reflexos...'

Após este 'mergulho' profundo nas subjetividades dos personagens criados(?) vividos(?) por Lia LUFT, passo, em seguida, e no prosseguimento da investigação sobre as *experiências desalojadoras*, a continuar 'mergulhando', agora em águas mais familiares, pois vou tratar de situações vividas, ou seriam re-vividas?

#### 4. 2. 2. Uma Ilustração (Re)-Vivida.

*Ela apaziguara tão bem sua vida, cuidara tanto para que esta não explodisse. Mantinha tudo em serena compreensão, separava uma pessoa das outras, as roupas eram claramente feitas para serem usadas e podia-se escolher pelo jornal o filme da noite – tudo feito de modo a que um dia se seguisse ao outro. E um cego mascando goma despedaçava tudo isso. (LISPECTOR, 1998, p.23).*

Continuo na seqüência do desenvolvimento desta investigação, a descrever acontecimentos, agora extraídos de um dos grupos do Serviço do

Psicodiagnóstico Interventivo para Pais e Crianças da Clínica-Escola de Psicologia da UNICAP, atendido no primeiro semestre de 1999.

A equipe de monitora e co-monitoras, que ficou responsável por este encargo, conseguiu desenvolver, entre si, um bom relacionamento interpessoal, fator importante para o trabalho que teriam que efetuar. Todas as equipes são orientadas para sempre se encontrarem, antes e depois dos atendimentos dos grupos. Nestes encontros prévios, objetiva-se, não só a leitura das anotações efetuadas, como também a troca de impressões ocorridas em relação aos componentes do grupo de clientes, principalmente para desenvolverem um clima de disponibilidade para o acolhimento deles. Nos encontros posteriores, objetivam-se as trocas de percepções em relação aos clientes, imediatamente após o atendimento, e, também, as reflexões em torno das atuações de cada um da equipe de monitores. Além disso, é também importantíssimo que trabalhem e elaborem as dificuldades que estão sentindo, uns em relação aos outros. Estes passos, somados aos encontros nas supervisões, têm sido um grande aliado de todo este trabalho.

Neste grupo, em particular, merece destaque a atuação sensível e eficaz da monitora, bem como o apoio que conseguiu obter das suas co-monitoras. Acredito que estes fatos foram fundamentais para o trabalho que conseguiram efetuar. As crianças, entre meninos e meninas deste grupo que atenderam, estavam numa faixa etária entre 9 e 11 anos. Alguns pais compareceram acompanhando suas esposas. Algumas mães vieram sozinhas. No total, o grupo foi composto por quatorze pessoas, entre adultos e crianças. As queixas eram variadas, mas importa mencionar o caso de um menino de 11 anos e de um outro de 9. Dois casos distintos.

No primeiro, a mãe traz a queixa de agressividades do filho. Relata que, grávida do menino, o marido foi assassinado, ao seu lado, a pauladas. Os criminosos foram o pai e irmão dela. A morte só veio de fato a acontecer, dias depois no hospital, por meningite, como conseqüência das lesões cranianas. Foi só esse final que a mãe contara para o filho. Enfim, era tudo o que o menino

'sabia' sobre a morte do pai, *"morrera de meningite"*. Durante algum tempo isto não causou nenhum problema aparente. No entanto, nos últimos dois anos ele vinha perguntando, cada vez, com maior insistência sobre a morte do pai, sem se satisfazer com a antiga versão. A mãe, por sua vez, vinha se mostrando cada vez mais aflita com a possibilidade de que o filho soubesse da verdade, ou seja, com o envolvimento do avô e do tio no assassinato do pai. Isto vinha acarretando problemas no relacionamento familiar. Ela, atualmente, é casada com um outro homem do qual tem uma filha. Não tem coragem de contar a verdadeira história para seu filho e vem à Clínica pedir ajuda para que contem por ela. Foi-lhe esclarecido que o trabalho psicológico objetivava criar condições para que ela própria pudesse falar a verdade para seu filho. Os estagiários, apesar de saberem que o trabalho clínico é assim, ainda não *'sabem'*, para valer. *"Navegar é preciso viver não é preciso"*, este ensinamento de antigos navegadores portugueses, e citado por Fernando PESSOA (1996, p.05), ainda não foi experimentado na *'própria pele'* pelos estagiários. Aprendemos, com as palavras desse grande poeta, que na vida, muito mais que a *'precisão'*, *necessitamos* lançar mão da nossa capacidade criativa. *"Viver não é necessário: o que é necessário é criar"*. (PESSOA, 1996, p.05.).

O trabalho de grupo desenvolve-se em dez encontros. Os três primeiros são com os pais, onde se objetiva definir e estruturar a situação grupal, esclarecer os objetivos dos encontros subseqüentes, apresentar o cronograma de trabalho, bem como indicar o período de duração de cada sessão, definir contrato e modalidade de pagamento. Parece-nos primordial nesses encontros, a compreensão que os pais têm não só da estruturação do grupo e seus objetivos, como da transposição que fazem dessa situação para a do seu grupo familiar. São propósitos, ainda, facilitar a compreensão da queixa, motivo da procura, além de possibilitar, a partir do que é vivido, um maior contato com o processo experiencial de cada participante, facilitando uma atitude de abertura e de redimensionamento das dificuldades nas relações pais e filhos. Nesses encontros, a queixa parece ficar mais clara, inclusive dimensionando-a e localizando-a na vida da família. As discussões em grupo parecem posicionar a problemática da criança no contexto

familiar, devolvendo a cada um dos membros a responsabilidade pela relação instaurada. Esses três encontros foram para aquela mulher momentos em que pôde partilhar o seu segredo e falar dos seus temores. *“O que o filho poderia fazer, em relação ao tio e ao avô, quando soubesse que eles eram os assassinos do seu pai? (...) Desenvolveria sentimentos de vingança? O que poderia vir a acontecer?”*

Como aquela mulher iria lidar com a re-vivência daquela experiência desalojadora? E para a criança como seria? Que possibilidades ‘outras’ surgiriam na elaboração subjetiva daquelas pessoas? Refiro-me a todos os envolvidos na experiência clínica, tanto os clientes como os terapeutas.

Nos três encontros subseqüentes, a participação é exclusiva com as crianças. O primeiro deles destina-se a sondar qual a informação que receberam dos pais com relação à sua participação no grupo, definir e estruturar a situação grupal e, principalmente, perceber o sentido e a disponibilidade das crianças em participar do processo.

Questionadas as crianças a respeito de se sabiam por que estavam ali, aquele menino respondeu claramente que o motivo da sua vinda era para que a mãe lhe contasse toda a história sobre a morte do seu pai. Ele evidenciou para todos que *‘sabia’ mais do que pensavam que ele sabia...* Num outro momento, mas, ainda, nesses três primeiros encontros com as crianças, em meio a um desenho que fazia, e escutando a conversa de um menino, que longe dele, falava com um outro, retrucou ao ouvir algo semelhante a ‘meningite’: *“é disto que minha mãe diz que meu pai morreu”*.

Na supervisão, a monitora e co-monitoras indagavam e questionavam *“como será que as coisas de fato se processariam?”* No acolhimento das suas angústias e, nesta medida, oferecendo as condições necessárias para o aparecimento do que precisasse emergir, cabia-me favorecer a elas a compreensão da necessidade de esperar os acontecimentos. Experimentando as condições de escuta para o fazer clínico, conseguiriam viabilizar, com os seus clientes e entre eles, a emergência de situações criativas. Estou relembrando a

citação dos navegadores portugueses, feita por Fernando PESSOA, quando diz que na vida o que vale é a *criação* e não a *precisão*.

Foi assim que no encontro, que dá início à série das sessões compostas por pais e filhos, que o menino anunciou de pronto, apontando para a mãe: *“o que eu tinha pra dizer já disse, agora é ela”*. Ele estava não só confirmando ‘saber’ mais do que tinham lhe contado, como indicava estar em condições de poder ouvir.

Esses encontros visam identificar o nível e a qualidade de interação entre pais e filhos, além de auxiliar a elucidação da queixa e dos encaminhamentos.

Após aquela fala do menino, seguiram-se momentos de silêncio e expectativa, onde os olhares de todos se dirigiam para a mulher. Parecia que o temor e a esperança de ouvir, o que precisava ser dito, passaram, com a vivência grupal, a serem partilhados pelo grupo. O calafrio que ‘corria’ na coluna vertebral daquela mulher e do seu filho, estava *afetando* a todos. Entretanto a hora da verdade ainda não era chegada. *Era necessário mais tempo... O processo criativo da vida estava seguindo seu rumo...*

No encontro seguinte, e o último desta série, foi à vez da mulher começar a falar. Anunciou que dois dias antes, ou seja, entre esse e o último encontro, conversara tudo com o filho.

Essa fala colocou a todos em um profundo silêncio, revelador da atitude respeitosa e contemplativa de quem pressente estar num recinto sagrado. A mulher, continuando seu relato, anunciou que, dirigindo-se para o filho, disse-lhe: *“estou lhe podendo contar tudo sobre a morte do seu pai”*.

Naquele momento, o olhar de uma das monitoras dirigiu-se para o menino e, mobilizada pela postura corporal da criança, indagou se ele queria falar. Ao que ele respondeu: *“Quero que ela conte tudo como foi”*. E, ao mesmo tempo em que respondia, se sentava para a escuta daquela tão importante narrativa. No continuar das elaborações da sua dor, importava para ele *escutar novamente*, estando num lugar favorecedor para essas elaborações.

Dando continuidade ao seu relato, a mulher contou que o filho, ao escutar o que ela anunciou, pediu para esperar e foi em busca de uma antiga empregada da casa. Já de volta, e acompanhado daquela mulher, companheira dos afetos familiares, deitou-se no sofá onde a mãe estava sentada e, colocando a cabeça no seu colo, disse: *“Pronto, pode contar”*. Aquela criança cuidara, solenemente, do cenário para tão importante acontecimento, e assim permaneceu durante toda a dolorosa narrativa. Cuidara não só de si, mas, também, da sua mãe e da relação entre eles.<sup>28</sup>

Participes da cena, todos os componentes do grupo, crianças e adultos, permaneceram num silêncio, também solene, à escuta de toda aquela pungente história, que então envolveu a todos.

No segundo caso, a mãe do menino de 9 anos trazia a queixa de que o filho não se conformava com a saída do pai de casa, que, agora, separado dela, constituíra outra família. Este homem, pela impossibilidade de afastar-se do trabalho e, por morar em uma outra cidade, não compareceu a nenhum encontro.

Durante a supervisão, nos primeiros relatos sobre a fala desta mãe, as estagiárias contavam de uma mulher que não parava de falar sobre a dor da perda do marido e da *“ferida aberta no peito”* que essa separação provocara nela. Quando começava a falar, parecia que não ia parar, e, se elas não cuidassem, tomaria o tempo dos outros, diziam com uma certa aflição. *“Ela fala, fala sempre a mesma coisa, estamos com dificuldade de escutá-la..., pois quando fazemos, da não para mais!”*.

Na qualidade de Supervisora, trabalhei para que se dessem contas de que a dor daquela mulher a estava sufocando, e por isso ela precisava falar sem parar. No transcorrer dos encontros e das supervisões, as estagiárias puderam desenvolver um maior acolhimento a tanta dor. Além do mais, o discurso repetitivo

---

<sup>28</sup> . Esta idéia foi elaborada após leitura efetuada para a professora Henriette MORATO, em sessão de orientação, como *Coordenadora da Linha de Mestrado: Intervenções Clínicas na Abordagem Fenomenológica-Existencial, na UNICAP*, em 23 de agosto de 1999.

daquela mulher, muito mais do que a expressão de uma dor sufocante, talvez pudesse ser uma forma de impedir a consumação de perda tão dolorosa.

Aquela mulher e seu filho, nos dez encontros que compõem o processo, compareceram com uma assiduidade total, aos oito encontros iniciais. Por isto, e por toda a mobilização que ela causou, foi com surpresa e apreensão que a sua falta foi sentida, no nono e penúltimo encontro. Trata-se do encontro em que os pais comparecem sozinhos, e onde se reflete sobre o motivo da consulta à luz das experiências vividas durante os encontros anteriores. São os momentos, também, em que se confirmam os encaminhamentos que foram se definindo ao longo do processo. As estagiárias, já conscientes das dificuldades vividas pela mulher, temiam não conseguir transmitir as indicações terapêuticas adequadas. O menino não apresentava nenhuma dificuldade que justificasse um encaminhamento, exceto lidar com o prazer de visitar o pai e a nova família (já tinha um irmão da nova união do pai) e os impedimentos da mãe que, com seus anseios e temores, tolhiam-no desses afetos. Na verdade, essa situação era profundamente ameaçadora, representando para aquela mãe a sua morte.

O encontro, a que a mulher faltara, foi, como dito, o penúltimo da série. Restava ainda o último encontro, que, por sua vez, é efetuado com as crianças, e onde, nos vinte minutos finais, os pais são introduzidos para o encerramento final, com todos juntos. Na supervisão, lembrei-lhes desse fato e de que devíamos aguardar os acontecimentos.

Chegado o dia e a hora, para este último encontro, dirigem-se, como de costume, para a sala de espera da Clínica, a fim de chamarem as crianças para darem início à sessão. Ao verificarem a presença do menino, ficaram felizes; mas, a mãe não é avistada. Perguntaram, então, por ela. Recebem o impacto da resposta do garoto: *“ela morreu”*.

Esta era uma resposta inesperada!

Morreu??!! Quando? E como? Indagaram estupefatas.

*“Há dez dias atrás, de um ataque do coração”*.

Foram minutos de confusão e dúvidas.

O que fazer? O que dizer? Perguntaram-se, intimamente. Mas, não podiam deixar que o impacto daquelas declarações as desnorteasse completamente. O imperativo da responsabilidade e da tarefa que lhes cabiam, ajudou-as a se direcionarem. Perguntaram em seguida com quem ele tinha vindo à Clínica. “Com meu pai”, resposta que receberam acompanhada de um gesto, em que o menino apontava para um homem sentado, mais adiante, ao lado de uma mocinha, irmã mais velha do garoto. Como lidarem com esse homem que nunca tinham visto e logo numa situação daquelas? Indagavam-se, novamente.

Todos aqueles acontecimentos estavam fora dos esquemas. As estagiárias não tinham se preparado para uma situação daquelas. Como podiam ordenar os pensamentos? E agora, o que fazer? Dúvidas e questões variadas invadiam suas mentes. Começava o grupo e depois, na hora dos pais entrarem, introduziriam aquele homem? Perguntavam-se.

Mas, ele não tinha participado do processo!!!

Como os outros se sentiriam?

E a irmã ficaria de fora?

Normalmente, sim; mas, e agora???

Como seria o procedimento adequado?

A quem recorrer para saber as respostas corretas?

Sem alternativas, a não ser contar com elas mesmas, prosseguiram no que tinham que fazer. Levaram as crianças e deram início ao encontro do dia.

Os encaminhamentos, tão claros naquela situação específica, tomaram uma guinada de cento e oitenta graus. Os últimos acontecimentos redimensionaram o curso da história para aquela criança e seus familiares.

A dinâmica grupal, daquele dia, girou em torno da fatalidade que abateu a todos. Uma das crianças do grupo, dirigindo-se ao menino, perguntou várias vezes se era verdade que a mãe dele tinha morrido. Um outro, depois de escutar aquela pergunta, que se repetia sem parar, retrucou perguntando: “*Está mouco é?? Não ouviu não? Morreu!!*” Todos estavam desalojados e desamparados, e necessitavam se reorganizar. Era o que as falas estavam demonstrando. O menino chorou e desenhou o caixão da mãe morta, podendo falar um pouco do dia do seu enterro, encontrando formas de elaborar sua dor. Aceitou ser encaminhado para a psicoterapia. Novas demandas psicológicas estariam sendo criadas a partir do fato dramático que se abateu na vida daquela criança. O espaço terapêutico se fazia necessário, não só para dar continência aos conflitos que a nova situação ensejava, mas especialmente, para oferecer condições àquela criança de vivendo a perda da mãe, aprender a separar-se dela, na medida em que, aprendia, também, a usufruir a sua nova realidade existencial.

Na hora de todos os pais entrarem, a irmã do menino e seu pai foram introduzidos. Ela pode manifestar o seu desejo de também ser atendida, e o pai a preocupação de ser ajudado para poder melhor cuidar dos filhos, nessa hora de ameaça de desagregação familiar.

No momento da supervisão, escutei não só o relato das estagiárias sobre o ocorrido, naquele grupo, mas também, e principalmente, as manifestações de angústias e sentimentos de culpa. “*Será que não a escutamos devidamente, e por isto ela morreu?*” Perguntavam-se. “*Pois era só o que ela mais falava, **da ferida no peito!!!***” Diziam-me. “*E foi logo do coração que ela foi morrer!!! E, de um ataque fulminante!!!*” E as questões se atropelavam. “*E se a gente tivesse feito o encaminhamento dela, logo assim que nos demos conta do seu grande sofrimento?*” Uma delas, confessava-me não ter conseguido dormir direito naquela noite. “*Quando fechava os olhos, era a imagem da mulher que eu via, falando e falando...!*”

Refletimos juntas, lembrando-lhes que os fracassos, as perdas, a incompletude, e, principalmente, a morte, estarão sempre nos desalojando, e nos impondo culpas e desamparo.

Fiquei impactada com todos aqueles fatos, e, ao mesmo tempo, impressionada e satisfeita com tudo que puderam fazer. De fato, o meu sentimento era de que aquelas estagiárias tinham podido exercer uma verdadeira escuta clínica. Desde o início, quando suplantaram as dificuldades iniciais, puderam dar acolhidas ao sofrimento daquelas pessoas. Lembrei-lhes que a mulher e o filho não faltaram a nenhum dos encontros, exceto quando a mulher morreu! O menino voltou, três dias depois da missa de sétimo dia da sua mãe! E pôde, ainda, mobilizar o pai e a irmã, para também pedirem ajuda! Esses eram elementos substanciais para esta conclusão. Elas precisavam, no entanto, falar e falar para melhor elaborar, tudo o que tinham experimentado. Decididamente, depois de tudo que viveram não eram as mesmas pessoas!!!

Concluída a descrição dessas situações que serviram como ilustração para o aprofundamento da questão desta pesquisa, amplio o debate procedendo a algumas reflexões em torno do desenvolvimento da escuta clínica.

Desenvolver a escuta clínica implica em nos deixarmos afetar pelos acontecimentos existenciais. É preciso, entretanto, coragem para deixar que estes acontecimentos criem *brechas* no cotidiano reassegurador, alicerçado pela nossa herança de pensamento. É preciso, na agudeza das palavras de Clarice LISPECTOR (1992), despertar do longo sono e voltar-se “*com docilidade para o delicado abismo da desordem*”. (p.121).

Desenvolver a escuta clínica implica em se deixar afetar por um saber que, como ser-no-mundo que nós somos, já nos habita. As situações existenciais, por si só, já nos oferecem estes grandes sustos. Existe, entretanto, o perigo de nos entrincheirmos, cercando a vida de hábitos, conselhos e opiniões impermeáveis.

Estas reflexões tornam pertinente a retomada do pensamento heideggeriano quando sublinha que o *ser-em-um-mundo*, significando ‘estar habituado em’ ou ‘familiarizado com’ implicaria na certeza tranqüila do si mesmo e o “sentir-se em casa”, que é fundante e tranqüilizador.

O homem é, antes de tudo, *mundo* que o *ocupa* e o *preocupa*. A identificação com seu mundo contém o caráter de extravio da *publicidade do ser*. O ser *impessoal* é estar na *publicidade*, estar no *público*. Essa tendência para a *impropriedade* se coloca como tendência para compreender, segundo a opinião comum: pensar o que se pensa, falar o que se fala, fazer o que se faz. Na cotidianidade, a compreensão mediana do mundo se dá como uma participação acrítica, participa-se irrefletidamente do modo comum de julgar. A *de-cadência* nasce do ser-no-mundo em *comum*. Dentro de certos limites, o homem está entregue ao estado interpretativo das opiniões comuns, da *publicidade*. “*De-cair no “mundo” indica o empenho na convivência, na medida em que esta é conduzida pelo falatório, curiosidade e ambigüidade.*”(HEIDEGGER,[1927]1988, p.237). Com a interpretação da *de-cadência* podemos melhor entender que o sentido de *impropriedade* implica num modo de ser totalmente absorvido pelo “mundo” e pelos outros na impessoalidade.

Na compreensão mediana da cotidianidade, em que o empenho é se ‘falar o que se fala’, o que é escutado é aquilo que se falou na fala já falada. O que caracteriza o *falatório* é a retroalimentação da fala pela mera repetição do que foi falado em círculos cada vez mais amplos. Esse mero repetir implica no esvaziamento do que é falado e na falta de compromisso com o que se fala. Não se distingue o que é original da simples repetição, embora a compreensão mediana não necessite dessa distinção, pois já compreende tudo. “*Pois o que foi dito já foi sempre compreendido como algo “que diz”, ou seja, que descobre.*”(HEIDEGGER,[1927]1988, p.229). Nesta interpretação, a autocerteza e auto-evidência obscurecem a falta de solidez cada vez mais crescente, comum ao *falatório*.

Da cotidianidade mediana do ser-no-mundo, é comum também se observar uma tendência ontológica para ‘ver’, o que Heidegger vai denominar de *curiosidade*. O modo de ser do *falatório* carrega consigo esse outro modo de ser, que é a *curiosidade*, pois o ‘estar em toda parte’ e ‘em parte alguma’,

característico da *curiosidade*, é determinado pelo *fatalório* ao indicar o que é que deve ser lido e visto. “A *curiosidade*, a que nada se esquiva, o *fatalório*, que tudo compreende, dão à *pre-sença*, que assim existe, a *garantia* de “uma vida cheia de vida”, *pretensamente autêntica*.” (HEIDEGGER,[1927]1988, p.233). Esta pretensão de autenticidade leva ao terceiro modo de ser da compreensão cotidiana, que é a *ambigüidade*. Nela fica difícil distinguir o que ‘é’ do que ‘não é’, pois tudo vêm ao encontro. A *ambigüidade* implica em dar a impressão de que tudo que foi visto, falado e compreendido se deu de forma autêntica, quando na realidade não foi, e, em outra via, se pensar que nada ocorreu autenticamente, quando de fato foi.

Na cotidianidade *impessoal* se tem a ilusão de tudo saber; contudo, o que de fato necessita ser compreendido se mantém indefinido, “(...) *não se compreende que compreender é um poder-ser que só pode ser liberado na pre-sença mais própria*”.(HEIDEGGER, [1927]1988, p.239). Ser *propriamente* é o modo de ser do homem que *se apropria de si*, isto é, que se *pro-jeta* na base da sua possibilidade mais sua, ou mais *própria*. A disposição afetiva revela ‘como se está’. Na angústia, entendida como uma disposição afetiva fundamental, o ser-no-mundo é singularizado, na medida em que se rompe a impessoalidade do cotidiano.

A angústia vem retirar o homem do seu empenho de-cadente no “mundo”. O ser-em revela-se no “modo” existencial de ‘não se sentir em casa’, isto é, da estranheza .

Assim, desenvolver a escuta clínica implica em possibilitar um determinado esgarçamento dos tecidos representacionais e das lógicas identitárias, criando condições para um ‘desalojamento do eu’. Isso permitirá ao sujeito humano, que transite entre o ‘eu’ e o ‘não eu’, o trânsito próprio da condição humana.

*(...) Uma das modalidades de exercício da pre-sença é o destrancar-se e abrir-se para... que, no tocante à dinâmica de si mesma, designa a experiência de determinação, resolução. (...) de-cisão cujo sentido primordial*

*se constrói em torno do movimento de arrancar, separar. (SER e TEMPO – PARTEII; Notas Explicativas da Tradução, p.259).*

Perdida da escuta de si mesma na *impessoalidade* do público, a presença necessita deslocar-se da ambigüidade do falatório e da curiosidade para encontrar a si mesma. Requer a interrupção temporária do ruído incessante do *falatório*. Para que isso aconteça, se faz necessário que a presença se dê a possibilidade de uma ‘nova’ escuta que a colocará em movimento. É o *clamor da consciência* que, segundo HEIDEGGER([1927]2000), ensejará à presença a escuta própria do si-mesmo. “(...) o clamor deve clamar sem ruído, sem ambigüidade, sem apoiar-se na curiosidade. **O que assim clamado se dá a compreender é a consciência**”.(p.56, os grifos são do original.).

O que é característico desse chamamento é que a consciência *clama* sem nenhum conteúdo específico. Na verdade, a consciência é uma voz silenciosa que *conclama* a presença a assumir o seu ser mais próprio, escapando da perdição do impessoal, na medida da sua estagnação. O *clamor da consciência* restabelece o fluxo da existência, ao permitir o trânsito permanente entre ‘o sentir-se em casa’ e o ‘sentir-se fora de casa’. E *quem* vai clamar é exatamente o ser-no-mundo singularizado, e por isto mesmo, *estranho* ao impessoal da publicidade cotidiana.

*Estranheza é, na verdade, o modo fundamental mas encoberto de ser-no-mundo. Enquanto consciência, é no fundo desse ser que a presença clama. O “eu sou clamado” é um discurso privilegiado da presença. Só o clamor sintonizado pela angústia possibilita que a presença se projete para o seu poder-ser mais próprio. (HEIDEGGER([1927]2000, p.63).*

Desenvolver a escuta clínica implica, finalmente, em pararmos para nos dar conta e “(...) no silêncio da atenção (...) sermos forçados a ouvir e conseguir ver o

*que (...) antes nunca vira (...)*". E, termos "a coragem de ser o outro que se é, a de nascer do próprio parto, e de largar no chão o corpo antigo". (LISPECTOR, 1992, p.131).

Construída a trama conceitual que dará suporte a esta pesquisa, passo para o próximo capítulo onde *o desalojamento* será vivido no processo de entrar em contato com o material extraído das entrevistadas em diálogo com o meu próprio depoimento. Inicialmente, serão elucidados os caminhos que se pretende percorrer. Como preâmbulo, procederei a algumas reflexões que dizem respeito às especificidades das investigações clínicas.

## V. DESALOJANDO-SE NO PESQUISAR

### 5. 1. Elucidando o caminho

Inicia-se, agora, à parte da dissertação em que a pesquisa encontrase com a produção dos dados empíricos. Em princípio, parece-me interessante enfatizar as perspectivas referentes às questões em torno da pesquisa *em* clínica. Penso ser importante estas reflexões, porque estamos adentrando numa outra dimensão de compreensão e interpretação de fenômenos.

Investigar e desenvolver uma determinada leitura sobre o homem exigem um mergulho cuidadoso sobre a própria condição humana de imbricação no mundo. Ao mesmo tempo, que implica na evolução de uma compreensão peculiar, sobre a particularidade dos fenômenos pesquisados.

Não podemos pensar em universalidade na pesquisa clínica. Nesta situação vai-se lidar com questões únicas e específicas, circunscritas a uma determinada situação. A atitude de quem faz a escuta clínica é *meditar* sobre o que merece ser interrogado, na proporção em que essas indagações são respondidas, a partir e como resultado do atravessamento corporal nas reverberações afetivas que envolvem a dupla: pesquisador/pesquisado.

A interrogação clínica está, desde sempre, presente na existência humana, porque é própria do homem questão em torno de: *'quem sou eu', 'de onde vim, 'para onde vou'*. Estas questões implicam na dimensão essencial da vida que é o *cuidado*, sem o qual não conseguiremos compreender o ser humano. *Cuidado*, do ponto de vista heideggeriano, é o que define a estrutura geral da existência, ele estaria subjacente a toda ação humana. Com HEIDEGGER ([1927]1988) podemos saber que “cuidado” e/ou “dedicação” é um dos dois sentidos da palavra “cura”, o outro sentido é “esforço angustiado”.

O *cuidado* é um modo de ser, com isto está se afirmando que ele é muito mais que um ato singular. O cuidado é “a forma como a pessoa humana se estrutura e se realiza no mundo com os outros. Melhor ainda: é um modo de ser-no-mundo que funda as relações que se estabelecem com todas as coisas”. (BOFF, 1999, p.92). Como decorrência deste pensamento, conclui-se que toda interpretação do ser humano exige ter como fundamento, o *cuidado*. Além de que, e como já sabemos, a existência é tarefa sempre a ser cumprida, *ec-sistência*, **dimensão do ainda não**. Com isto, se está querendo dizer, que é no processo de viver a própria existência (e através das interações que estabelece com o mundo da vida, como ser-no-mundo,) que pesquisador-pesquisado poderá produzir o almagama das suas interpretações, resultantes das interações recíprocas.

Diante destes parâmetros, concluímos que para desenvolver a pesquisa em *clínica*, temos que nos pôr *diante do outro* e não no seu domínio. A *subjetividade* só pode ser compreendida como *intersubjetividade*, melhor dizendo, a *subjetividade* é fundamentalmente *ser-no-mundo*, entendido como constituição existencial ontológica porque *o mundo* é uma dimensão constitutiva do homem, faz parte do seu ser. Ser-no-mundo significa, portanto,

*uma forma de ex-istir e de co-existir, de estar presente, de navegar pela realidade e de relacionar-se com todas as coisas do mundo. (...) A relação não é de domínio sobre, mas de con-vivência. Não é pura intervenção, mas in-teração e comunhão.* (BOFF, 1999, p.92 e 95.)

Feitas essas considerações - que me parecem essenciais para diferenciar as investigações clínicas das investigações *sobre* a clínica, além de se tentar justificar os caminhos escolhidos para esta pesquisa, que se enquadra dentro dessa primeira categoria - passo para a descrição desses caminhos.

No procedimento de obtenção dos ‘dados’ desta investigação, que ensejam o alcance dos objetivos pretendidos, delinearei melhor os caminhos. Antes, no entanto, impõe-se à necessidade de apontá-los.

Como colher estes dados e como analisá-los? Como revelar esse sujeito que antes de se tornar um pesquisador já ‘sabe’ como ser-no-mundo? Como desvelar os dados do *mundo* que são ao mesmo tempo constitutivos desse ser?

Estas questões exurgem, na proporção do entendimento que vou desenvolvendo da minha própria imbricação nos fenômenos pesquisados e deles em mim. Sabemos com Heidegger que “**mundo** é sempre mundo compreendido; os fenômenos mostram-se sempre na forma de entes interpretados como sendo isso ou aquilo”.(FIGUEIREDO, 1993, p.18, o grifo é do original). Melhor dizendo, o mundo e os objetos do mundo são mundo para mim, ou seja, reverberam no meu mundo de afetos, e é através deles que poderei interpretá-los e compreendê-los.

Inicialmente os ‘dados’ serão *colhidos* através de depoimentos de três terapeutas, incluindo a mim mesma, que tenham tido experiências em Grandes Grupos Intensivos, e de mais três supervisionadas/monitoras de uma das experiências de Supervisão dos Atendimentos dos Grupos de Pais e Crianças no Psicodiagnóstico Interventivo da UNICAP, já descritas no corpo desta Dissertação. Estes depoimentos serão transcrições e literalizações de entrevistas gravadas e obtidas a partir da questão disparadora: “**Como ficou a sua escuta clínica depois de viver situações em que “o chão fugiu dos seus pés”?**”

A literalização tem o objetivo de transformar a entrevista num texto único, na medida em que as intervenções do entrevistador ficam almagamadas nas respostas do entrevistado. Além de facilitar o trabalho de análise, este procedimento denota a realidade do processo intersubjetivo, no qual, as perguntas de um, e as respostas do outro, se constituem na mutualidade das interações. Por outro lado, este modo de proceder impede o leitor, de tomar conhecimento da

participação efetiva do entrevistador. Motivada por essas evidências, as entrevistas transcritas com perguntas e respostas, nitidamente distinguidas, serão apresentadas como *anexo* desta Dissertação. Pretende-se com isto possibilitar o máximo de informação sobre o material trabalhado.

A partir das descrições dos depoentes, fiz uma leitura de cada texto trazendo-o para o contexto das minhas próprias questões. Por outro lado, deixei que as questões e as respostas, suscitadas por cada texto, me afetassem num processo dialógico interminável de interpretação, onde perguntas e respostas ao texto suceder-se-ão indefinidamente, porque indefinido é o processo dialógico.

*Os horizontes do texto devem ir-se acoplando aos do leitor (seus pressupostos/preconceitos) e vice-versa, de forma que o leitor “entre no mundo do texto” e o texto “entre” (faça sentido) “no mundo” do leitor. (FIGUEIREDO, 1999, p.13).*

A análise dos ‘dados’ é uma análise qualitativa fenomenológica de inspiração heideggeriana. Nesta análise, a interpretação foi efetuada reconhecendo-se a contextualização, histórica e contingente, na emergência do sentido.

HEIDEGGER ([1927]1988) afirma que o ser é pre-compreensão e esta é a condição de possibilidade para a interpretação dos fenômenos. Entendidas como *dimensão originária*, a interpretação e a compreensão são reveladas na sua dimensão pragmática, que é o seu nível básico de ocorrência. Noutra dizer, antes de qualquer posição de contemplação diante do mundo, ou das “coisas” do mundo, e antes delas serem objetos desta contemplação, elas são interpretadas e utilizadas como *utensílios*. “Com isso se está dizendo que as inserimos nos seus circuitos de usos e as remetemos aos demais entes em relação aos quais sua **utensilidade** – suas funções e seus significados – pode se mostrar; (...)”. (FIGUEIREDO, 1993, p.18).

Quando nos colocaremos em posição de sermos observadores do mundo? Como os objetos do mundo se tornam focos de nossa percepção?

Estas colocações permeiam meu pensamento, na proporção em que desenvolvo uma compreensão cada vez maior, do nosso *'atolamento'* no mundo. Para que nos *'despreguemos'* do solo, a fim de que possamos perceber *'algo que se destaca'*, necessário se faz que as implicações recíprocas se quebrem por alguma coisa que falte ou que exceda. A *falta* ou o *excesso* nos imporá o *'susto'* pelo estranhamento provocado na situação costumeira. As questões impostas pela situação de estranheza são então: *"o que é?"*; *"como é?"*

Esta pre-compreensão, ou contextualização não essencialista, implica em um processo interpretativo aberto, no qual os contextos são descontextualizados e recontextualizados, e de onde novos sentidos emergem. Nesta investigação nenhum sentido objetivo é alcançado, mas contextos são infinitamente redimensionados. Com isto estou querendo afirmar, que os *'resultados'* alcançados representam, na verdade, sínteses em aberto, onde pululam novas indagações e, assim, sucessivamente.

Feitas estas considerações, o enfoque será para a etapa seguinte da pesquisa, quando parto para produzir os seus dados empíricos no encontro com interlocutores. Convido o leitor para adentrar-se aos seus meandros, com a leitura do tópico seqüencial. Inicialmente, procederei a alguns comentários esclarecedores sobre os meios para a obtenção dos depoimentos, incluindo o meu próprio, agora apresentado de forma mais sistemática e completa, pois trechos dele foram revelados, anteriormente, nas *Preliminares* desta Dissertação.

## 5. 2. Encontrando Interlocutores

### 5. 2. 1. Como fui encontrá-los

Em princípio, é importante colocar que o primeiro interlocutor que fui tentando encontrar foi eu mesma, na medida em que a minha questão de pesquisa partia das minhas próprias experiências nos *grupos*<sup>29</sup>. Necessário se fazia encontrar a mim mesma, nos caminhos do recordar e narrar a vivência daquela história *desalojadora*. Partia *de dentro* da minha prática de vida, para olhar *as experiências desalojadoras e suas eventuais virtudes clínicas*.

A constituição desta interlocução foi se processando na elaboração das etapas iniciais desta Dissertação, quando, então, comecei a prestar o meu depoimento. Tentava, àquela altura, contar para, e a pedido do meu orientador, como tudo tinha se passado. Construía assim o meu relato, na interlocução com ele, que através deste processo foi se constituindo, também, como um interlocutor fundamental. Estas duas interlocuções, básicas e fundantes de todas as outras, foram se processando, por intermédio do levantamento de questões problematizadoras de elementos cruciais do campo que precisava melhor compreender. A escuta atenta e precisa do meu orientador, acompanhada de intervenções instigadoras de desdobramentos e complexificações, foi imprescindível para a formação de todo este trabalho.

Os demais interlocutores foram convidados, em momentos distintos, conforme o ensejo das situações ocorridas durante o tempo de elaboração desta pesquisa.

---

<sup>29</sup> Termo já definido, no início desta Dissertação.

Por ocasião do III FÓRUM BRASILEIRO DA ACP<sup>30</sup>, ocorrido de 10 a 16 de outubro de 1999, em Ouro Preto, MG., surgiu a oportunidade de, estando lá como participante, eleger alguns dos outros interlocutores. Os primeiros depoimentos foram colhidos de duas terapeutas com experiências em Grandes Grupos Intensivos. Escolhi, "*ao sabor dos acontecimentos daqueles dias*", vividos durante a experiência como um todo, alguns dos sujeitos para a minha pesquisa<sup>31</sup>. As entrevistas foram efetuadas num mesmo dia, nos meados da semana que durou o Fórum. Depois de fazer a gravação, tivemos a oportunidade (entrevistadora e entrevistada), de ouvi-la em conjunto. Em princípio, com a intenção de verificar se a gravação estava audível. Esse fato, no entanto, ensejou que algumas das depoentes complementassem aspectos que acharam por bem fazê-lo. Assim, após ouvir a própria fala, as entrevistadas resolveram continuar completando o relato, com a gravação reiniciada.

Os interlocutores que se seguiram foram se compondo com os depoimentos das três supervisionadas/monitoras de uma das experiências de Supervisão dos Atendimentos dos Grupos de Pais e Crianças no Psicodiagnóstico Interventivo da UNICAP, colhidos em julho de 2000, um ano após a vivência daquela experiência. Então, não mais estagiárias, e no exercício profissional, elas puderam apresentar reflexões assinaladas por um maior amadurecimento e distanciamento da situação referida. Os depoimentos ocorreram em dias diferentes de uma mesma semana e após prévia marcação das entrevistas. Os encontros se sucederam, um deles na residência de uma das participantes e os outros dois no meu consultório. Estes acordos atenderam à conveniência das partes envolvidas.

É importante refletir que existem diferenças marcantes na produção desses depoimentos.

---

<sup>30</sup> Encontro de profissionais com formação na Abordagem Centrada na Pessoa e que acontecem seguindo os princípios das experiências de Grandes Grupos Intensivos, explicitadas nas *Preliminares* deste trabalho.

<sup>31</sup> Para melhor entendimento do que aqui está sendo colocado, remeto o leitor para a descrição que faço, nas *Preliminares* desta Dissertação, sobre "*o que acontece nos grupos e no todo da experiência comunitária*".

O autodepoimento apresenta características distintas, pela própria forma em que foi sendo constituído. O fato de a sua elaboração ir acontecendo, durante o processo inicial do desenvolvimento desta pesquisa e na interlocução com meu orientador, já marca a sua diferença com os demais. É com HEIDEGGER (1968) que aprendemos que o *pensar* e a *linguagem* têm a sua raiz na sua *comum* pertença. É, portanto, com esses parâmetros heideggerianos que interpreto o meu depoimento, que se *fez palavra como resposta ao silêncio da escuta*. E, neste sentido, apesar de não aparecer como um depoimento oral como os demais, contém a dimensão corporal própria destes, pela *comum pertença ao mesmo*. No entanto, e justamente por esta condição, sua compreensão somente poderá ocorrer a partir do seu diálogo com cada um dos depoimentos colhidos.

Os depoimentos oriundos das entrevistas são relatos orais a partir da *Pergunta Guia*, transcritos e literalizados. Apesar de serem transformados em textos escritos, foi mantida a proximidade com a fala das suas autoras. Esta proximidade será sempre relativa. Quero lembrar o uso que estou fazendo da literalização das entrevistas: facilitar a leitura e a análise do material produzido na interlocução entrevistadora-entrevistadas. Outro aspecto importante a acrescentar é que são depoimentos e interlocutoras distintos, não só pelas diferenças de origem, já especificadas, como pelas ordens de relações estabelecidas comigo e que serão mais bem caracterizadas, mais adiante. Estes depoimentos defluem de dois grupos diversos.

O primeiro grupo é composto por duas pessoas, com larga experiência na prática clínica, assim como com muitas participações em grandes grupos. Ambas faziam e fazem parte do meu mundo de afetos, com quem tenho partilhado muitas experiências de vida. Como já mencionado, as duas entrevistas foram efetuadas numa atmosfera comum de uma experiência comunitária. Por outro lado, ao serem convocadas a falar, constituíram os seus relatos tendo como referências às histórias particulares de cada uma.

O segundo grupo é formado pelas supervisionadas/monitoras, três pessoas sensíveis, atentas e interessadas. Uma delas, e a última a ser entrevistada, fazia o papel de monitora da experiência, enquanto as outras duas eram as suas co-monitoras. Diferentemente das depoentes do primeiro grupo, estas construíram os seus depoimentos, tendo como referência à experiência comum as três e da qual eu tinha tomado parte indireta, através do trabalho de supervisão. Tiveram comigo o contato pontual de um semestre de trabalho, exceto a monitora que tinha sido minha estagiária também, no semestre anterior. Desenvolvi com elas, durante todo o transcorrer do trabalho, uma experiência agradável de convivência, em que se misturavam sentimentos de confiança, admiração e apreço, em razão do interesse, responsabilidade e sensibilidades demonstradas.

Feitos estes esclarecimentos passo, no primeiro momento, à apresentação do meu depoimento, para nos momentos subseqüentes proceder aos demais. Concluídas as apresentações, efetuo as análises dos relatos dessas experiências.

### **5. 2. 2. De Onde Parto**

Ao longo das minhas participações em Grandes Grupos, pude verificar que o contato com a *'verdade experiencial'*<sup>32</sup> que acontece nessas vivências potencializou a minha escuta clínica. O que tenho descoberto é que não é possível ser o mesmo terapeuta de antes, seguindo estritamente os mesmos princípios teóricos. A imersão em um lugar e em uma vida, tão diferentes das atividades rotineiras, e o contato com uma quantidade e diversidade de pessoas puseram em cheque muito do que eu pensava e, principalmente, muito do que eu pensava que sabia a respeito de mim, sobre o humano e sobre o mundo.

---

<sup>32</sup> Termo definido nas *Preliminares* desta Dissertação.

Consigo visualizar a aldeia de Arcozelo, localizada no município de Miguel Pereira, onde a minha primeira experiência em Grande Grupo Intensivo ocorreu e que teve a duração de quinze dias. Lugar de natureza exuberante com um anfiteatro ao ar livre, cercado de árvores altíssimas que quase se tocavam, formando uma abobada natural em vários planos, onde se misturavam o verde das folhas e o azul do firmamento. As aberturas entre as árvores permitiam a passagem dos raios solares que se infiltravam em intensidades diferentes, possibilitando efeitos de luminosidade diversas no ar, no chão e nas folhas. Luz e sombra se harmonizavam permitindo que esse anfiteatro pudesse ser utilizado durante todos os momentos do dia, sem o incômodo do sol forte em pleno mês de verão. Aí aconteciam as reuniões do *grupão*.

No decorrer de duas semanas, permanecemos em Arcozelo, fazendo, entre outras coisas, pequenas incursões pela redondeza, com banhos de cachoeira e piqueniques ao ar livre. Esse foi o maior grupo do qual participei, em número de pessoas e em quantidade de dias. A duração, como já mencionada, foi de duas semanas, e o número de participantes era de quase duzentos, oriundos de várias partes do país.

Foi num dos grupões, transcorridos durante aqueles dias, que aconteceu uma experiência desalojadora para mim. Estávamos reunidos, a maioria de nós já acomodados, outros ainda se acomodando, quando de repente um dos participantes, ficou em pé, começou a falar alto e gesticular freneticamente. Assustei-me e fiquei olhando para ele tentando entender o sentido da sua fala e dos seus gestos. No entanto, as suas palavras se transformavam em gritos, acompanhados de, cada vez, maior violência gestual. Subia e descia aqueles altos degraus desesperadamente. *O que era tudo aquilo, meu Deus??!! O que aquele homem estava querendo dizer? De quem ele sentia tanta raiva? Será que ele estava ficando louco? Mas, ele estava igualzinho a nós, minutos antes!!! Como pode???* Na medida em que me fazia estas perguntas, numa tentativa vã de restabelecer o meu entendimento, diante de um acontecimento tão estranho e assustador, o medo ia se apoderando de mim. E fiquei literalmente assustada,

como uma criança diante da ameaça do monstro ou do “bicho papão”. Temia ser destruída. Precisava me proteger. Lembro-me que meu olhar desesperado procurou, entre aquelas pessoas presentes, alguém das minhas relações de intimidade, a quem eu pudesse recorrer para sentir-me protegida.

Lá, em Arcozelo, entre aquelas quase duzentas pessoas, tinha um bom número, (trinta e poucas) que faziam parte do meu círculo de conhecimento. Algumas, da minha faixa etária, e outras, bem mais velhas. Foi numa delas que encontrei o colo adequado para aninhar a minha dor. Não podia ser qualquer uma, tinha que fazer parte do meu mundo de afetos e precisava ser de ‘bom tamanho’ para que pudesse confiar que, com ela, eu estaria abrigada contra os terrores que me ameaçavam. Já aninhada e protegida, caí num pranto profundo. Em seguida, pude compartilhar todo o meu terror. Medos infantis me assolaram, antigos temores de enlouquecer ressurgiram na memória. Anos depois, daqueles acontecimentos, fui tomada por um sentimento de ter criado estruturas outras, que fortaleciam o meu ser para vivências semelhantes. Secretamente pensava que depois daquele, *nunca mais enlouqueceria...* Hoje sei, no entanto, que essa garantia não posso ter, exatamente porque, ‘o louco’, também, sou eu. Com o susto, daquele momento, em Arcozelo, eu passei a ‘saber’ sobre a periculosidade da condição humana. *Foi a minha primeira vez!* A primeira vez em que esta *descoberta* estava sendo feita. A diferença é que, agora, eu já sei e, soube “(...) *como as coisas vivas sabem: através do susto profundo*”.(LISPECTOR, 1992, p.123). E, é este susto que desassossega, que desarruma, enfim que desaloja, que cria as possibilidades do ser humano se apropriar de si e que lhe darão as condições para a criação de novas possibilidades de ser.

Num evento dessa ordem, que estou aqui tentando descrever, o desprendimento aos hábitos adquiridos tinha que ser exercitado a cada passo, desde mudar a hora do uso do banheiro de acordo com o fluxo da demanda coletiva, até aprender a dormir com pessoas com hábitos e costumes

completamente diferentes do nosso. Muitas vezes, as camas de cima, ou a do lado, serviam como nossos guarda-roupas, “(...) *nossas roupas comuns dependuradas (...)*” já dizia o cancionista popular. A letra desta música, agora, me surge na lembrança como a consciência de algo que assume uma perspectiva de compreender a vida de uma forma diversa da que eu podia compreender até então. Eu tinha saído de um mundo com uma determinada ordem e estava, nessas experiências, entrando em outro, cuja ordem escapava à minha capacidade de entendimento. No entanto, era esta ‘desordem’ ou a falta da ordem costumeira que me fazia experimentar sensações nunca antes experimentadas. Não só eu experimentava essas estranhas e diversas sensações, como via e percebia os outros também sentindo e expressando. Eram sensações que se tinha aprendido a não manifestar em público ou, muitas vezes, eram totalmente inusitadas.

O impacto foi fenomenal. Estava eu, na época, não tão jovem em idade, em torno de trinta anos, já casada há quase seis anos, e com um filho de mais de um ano, mas muito jovem no exercício profissional, tendo apenas quatro anos de prática clínica.

***Sempre que participava e voltava de um Encontro desses, sentia-me transformada no meu jeito de estar com o cliente no consultório. A sensação era de ampliação e deslocamentos múltiplos. Falo de experimentar, em mim mesmo, a disponibilidade de outros recursos, antes não existentes. A impressão era, muitas vezes, física. Sentia como se os ‘canais internos’ tivessem sido acrescidos de outros, ou melhor, havia mais espaços interiores e maiores possibilidades de movimentação.***

No próximo tópico, entraremos em contato com o depoimento dos meus outros cinco interlocutores através das interpretações e compreensões que faço deles. Inicialmente, serão dadas a conhecer as duas primeiras interlocutoras contatadas durante a experiência do Fórum, em Ouro Preto, para, em seguida, serem apresentadas as outras três, que são os depoimentos das ex-supervisionadas/monitoras.

Quero deixar assente que a leitura desses depoimentos permitirá um contato com um material de qualidade diferente do produzido por mim própria, pelas razões anteriormente explicitadas.

O que teremos oportunidade de ouvir e apreender?

### **5. 3. Que Compreensões Estou Tendo Do Que Vivi E Ouvi?**

*Tudo quanto o homem expõe ou exprime é uma nota à margem de um texto apagado de todo. Mais ou menos, pelo sentido da nota, tiramos o sentido que havia de ser o do texto; mas fica sempre uma dúvida, e os sentidos possíveis são muitos. (PESSOA, 1999, p.164).*

#### **5. 3. 1. “A diferença maior foi no meu jeito de estar no mundo.”**

A primeira entrevistada, deste primeiro grupo composto por duas integrantes, é uma pessoa com pouco mais de quarenta anos, bem mais jovem do que eu, em torno de doze anos. Mantém comigo uma profunda relação de admiração recíproca. Aprendi a ver nela, uma pessoa com significativas nuances de sensibilidade e complexos contornos de apreensão do mundo. Na verdade, desenvolvemos, ao longo do tempo, um profundo ‘*querer bem*’, apesar de nos vermos pouco e morarmos em cidades distantes.

Além do mais, existem algumas assimetrias na nossa relação, notadamente pelas nossas diferenças de idade e de história de vida. Por outro lado, percebo nela um respeito e anuência, pela forma e maneira como me expressei, nas situações grupais. Certo é que, a genuinidade da sua maneira de ser, também, envolve a minha capacidade perceptiva e a minha sensibilidade.

Após situar a minha interlocutora sobre o foco da minha pesquisa, traduzido com a questão que busca relacionar o desenvolvimento da escuta clínica e as experiências desalojadoras, iniciamos a nossa conversação. No enfoque de cada trecho da fala, será em seguida apresentada a análise que considere pertinente.

No início do relato, fica evidenciada a necessidade de pontuar que a questão é bem mais ampla e que não se pode ficar restrita a um aspecto, determinado e circunscrito. O acontecimento desalojador marcou diferenças, sim, mas, no seu jeito de estar no mundo, no seu jeito de ver o mundo, no seu jeito de compreender o mundo. Parece que está sendo reconhecido, que a mudança advinda de um acontecimento dessa ordem, transforma, não num ponto específico, mas na dimensão da relação da pessoa com o mundo.

***Então, eu não sei se pra mim, a relação foi tão direta entre essa situação de desalojamento e diferença na escuta clínica, não. Eu acho que a ..a relação maior foi: a...a situação desalojadora e o meu jeito de tá no mundo, o meu jeito de..de ver o mundo, sabe? De...de compreender o mundo.***

Depois de deixar claro, qual é a dimensão da mudança ocorrida, passa, então, a narrar uma situação que achou fundamental, apesar de saber que existiram muitas outras, menos significativas.

***Então, pra mim... vou contar... mais ou menos como é que foi essa história.***

***(...) ... eu passei por uma...uma situação...cinco anos atrás... (falando em tom mais baixo, reflexivo).***

***Lógico que eu acho que já passei por algumas situações que me 'tiraram a sensação de pé no chão', e tudo.***

O foco da narrativa se dirige, então, para esta experiência, que parece que foi a fundadora de todas as outras. Nela é referida a sensação de perda total dos sentidos anteriores, chegando a ter a impressão, na medida em que não entendia nada, de que ia enlouquecer. De fato, parece que é isto que nós vivemos, quando não entendemos nada do que se passa. Ou melhor, parece, que quando as coisas se processam, de uma forma estranha de como aprendemos que elas devem se processar, o mundo perde o sentido. Somos acometidos, então, pelo medo de enlouquecer. Os elos são perdidos, onde nos apoiar?

***Eu me lembro de uma situação de grupo, que eu fiz há uns 15 anos atrás, que eu fiquei alucinada porque eu não entendia nada, nada fazia sentido. A sensação é que nada fazia sentido. Eu...eu lembro que eu chorei um dia inteirinho. Eu achava que eu ia ficar louca, porque não tinha sentido nenhum pra nada.***

Num esforço sobre-humano, diante da ameaça de destruição total e quando é possível contar com suportes internalizados, conseguimos reverter a situação, criando mecanismos de proteção. Parece que foi isto que aconteceu, o mundo voltou ao que era...Será que sim? É possível, voltar ao que era, como se nada tivesse acontecido?

***A...a coisa foi se arrumando... e voltou ao que era, tá entendendo? Assim...o que é que voltou ao que era? Voltou ao que era o mundo, voltou a ter sentido, do mesmo jeito que era antes. Sem nenhuma mudança. Sem ter mudança nenhuma.***

Numa certa medida, algo é possível de ser restabelecido, garantindo a ilusão da permanência. Embora se 'saiba' que alguma coisa nos acometeu, agimos "***(...) como se não tivesse tido nenhuma repercussão (...)***" Evidencia-se, na sua fala, a surpresa ao constatar este fato, atribuindo-o à sua capacidade defensiva.

***Como se não tivesse tido nenhuma repercussão em mim. Como... como se não tivesse tido. Eu não sei como isso aconteceu, acho que fazia parte de todas as minhas defesas...***

É, acho que sim, são nossas defesas que criam o bloqueio. No entanto, parece que não existe caminho de volta, quando algo nos acomete. O bloqueio, por mais estruturado que esteja, é sempre passível de brechas. Alguma coisa se configurou de desconhecido e que não podemos nomear, mas que agora 'sabemos' que existe. A experiência existencial de estranheza, uma vez ocorrida, inoculou o germe da insegurança e estará sempre nos lembrando que nada mais é como antes.

***(...)e acho que a partir daí ou antes até, começou um processo muito grande em mim. Que era, de vez em quando, eventualmente, eu desenvolvia um certo medo. Entende?***

A ameaça de invasão estará sempre rondando. Enlouquecer é se tornar completamente outro, sem nenhum lampejo da identidade anterior? Que

garantias existem de que não seremos destruídos? O medo, à espreita e nas suas múltiplas manifestações, parece comandar a busca de variadas formas de proteção.

*Eu tinha medo, qualquer medo: medo de morrer, medo de ficar doente, medo que acontecesse alguma coisa e... aí eu procurava um médico e via que não estava doente, por exemplo, coisa assim. Eu fazia análise, ao mesmo tempo, e eu me lembro que um sonho que acontecia muito, que era assim:*

*Era como se tivesse entrando um monte de cobras na minha casa. Aí, eu fechava as portas, ela entrava pela janela. Fechava a janela, ela entrava pela chaminé, e era um desespero tão imenso, sabe? Era horrível. Mas eu não sabia que diabo era aquilo, sabe? E ao mesmo tempo eu vivia...vivia assim, de vez em quando, essas coisas de... esses sintomas mesmo de medo. Era muita coisa ligada com medo, angústia ou insônia, sabe?*

Percebe-se o seu esforço angustiado de restabelecer a paz perdida. Mas, será possível recuperar a paz, anteriormente, vivida? Existe a possibilidade de se criar mecanismos de defesa, totalmente herméticos, que nos protejam de algo, que já nos habita? Parece que não. Pelo menos é isto que apreendo do seu relato, a seguir:

*Aí, uns cinco ou seis anos atrás, mais ou menos, eu vivi uma situação de perda muito grande. Eu perdi uma...uma sobrinha. Ela tinha 13 anos e ela ficou doente de hepatite. Uma coisa, uma doença simples, não é? Então eu tinha certeza que ela ia ficar boa. E tinha certeza, por ex. ... foi uma coisa tão ... tão irracional, porque não era nada racional. Tratada pelo meu irmão, então ela ia ficar boa. E meu outro irmão, que era pai dela dizia “Não, ela vai ficar boa”. Eu tinha certeza que ela ia ficar boa. E quando vinha a idéia de que ela podia não ficar boa, que ela podia morrer, me vinha uma angústia tão*

*imensa, sabe assim... tão imensa ... muito maior do que eu, que eu não conseguia se quer olhar, sabe? . E era muito parecido com o mesmo tipo de angústia quando eu sentia essa coisa dos medos. Medos... o das cobras...das cobras e tudo. Mas eu não conseguia... perceber nada. Era muita angústia, muita ... eu pensava que ia ficar louca, sabe? Como, essas coisas?*

A vivência, tão intensa de ameaça e de perda de alguém muito querido, permite vir à tona toda vulnerabilidade, antes experimentada. O confronto, com a incerteza de nossas certezas, é inevitável. Penso que pelo fato, do episódio narrado ser tão próximo do seu mundo de afetos, o desalojamento vivido ‘*rasgou todas as fantasias*’. Dessa vez, não dava para ‘fazer de conta’ de que nada tivesse acontecido. Os fatos irromperam como um furacão devastando “*(...) a inocência (...)*”. Depois do ocorrido, parece que não se pode ser mais a mesma, algo de fato se perdeu, alguma coisa de muito significativa se modificou. A sua frase, reveladora da contundência desta verdade, é muito elucidativa: “*Eu tive a sensação que eu jamais seria como eu fui antes, uma só*”.

*E a...a menina morreu. A Deyse morreu. Olhe, sabe o que é que é a sensação de tirar toda e qualquer segurança? E de eu começar a perceber... o mundo de um jeito totalmente diferente, do que eu percebia? A impressão que eu tive era...é... que eu tinha sido estuprada... sabe? Assim, fui estuprada! Perdi a...a...a virgindade...a inocência, perdi ... horrível! Eu tive a sensação que eu jamais seria como eu fui antes, uma só. (Os nomes próprios são fictícios).*

Antes de tudo ocorrer, a sua sensação é de que era uma só pessoa, una e indivisiva “*(...) de que permanecia sempre igual*”. Posteriormente, vem a constatação óbvia, de que era mortal, finita, de que se “*(...) esgotava no tempo!*” É interessante a sua afirmação de que era lógico que sabia disso. É lógico que sabemos de algo tão evidente, mas parece que, ao mesmo tempo, não sabemos,

de maneira insosfimável. Parece, que quando se trata de coisas dessa ordem, ‘sabemos’ e ‘não sabemos’, até que alguma situação irrompa, e nos ‘desaloje’ das certezas construídas, dando a oportunidade de perceber aspectos nunca antes percebidos. E esta nova visão só é possível, porque não somos mais os mesmos, algo se transformou e nos transmudou, pela *experiência vivida*. Só através da experiência poderemos *saber* de fato, é o que se deduz das suas palavras:

***Mas eu achava,... primeiro eu achava ... tinha a ilusão de que era, de que permanecia sempre igual. Era. Mas foi uma coisa assim, porque depois daquela hora, eu percebi, primeiro, eu percebi uma coisa ... tão doida, porque a coisa mais óbvia do mundo. Mas eu percebi que eu ia morrer, sabe? Percebi que eu era mortal? Que eu me esgotava no tempo! Meu Deus! Que coisa horrorosa! Porque ... lógico que eu sei disso. Mas a sensação de sentir isso, literalmente. Meu Deus! Que coisa horrível! E a sensação de que não existe segurança...*** (interrompida a gravação – fator externo).

.....  
.....

Saber que nada permanece para sempre e que a qualquer hora tudo pode terminar, não se sabendo quando, nem onde. Saber que um mundo finito, temporário e periclitante acaba com toda ilusão de que se está seguro ou de que alguém pode nos assegurar de alguma coisa. A sua fala é reveladora da consciência da condição humana de desamparo, quando se expressa dizendo: ***“(...) a partir de então, a sensação que eu tive é que não tinha... não tinha chão (...)”***. Aquelas situações, de ‘desalojamento’, de ‘perda de chão’, permitiram o ‘desvelamento’ e o contato com a verdade da *condição* humana de desamparada. Parece que podemos concluir, pelo seu depoimento, que nas ‘situações’ de desamparo alguém pode vir a nos acalantar, ***“(...) porque está acolhendo, está junto com a pessoa e tudo bem”***, mas da ‘condição’ ***“(...) quem? Ninguém,***

*ninguém, nem Deus. Ninguém pode dizer: “Olhe, tudo vai ficar bem”.* E, aí, não dá para ter certeza de nada!

*Então, então eu estava dizendo que a partir de então, a sensação que eu tive é que não tinha...não tinha chão... que não tinha nenhuma segurança de nada, ninguém poderia me assegurar nada. E...que não existia segurança nenhuma pra nada. Então, tudo poderia acontecer. E...qualquer coisa poderia acontecer. Que ninguém poderia me assegurar nada. Sabe, aquela sensação de que ninguém poderia dizer pra mim “Calma, tudo vai ficar bom”. Não, ninguém pode fazer isso, ninguém pode dizer isso, tá? E se alguém disser, diz porque está acolhendo, está junto com a pessoa e tudo bem. Mas na verdade, quem? Ninguém, ninguém, nem Deus. Ninguém pode dizer: “Olhe, tudo vai ficar bem”. Não, nós não sabemos que tudo vai ficar bem. Então, a partir dessa hora, eu percebi isso. Não, não tem mais certeza. Não tem mais certeza!*

A profundidade desta questão vai sendo desenvolvida com a continuidade da sua fala, quando são diferenciados os níveis das certezas possíveis e com a constatação de que está “(...) *órfã no mundo! (...) nesse mundo inóspito (...)*”, onde ninguém pode, de fato, garantir ou cuidar de ninguém. É a máxima consciência, da condição de orfandade ou de desamparado, que alguém pode demonstrar. No momento em que se lamentava de não ter mais as antigas certezas, expressa achar isso tudo “(...) *muito ruim*”. Para, finalmente, culminar com a afirmação peremptória: “*Pronto, eu experimentei o desamparo, experimentei o desamparo, sabe? Eu vivi a nossa condição de desamparado na vida*”. Acentuando, logo em seguida, para não deixar dúvidas sobre a contundência do que experimentou e descobriu: “(...) *isso foi uma coisa extremamente forte, sabe? Eu vivi muito visceralmente*”.

*É uma coisa muito engraçada, porque é outro nível de certeza. Por exemplo, eu tenho certeza que você gosta de mim. Que ótimo! Mas, se tu disser “Olha (...), pode viver, sei lá .. o que quiser, que eu te prometo que não vai acontecer nada contigo”. Mentira! Ninguém pode prometer isso. Olha, eu acho isso muito ruim! Então, é como se eu tivesse me sentido... é como se eu tivesse ... sabe, como? Perdido ... órfã. Estou órfã no mundo! Sabe, nesse mundo inóspito, ninguém vai cuidar de mim? Ninguém vai dizer pra mim? Ninguém me convence mais disso! Bem que eu queria que me convencesse. Mas...não existe...*

*É um total desamparo. Pronto, eu experimentei o desamparo, experimentei o desamparo, sabe? Eu vivi a nossa condição de desamparado na vida. Então, isso foi uma coisa extremamente forte, sabe? Eu vivi muito visceralmente.(esta última palavra foi dita pausadamente e em tom reflexivo). **Sabe?Essa coisa...muito.***

Ao ser solicitada a refletir, sobre a repercussão destes acontecimentos, na sua vida e na relação com os demais, acrescentou um aspecto revelador que corrobora a sensação de ter sido estuprada, de ter perdido a inocência. Diz que, atualmente, pode perceber o ganho que obteve na vida, mas, na ocasião do acontecido se achava ‘borrada’, ‘feia’, ‘suja’ e capaz de ‘macular as pessoas’ com sua sujeira. Penso podermos concluir das suas declarações que a idéia de ‘não ter ilusões’ está relacionada com a ‘perda da inocência’, que, por sua vez se relaciona com ‘sujeira’, ‘mácula’ e ‘estupro’. Apreende-se, também, que ‘não ser uno’, ‘não ser inteiro’ implicaria em ‘ser impuro’. Estariam estas crenças marcadas pelo imaginário judaico-cristão, de ‘pecado original’ e ‘queda do paraíso’, resultado da desobediência, de ter comido da fruta do ‘bem e do mal’, das quais o nosso pensamento está impregnado?

No final, a sua afirmação demonstra que hoje, na medida em que, pode “(...) **perceber esse lado da vida (...)**” e identificar nele o lado próprio da condição humana, reconhece que melhorou como pessoa.

***E, em que medida isso... me ajuda a viver melhor e a entender melhor as pessoas?... Se eu acho que ... Eu acho ... a história de viver melhor, eu acho o seguinte. Eu acho que...que é viver melhor... agora, eu compreendo desse jeito, que antes eu não achava.***

***Eu achava desesperante estar naquele lugar. Eu achava que eu estava feia. Que eu era o... quadro do Dorian Gray, ta entendendo? Que eu poderia macular as pessoas... com...com...porque eu achava uma coisa su..., é como se fosse uma sujei... É como se fosse uma coisa assim... borrada, suja, sabe? Então, eu me sentia desse jeito, mesmo. Então, não achava que estava melhor, não... Hoje, eu acho que melhorou como pessoa, porque hoje eu...eu consigo perceber esse lado da vida, que talvez seja o lado mais ... mais... verdadeiro, sei lá, ... mais... humano, sabe? Mais próprio da condição humana.***

Descobrir a verdade da condição humana, que se esgota no tempo, da forma contundente como foi experimentada, possibilitou uma real mudança de sua postura diante da vida. Atualmente, está havendo maior responsabilidade e maior implicação na própria vida. A consciência da finitude criou, segundo suas palavras, “(...) ***uma perspectiva diferente de vida, sabe? Assim, uma idéia diferente de ta no mundo... Então, é propulsor da vida***”. No final da sua fala, reafirma a sua conclusão, mas acrescenta o seu contraponto, de que “(...) ***pode também não ser, não é?***” Não existe garantia nenhuma.

***É, mais próprio da condição humana, mesmo, sabe? E pra mim, hoje, é muito... quer dizer, conseguir, poder a partir disso, construir uma coisa diferente. Sabe a questão, por exemplo, de esgotar, de morrer, saber que eu vou morrer. Então, como eu sei hoje que eu posso morrer daqui a pouco, é como se eu estivesse... cuidando, todo o tempo, vou cuidar da minha vida! Porque ninguém vai fazer isso por mim! E eu não sei, eu posso morrer já já, daqui a pouco. Então, isso dá uma...uma...uma perspectiva diferente de vida, sabe? Assim, uma idéia diferente de tá no***

***mundo... Então, é propulsor da vida. É, eu acho que sim, eu acho que sim. Mas pode também não ser, não é?***

Para quem experimentou a sua própria vulnerabilidade, as possibilidades únicas foram abolidas. Não dá mais para ter idéias absolutas. O resultado foi propulsor, mas poderia não ter sido, caso a sua reação tivesse se reduzido à permanência no sofrimento e à constatação do limite humano. Foi possível um salto qualitativo, na proporção em que, agora, pode distinguir entre o que é da dimensão da dor e o que é da dimensão da beleza. O que causa sofrimento - é claro, que é muito ruim - é a sua constatação. Mas, “(...) **Não, não é feio!**” O limite da condição humana causa muita dor. Ter descoberto esta verdade lhe possibilitou desenvolver um sentimento de ‘*compaixão*’, no sentido etimológico do termo, de ‘padecer com’.<sup>33</sup> “O sofrimento ensinou-lhe a *compadecer a dor alheia*” é como nos exemplifica o Dicionário de AURÉLIO<sup>34</sup> ao precisar o significado da palavra ‘*compadecer*’. Por outro lado, penso que, além disso, o sofrimento permitiu o desenvolvimento de uma sensibilidade, que lhe faz distinguir as filigranas da dor humana, na medida das suas reverberações na própria pele.

***Se eu tivesse ficado daquele jeito, só lastimando... o meu estupro e a minha dor sabe? E a minha condição feia de humana, doída de humana, eu não teria conseguido sair disso! Aí num... não era propulsora não! Porque era tudo muito...mm... muito feio, sabe? E hoje eeuu... eu digo desse jeito porque eu sinto uma coisa muito ruim. Mas não acho feio não! É assim mesmo, é humano! Tá entendendo? Se uma pessoa vem pra mim, no meu consultório, desse jeito, eu digo “ai, que coisa feia!” Não, não é feio! Sabe, assim “Meu Deus como é doloroso!” Eu sei do que ela está sentindo. Eu sei...eu sei de como ela está sentindo, eu sei da dor que é isso.... Me sinto ...como... igual, mais ou menos parecida, irmanada no sentimento de...de humanidade, sabe? E acho que eu não***

---

<sup>33</sup> Esta reflexão me foi permitida com a lembrança da leitura do livro “*A Insustentável Leveza do Ser*”, do escritor tcheco, Milan Kundera.

<sup>34</sup> AURÉLIO, Buarque de Holanda Ferreira, NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2ª edição, revista e aumentada, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

***poderia ter essa vivência desse jeito se eu não tivesse... passado por isso.***

Com a releitura do seu depoimento, sinto-me tocada ao perceber o quão profunda foi a sua descoberta. Não dá para ficar imune.

Pensando em termos heideggerianos, acho que a sua experiência foi de fato, um acontecimento. Permitiu-lhe transmutação, que lhe 'caíram na cabeça', lhe fazendo 'outra'. Penso poder dizer, continuando com o pensamento de Heidegger, que as questões ônticas são passíveis de modificações, a partir das questões ontológicas. Digo isto, na medida das suas conclusões:

***Então, nesse sentido, eu não sei se isso me faz melhor terapeuta.... Não sei...não sei. Não sei se melhor terapeuta. Mas me faz mais capaz de saber... do que a pessoa está dizendo, de compreender e de não...de não achar horróroso, de não julgar, sabe? De acolher mais. De acolher mais o sofrimento, sabe? De acolher mais as ppp... o sofrimento delas. E de dar espaço para as coisas... aparecerem, seja que tipo for.***

Relaciono a sua alusão de 'descer ao inferno', com a idéia de 'caos', no qual todas as configurações são possíveis, mas sem nenhuma manifestação específica. O sentido de 'caos', a que estou aqui aludindo, contém a idéia heideggeriana de 'campo de possibilidades', a partir do qual os entes emergem, e para o qual tornam a se encobrir, indefinidamente, em novas configurações. Então, ter podido experimentar 'descer ao inferno', ter podido experimentar este 'profundo sofrimento' de estar diante do 'abismo', criou a possibilidade de vivenciar a *abertura* da existência humana. Esta experiência permitiu, também, o desenvolvimento da confiança no desenrolar das forças da vida; aprendeu a esperar que as coisas 'aconteçam'. Agora, é possível 'estar junto com o outro', nesse desdobramento que se dá no tempo e com o tempo.

***A impressão que eu tenho, o que eu tava dizendo naquela hora, a história do inferno, eu desci no inferno. Então, outras pessoas também podem descer!? Eu sou capaz de descer junto, sabe!?. E eu sei ... e é...é interessante como eu, às v v, consegui, em termos, não é? Porque eu não tou boa nessas histórias ainda não, total. Mas eu sei, por exemplo, que quando estou sentindo uma dor muito, muito grande... Calma! Vamos esperar, vamos dar um tempinho, vamos... ficar quietinha e tipo: 'Não vamos mexer muito, não. Não aperta a barriga senão ela dói!?' E que não é...não, isso não é... fazer de conta que não está vendo.***

A sua afirmação, a seguir, é clara em defender o reconhecimento e o acolhimento do *dever*, da condição humana, como única via possível de promoção da existência. É preciso não 'fazer de conta' que não dói, é preciso reconhecer a própria angústia e sofrimento para que possamos ser companheiros de nós mesmos. Não é possível 'dar conta' da vida, sem este acolhimento.

***Então, nesse sentido, eu estou podendo também acolher mais o meu próprio desamparo. Pronto, exatamente. É como se eu estivesse podendo ser mais companheira do meu próprio desamparo. Da minha própria solidão, da minha própria dor, da minha própria tristeza, sabe?...Angústia. Que eu não dava conta antes. Eu não conseguia. E não é que não seja doloroso não, sabe? Eu acho muito ruim! Mas..., não vejo outra forma de...de es.. de viver no mundo, sabe? Do que...do que ver que eu estou tão triste, eu estou tão angustiada, tou com tanto medo de alguma coisa, tou... Nada faz sentido. Isso tudo eu sinto muito. E...mas, mas...é não tem como fugir, não tem nada pra ser feito, vamos fazer de conta que está tudo bem ...***

Logo adiante, suas declarações vão se tornando, cada vez mais, contundentes, em afirmar tal verdade.

***Não dá pra descer do trem ... não dá, não dá pra descer do trem, embora eu morra de vontade, às vezes. Nada a ser feito, a não ser lidar com isso, a não ser... estar com isso.***

Para, finalmente, concluir, que a questão principal não se refere a ter se tornado melhor terapeuta, nem exatamente ter uma escuta clínica mais ampliada. O fundamental é a questão da alteridade, da diferença, e com isto o redimensionamento de todos os valores. Não dá para ser 'a mesma', depois de experimentar a *grande dor* da finitude e vulnerabilidade humanas. Não dá para continuar preso à valores ínfimos, quando se descobriu que a vida se esgota, a cada minuto e que cada momento pode ser o último. Urge a solidariedade consigo mesmo e com os demais, no afã de potencializar a vida e minimizar a grande solidão humana.

***E aí eu acho, eu não sei essa coisa de ser melhor terapeuta. Eu não sei...eu não sei... não sei dizer se é melhor terapeuta, ou se a questão é de escutar melhor. Sim, aí, acho que sim, acho que sim. Eu não sei se melhor. Mas, de uma forma mais ampliada... podendo incluir ...***

***... eu me sinto diferente... eu me sinto diferente, sabe? Eu me sinto diferente, andando, eu me sinto diferente...sabe?. Essa vivência que eu tive me fez ficar... em todos os sentidos diferente, sabe? De achar coisas...coisas... algumas coisas tão valorizadas? Bestas! Que pra mim não faz sentido, que isso é tão pouco importante! É como se fosse assim, por exemplo, é... quer... quer...que todo mundo fale muito bem, elogie. Claro que eu acho importante. Por exemplo: eu gosto quando apresento um trabalho que todo mundo diz que foi bom, etc. Mas não é a coisa mais importante, porque isso ainda é tão pequeno, tão ... comparado com essa grande dor, do humano, sabe? Que eu acho que isso não é importante. O mais importante é obter encontro com as pessoas. Eu realmente acho isso, sabe? Poder olhar e poder sentir que a pessoa tá...tá comigo. Eu acho isso ... a....hoje, pra mim, isso tem sido a***

*coisa, uma das coisas mais importantes, tem sido essa coisa de tá, de tá junto, de ter contato, encontro com as pessoas, sabe?*

**5. 3. 2. “Eu acho que eu perdi a ilusão, eu me dei conta que não tem vacina.”**

A segunda entrevistada é uma pessoa da minha faixa etária e com uma história de vida, marcada por dois rompimentos amorosos significativos. É companheira de consultório e parceira de muitos encontros de grupos, dividindo o mesmo quarto, em muitos deles. Tivemos formação profissional similar e conhecemo-nos há quase trinta anos, quando da primeira vinda de Rogers ao Brasil. Após esse fato e durante muito tempo, nossos caminhos não se cruzaram. Porém, nestes últimos dez anos, temos desenvolvido uma convivência semanal por compartilhar o mesmo espaço de trabalho, o que tem ensejado o desenvolvimento de uma ligação afetiva mútua.

Igualmente, procederei à análise da sua entrevista literalizada.

Logo após ter se inteirado da minha questão de pesquisa, a minha quarta interlocutora enfocou o que ela considerou ter sido sua maior aprendizagem, advinda como conseqüência de um acontecimento desalojador. Faz questão de precisar este fato, logo no início da sua fala:

***Olha, tu me lembraste aquela... aquela situação em que eu vivi lá ... no México,... aquela questão ...do Encontro Latino no México, onde eu me dei conta de que, eu também, como vil mortal eu poderia perder um filho. Não tinha vacina. É uma coisa assim: como as minhas crias, são***

**minhas crias, né, elas podiam morrer. Morrer literalmente. Porque era o que...tava sendo vivido, no grupo.**

A seguir, continuou lembrando, passo à passo e, ao mesmo tempo, analisando, a transformação que sofreu com a descoberta.

***Agora, o que é que eu ganhei com aquilo? Eu ganhei aquilo na vida, primeiro: Eu estou fazendo uma análise, a primeira análise que eu estou fazendo agora. Certamente que isso já aconteceu à nível do meu comportamento. Mas eu me dando conta, arrumando, sistematizando à nível de pensamento... O que eu vejo é que eu perdi a ilusão... é... eu acho que eu perdi a ilusão, do controle, a ilusão do poder, a ilusão...Eu me dei conta que não tem vacina, que isso pode acontecer comigo.***

Agora, parece que o mais importante é a constatação, que faz de que perder a ilusão, “(...) **do controle, a ilusão do poder, a ilusão (...)**” enfim, de perder qualquer coisa, leva o ser humano a entrar em contato com a verdadeira realidade da vida humana: o limite e a vulnerabilidade do viver. Refere-se, então, ao terror que o contato com esta verdade demanda. Mas, parece que o pânico advém quando não se tem outra saída, senão admitir esta verificação, tão aterradora. Todavia, quando se consegue fazê-lo, nova constituição existencial poderá se formar a partir da verdade descoberta. Deduz-se esta apreensão da sua exclamação final.

***Agora o pânico, o pânico é tão grande de poder admitir...Como é que eu te digo?...Eu admitir, é dizer: Isso é mais um elemento da vida!...***

No continuar das suas idéias, enquanto tentava se questionar sobre a repercussão que este reconhecimento aterrorizante teve na sua escuta clínica, aponta para a relação direta desta revelação com a perda das ilusões enganadoras. Parece, que só então, se pode entrar em relação direta com “(...) **uma verdade objetiva**”, como ela bem o diz. Talvez seja a coisa pior que pode nos

acontecer, descobrir que um ente amado pode escapar da nossa proteção e literalmente morrer; mas parece que não tem outro jeito, a não ser enfrentar o fato.

*E como é que isso entra na minha escuta clínica?...Engraçado, a sensação que eu tenho é como se dissesse assim: Eita! menos uma..i ... é exatamente isso, eu acho que essa frase define: Menos uma ilusão. Mais um dar-se conta de uma verdade objetiva. Ai é quando eu digo para mim. Eu tenho um hábito de dizer assim: Cria tento Diva... Porque a vida tem isso, sabe? Eu até acredito que foi a coisa... pior que eu podia... me dar conta. É que na realidade, um filho meu pode morrer...E eu não vou poder fazer nada, a não ser enfrentar isso. (os nomes utilizados são fictícios).*

Na verdade, apesar de ela anunciar, no parágrafo anterior, uma reflexão sobre a sua escuta clínica, continua dando ênfase à descoberta efetuada e à importância do seu reconhecimento, como parte integrante da vida. Parece que, só depois, é que vai poder nos contar sobre as consequências no seu fazer clínico. Inicia fazendo uma distinção importante entre o termo 'bondade' e o sentido da palavra 'humana'. A verdade da condição humana, agora, descoberta e fazendo parte da sua constituição, lhe permite escutar o outro *mais humana*, ou seja, mais imbuída da verdade sobre a vulnerabilidade da realidade humana.

*Agora indo pro consultório, eu acho que...quando eu digo assim...,eu tenho muito receio de palavras já gastas... . Mas se eu disser assim...eu vou pra clínica mais humana, não é de bondade não. É mais humana assim, com menos... porque quanto menos ilusão eu possa ter...mais eu tenho contato com a verdade... a verdade do humano. ...da condição humana. Da minha condição humana. Então, na minha condição humana, eu posso perder um filho, a qualquer momento. ...E com certeza de entender a condição humana do outro, ta entendendo?*

E, continua aprofundando as suas reflexões sobre a percepção do limite da condição humana, quando acrescenta o quanto às vivências grupais ensejam a descoberta destes limites, ao permitir o contato com o múltiplo. Ao mesmo tempo, contudo, é sua a conclusão: possibilita o reconhecimento da própria complexidade. Penso que é para isto que sua fala aponta, quando anuncia, logo no seu início: “(...) **tudo... cada... (...)**”. Parece que seu desabafo, seguinte, deve-se ao fato de constatar que os conceitos teóricos podem ser totalmente vazios de sentido, quando são mecanicamente utilizados, sem estarem em relação direta com o *desvelamento* da vida na existência vivida. Para no fim, sugerir uma definição sobre o conceito rogeriano de autenticidade:

***E outra coisa, me abre assim: tudo...cada...e, agora isso não foi nesse fato, cada encontro desse me confirma.***

***E hoje, eu vendo Eduardo, eu tive vontade de dizer: ‘rapaz, tu estás numa ilusão e numa utopia que dá dó! Tu cria tento e te orienta, porque se não, tu vai morrer sem ver a verdade...’. Assim,... cada encontro, quando vejo um Leopoldo falar da dificuldade, quando eu vejo, um Eduardo falar daquela ilusão...***

***Eu acho que, o que se fala... (fungando) nessa hora eu acho, que estou meio abusada com essas expressões que eu acho que estão muito gastas da... ...Consideração Positiva Condicional, Incondicional, da... a questão da Autenticidade. Para mim, a autenticidade da condição humana é a gente estar disponível...***

Será que poderíamos completar esta definição acima, deixada em aberto, acrescentando “(...) **para experimentar a condição humana de finitude e incompletude?** Penso que sim, pois se ficarmos atentos ao que vai sendo anunciado, podemos verificar que esta é uma possibilidade de resposta. Acho, contudo, que poderíamos arriscar a dizer mais, acrescentando que a sua fala nos revela que, ao mesmo tempo em que se experimenta a finitude, se experimenta a

multiplicidade e a complexidade. Na verdade, se experimenta o paradoxo da condição humana, de 'tudo' poder e 'nada' poder. O destaque para esta possibilidade de aprendizagem é feito nas suas expressões, quando a relaciona às interações subjetivas ocorridas nas situações grupais. É a relação intersubjetiva, no contexto da relação grupal, que amplia a capacidade humana de vivências e de descobertas sobre os acontecimentos humanos, que uma vida, por si só, não oferece essa chance de experiências. É preciso partilhar com outros que, nas suas diferenças, poderão me anunciar essas verdades. É o que podemos concluir, da sua esfuziante alegria na constatação da sua descoberta.

***Agora, que está me possibilitando isto, eu me dar conta da importância da multiplicidade da condição humana... . Eu chega estou feliz mulher! Quanto mais eu partilho do grupo mais eu...mais eu partilho...mais eu estou... podendo experimentar a condição humana. Que a minha vida, por...por ela só, não me dá condições de eu ampliar tanto. Porque vem toda...é... onde tem as diferenças que Adolfo aponta, a questão de todas as diferenças e das vivências, que eu não posso nem imaginar, mas aquilo diz da condição humana, que a minha própria condição humana ainda não se deu conta! Então, isso me amplia pra...eu tou falando do meu limite ... do meu limite de vivências mesmo, porque eu não vivi todas as coisas. Como é que eu pude me desiludir da coisa... da... ausência de uma perda de um filho?...Tu ta... Como eu pude me desiludir disso? Porque alguém estava nas minhas relações com o grupo, na relação..., estava alguém me dizendo, eu perdi. Me dizendo concretamente ...***

***Está me ampliando... a minha ... eu saber de uma condição humana... tu ta entendendo? Eu não sei se estou sendo clara.***

Acho que está sendo claríssima, enfatizando a vivência grupal como um lugar ímpar para a aprendizagem das diferenças e da multiplicidade da existência humana, ao mesmo tempo em que aponta para os limites do ser humano. É

evidente, também, a sua satisfação de se descobrir apreendendo todos esses fatos, no momento em que elabora as suas respostas.

***Eu estou gostando disso porque eu estou me dando conta agora, da questão da multiplicidade de quando eu estou lá, naquela... no circuito. Aí, me vem a história que eu estava conversando,...é a... é a relação. Engraçado, a importância que eu dava aos grupos, agora, com certeza, eu vou dar mais, porque eu vou ter a condição da ampliação das diferenças.***(esta última frase disse em tom de reflexão).

É interessante observar que, a partir da sua experiência, a sua aprendizagem vai se aprofundando, e se tornando cada vez mais própria. Perde o estatuto de um 'saber', exclusivamente intelectual, e passa a ser uma consequência da experiência vivida e que, por isto mesmo, a transformou, tornando-a outra. Faz questão de enfatizar que o contato com a multiplicidade das diferenças, que a experiência grupal enseja, é potencializadora, exatamente, porque promove a desilusão. E, completa, fazendo a distinção entre ilusão e sonho. ***“Eu posso até sonhar, mas não me iludo mais (...).”*** Será que posso aventar que as *lições humanas*, anunciadas na sua frase final, seriam que o sonho é fundamental, pois é propulsor, mas que a ilusão, pelo contrário, seria um véu protetor, mas, ao mesmo tempo, impeditivo de se entrar em contato com a essência da condição humana?

***Eu agora estou podendo compreender, visceralmente, o que é a multiplicidade, que eu tanto prego em sala de aula. O que é a multiplicidade, o que é a multiplicidade das diferenças e porque me potencializa. Porque eu me desiludo. Eu posso até sonhar, mas não me iludo mais, minha filha. Bom proveito, que eu estou é feliz!...Lições humanas... .*** (esta expressão foi dita em tom reflexivo e elaborativo).

*Experienciar “(...) a grande feira de condições humanas... de possibilidades humanas”, ampliou a sua capacidade de humanidade, dando-lhe maiores condições de estar na vida, com o outro e consigo mesma. É isto que faz a vida tão interessante, é a sua conclusão final.*

*A imagem que eu tenho agora é de... agora eu me lembrei de uma feira de informática, que eu fui a semana passada, mostrando todas as coisas possíveis da informática que não diz tudo, mas diz uma grande coisa... É como se fosse uma grande feira de condições humanas...sabe? De possibilidades humanas. E naturalmente que isso é uma coisa que é experienciada por mim, amplia a minha condição humana. E, conseqüentemente...amplia ... a esc... lógico que quando eu vou pro consultório, eu vou*

*isso, eu vou com essa condição. Não é só consultório, é vida, não é? Por isso é que... é tão interessante...(disse esta última palavra, em tom reflexivo). Mas é isso mesmo...*

### **5. 3. 3. “Vir mais segura ao encontro do desconhecido.”**

A primeira entrevista, do segundo grupo, é com uma das duas co-monitoras da experiência grupal com pais e crianças. Trata-se de uma moça que tinha uma aparência bastante jovial, o que a fazia passar por mais jovem que as demais, cujas idades variavam entre 23 e 25 anos. Provavelmente, essa sua aparência corroborava a impressão, de ser mais ingênua, protegida pelas suas relações familiares e pela vida. Desenvolve, contudo, um trabalho sério e atento. Não tínhamos estabelecido, até então, nenhum contato anterior.

Depois da formulação da minha questão de pesquisa confirmo o seu entendimento sobre o que foi formulado. Segue a análise interpretativa da sua entrevista.

A minha quinta interlocutora, e primeira entrevistada do grupo de ex-estagiárias/monitoras, inicia a sua comunicação nos avisando que: **“Primeiro, assim, eu vou dar uma volta”**. Esta sua colocação, que poderia soar natural por ser comum nas primícias dos pronunciamentos em geral, ‘me põe o ouvido à espreita.’ O que de fato ela estaria nos comunicando? Que ‘volta’ é esta? Por onde ela necessita ‘andar’ para adentrar ao tema que interessa? É interessante observar, antes de tudo, que ela estava sendo instada a uma interlocução com sua antiga (?) mestra. Além do mais, o conteúdo da sua narrativa tinha a finalidade de compor o material para a dissertação dessa sua ex (?) supervisora.

É bom lembrar, contudo, que esta interlocutora, assim como as demais, cujos depoimentos serão analisados na seqüência, participaram de uma experiência grupal bastante mobilizadora para elas, assim como para todos os envolvidos no trabalho. Foi este fato que motivou o convite para que participassem desta pesquisa. Apesar de terem sido convocadas por tal motivo, isto não significaria que os seus depoimentos fossem compostos em torno dessa referência comum. Acredito que por se tratarem de pessoas jovens, recém-formadas e cuja experiência clínica se restringia, quase que exclusivamente, ao tempo da vivência na Clínica-Escola, natural se fazia que dessa maneira procedessem.

Um outro aspecto importante, a ser mencionado, é que todas as três componentes desse segundo grupo de interlocução, tinham tomado conhecimento prévio do conteúdo da minha questão de pesquisa. Este fato ensejou conversas anteriores entre as três, o que é possível deduzir da sua colocação.

*... diante de uma situação difícil ... em que você não entende o que está acontecendo, não é? Primeiro, assim, eu vou dar uma volta. Eu me lembro que no momento, falaram daquele caso da... da mãe do aluno que faleceu ... .. da experiência que nós vivemos, não é?*

Parece também, que eu, precisei de um preâmbulo, quem sabe motivada pela necessidade de melhor me separar de todos aqueles acontecimentos que, igualmente, a mim envolveram.

Como se sabe, preâmbulo é algo que vem antes do texto propriamente dito, é aquilo que antecede quando se quer introduzir, ou, sem embargo, quando não se está *pronto* para tratar diretamente de um determinado assunto. A expressão 'sem preâmbulos', por sua vez, representaria, exatamente, que a pessoa, 'de pronto', se remeteria a tal matéria. Essa significação, no qual o ambular ou passear, teria o mesmo sentido que '*dar uma volta*', condizente à colocação da minha interlocutora, estaria apontando para um tempo preparatório que permitisse uma reorganização do sujeito em questão, na medida do seu afastamento da temática mobilizadora.

Por outro turno, e como já tivemos oportunidade de referir nesta dissertação, para que a pessoa se '*despregue*' do solo, a fim de que possa perceber '*algo que se destaca*', necessário se faz que as implicações recíprocas se quebrem por alguma coisa que falte ou que exceda. A *falta* ou o *excesso* provocará o '*susto*' pelo estranhamento instalado na situação costumeira. As questões impostas pela situação de estranheza são então: "*o que é?*"; "*como é?*" E, é exatamente com estas questões que o seu depoimento se inicia, denunciando a situação desalojadora em que se encontravam, "**O que é que a gente vai fazer agora? O que é que vai fazer agora?**"

Percebe-se que a resposta à outra questão que a situação de estranheza demanda, ou seja, "*como é?*", vai sendo respondida, na proporção em que se

descobre “(...) **que uma podia contar com a outra. (...) Uma se apoiando na outra**”. O desalojamento, ao empurrar-nos para a ‘falta de chão’, move-nos em seguida para a busca de outros apoios que venham substituir os perdidos. ‘Olhar para os lados’, depois desse abalo tremendo e perceber que não se está só, é no mínimo reconfortante, criando as condições para novas organizações.

*Logo que começou, né, que nós entramos na faculdade, que soubemos da notícia, ficou assim uma olhando pra outra, “O que é que a gente vai fazer agora? O que é que vai fazer agora?”. A minha sensação era assim de... de que tinha outra pessoa..., outra psicóloga, né, tinha Rafaela, tinha Lucia, tinha Carla... e que uma podia contar com a outra. Que íamos entrar as quatro juntas... pra ver o que podia fazer pra segurar, não é?... a situação. Uma se apoiando na outra. (...) era de apoio, exatamente. Uma em relação à outra, não é? Que talvez assim, se eu estivesse só, não ia ter a segurança que eu tive, sabendo que ia ter outras colegas. (os nomes são fictícios).*

*E, diante... na hora do decorrer..., foi caminhando ... fomos...deu, deu pra segurar não é?... a situação. A gente foi..., foi escutando, uma olhava pra outra pra concordar, pra afirmar que tava...tava dando certo ...estou falando do momento do susto, não é?*

Em relação à contribuição que esta experiência teve no desenvolvimento da sua escuta clínica, a sua resposta é bastante direta no tocante a sentir-se mais segura. Depois de se viver tudo aquilo, já se pode ‘saber’ que é possível encontrar outros caminhos, quando os antigos já não resolvem ou não existem mais. Estariam essas suas colocações apontando para a transformação ocorrida consigo mesma? Penso que podemos responder afirmativamente. Algo se transforma, quando uma experiência ‘cai sobre nós’. Em outras palavras, mudanças subjetivas se operam, pois uma experiência *foi feita*. Aludo, aqui, novamente, à noção de experiência como *acontecimento*, como ‘algo que nos advém’, como aquilo que ‘cai sobre nós’ e ‘nos faz outro’.

Algumas destas suas, seguintes, colocações me fazem lembrar das minhas experiências nos Grandes Grupos, depois das quais, me sentia com maiores disponibilidades internas, como digo no meu próprio depoimento: *“Sempre que participava e voltava de um Encontro desses, sentia-me transformada no meu jeito de estar com o cliente no consultório. A sensação era de ampliação e deslocamentos múltiplos. Falo de experimentar, em mim mesmo, a disponibilidade de outros recursos, antes não existentes. A impressão era, muitas vezes, física. Sentia como se os ‘canais internos’ tivessem sido acrescidos de outros, ou melhor, havia mais espaços interiores e maiores possibilidades de movimentação”*.

***Mas em relação à escuta... depois de ter vivido este susto, eu acho que a repercussão que isso pode ter tido no meu desenvolvimento, ao longo do tempo....***

***Eu acho que é assim, uma questão de segurança passou. Tipo assim, diante de uma situação inesperada, que eu nunca tinha passado, deu pra ver que apesar do susto, da situação, deu pra segurar. Eu acho que a partir de uma experiência dessa, diante de uma nova, a gente já vai com mais segurança de que na primeira conseguiu, deu certo. É como se tivesse me dado subsídio, suporte... suporte, é, exatamente. Saber que posso dar conta. E que diante de uma nova situação, tipo assim, já não foi a primeira vez! Que da primeira, a gente conseguiu! Foi, acho que... é uma questão de segurança. É como se tivesse me dado subsídio, suporte... suporte, é, exatamente. Saber que posso dar conta. E que diante de uma nova situação, tipo assim, já não foi a primeira vez! Que da primeira, a gente conseguiu! E até assim, vai entrar uma pessoa que você não sabe, não é? Tipo assim, você vai receber uma pessoa pra atender, você não sabe... um cliente novo.***

***Você não sabe o que vem, o que lhe espera, o que lhe aguarda. Aí, de repente, eu acho que isso lhe dá mais segurança, tipo assim, eu estou mais preparada pra uma situação ines... nova.***

Pode-se confiar mais, na própria capacidade de enfrentar situações inesperadas.

Não foi fácil o que aconteceu, porquanto muitos elementos estavam envolvidos. Além da morte de uma participante do grupo, que por si só seria suficiente para desestabilizar, tratava-se de uma das pessoas que maior mobilização causava a todos pelo conteúdo das suas colocações e por sua obstinação de *sempre falar e falar sempre* da mesma coisa: a dor de ter sido deixada pelo marido. Por outro lado, tiveram que lidar com aquele homem que, em virtude da morte da mãe do seu filho, compareceu ao grupo. ***“E..., o pai da criança que nunca tinha ido ao grupo e ela sempre falava que ele nunca ia e ela precisou morrer para ele ir”.***

Penso que sim: ela precisou morrer para que ele pudesse chegar perto do filho e o filho do pai. Como é doloroso perceber que os deslocamentos são necessários para que se possa permitir o fluir da existência. Aquela mulher, com a sua dor, precisou ‘sair do caminho’ para que os outros pudessem continuar nos seus processos existenciais. Com efeito, não foi dada a ela a condição de puder dizer, em semelhança ao cancionista popular, ‘*saíam do caminho que eu preciso passar com a minha dor*’. Penso que a vivência de todos estes elementos fez profundas diferenças em todos os envolvidos na experiência.

***Tipo assim, eu passei por uma coisa que... foi difícil na hora, né, foi uma perda pro grupo, né, de uma pessoa que era muito participativa e ...eu estou falando da mãe, da mãe que faleceu. E..., o pai da criança que nunca tinha ido ao grupo e ela sempre falava que ele nunca ia e ela precisou morrer para ele ir. Foi uma pessoa nova que entrou no grupo e também tem a questão de que o grupo estava meio no fim, todo mundo já***

***estava entrosado e entrou um estranho. Tudo isso a gente teve que pensar, que levar em consideração, de apresentar... ... modificou a situação. ...***

Como lidar com o estranho, em nós e fora de nós? Como lidar com este estranho? Parece que são muitas as ameaças a serem contornadas.

***E até porque... tava a... os encontros acontecendo, todo mundo já estava bem ... já estava... se conhecendo e trouxe problemas mais sérios, né? Da questão daquele menino que o pai tinha sido assassinado pelo tio, que ela pediu falava muito assim no sigilo..., e entrou uma pessoa assim, estranha que não sabia de nada, de nenhuma história, de nenhum integrante do grupo. Eu estou lembrando, é... é, o que é que eu estou querendo dizer com isso? Que a gente também teve que lembrar desse componente de uma pessoa estranha naquele grupo...sim, da ameaça dos outros elementos, não é?***

Quando nos desalojamos, mal se pode cuidar de si mesmo. Imagine ter que cuidar de outros!

***É, das outras pessoas que ficaram sem entender também, tanto quanto a gente, ficaram surpresos com a morte ... da pessoa que estava participando do grupo. O que estou dizendo é que são muitas variáveis que têm que ser contornadas.***

***A questão assim, do grupo estar formado e chegar uma pessoa estranha com a notícia de... nova, né. Uma notícia difícil! Fica todo mundo com a cabeça... de pernas pro ar. E a gente falava “mas ninguém o conhece! Vamos apresentar”. Começamos o grupo apresentando ele, e... com a notícia. E também foi a filha, que entrou também no grupo, né, a irmã do menino que tinha perdido a mãe. Duas pessoas estranhas... além do ... Duas pessoas novas. Aliás, eu não tenho muita certeza não, mas eu acho que ela entrou... Entrou, eu lembro. Entrou. Exatamente, foram duas***

***peças diferentes num grupo que já estava integrado, né? Mas... foi ótimo! Foi ótimo!***

A experiência foi ótima, é o que podemos deduzir da sua afirmação. Mas, pergunto: apesar de tudo isto ou foi por causa de tudo isto? Acho que exatamente por *tudo* isto. Parece que o fato de ter sido vivido em conjunto, com pessoas em quem se pode confiar, ajuda a encontrar as respostas. É interessante observar que, ao tentar encontrar a expressão que melhor exprimisse o sentimento vivido do encontro de apoio mútuo, ela usa a palavra segurança. Para, logo em seguida, corrigir substituindo-a por uma definição melhor. O que chama a atenção, é que a definição anterior é retomada, sem que demonstre consciência do fato, adicionada de outras expressões complementares.

***Quando acabou que respiramos, deu tudo certo. Foi inesquecível, aquilo! Foi inesquecível no sentido da experiência, mesmo. Do sufoco na hora e aí, “como é que vai ser?” As quatro reunidas, né, antes de entrar no grupo. “Vamos!”,... fomos e deu certo!***

***Foi muito importante podermos contar uma com a outra. Talvez, já assim, pela integração das quatro, né, que já nos encontramos e estava dando bem. Pudemos fazer um trabalho, exatamente, porque as quatro já se conheciam...e ... . Já nos conhecíamos e quando o grupo foi formado eu fiquei feliz com as escolhas. Andava muito com Rafaela, com Lucia. Carla menos, mas conheci e gostei. Nos demos bem, né? Acho que foi ótimo isso!... Foi muito bom! Uma deu segurança a outra.***

***Assim, o que... a palavra que eu ... uma deu segurança pra outra e a experiência, assim, de grupo, foi a segurança. Quer dizer, uma deu suporte a outra, ‘tava errado’(sussurrou), uma deu suporte a outra no sentido de que, eu olhava pro lado, eu sabia que tinha alguém pra ... parece que ajuda a gente a pensar. Ajuda, exatamente. Dá segurança, tipo assim, se eu não estiver conseguindo tem outra pra ajudar, contornar, pra***

***segurar, né? Tem outra pra pensar quando eu não estou conseguindo pensar. São quatro pensando, não é?***

Percebe-se que este esforço de completar a sua definição vai revelando a impossibilidade de se chegar a uma definição com expressões simples, são necessários elementos compostos. Não estaria isto sendo revelador da multiplicidade e da complexidade da situação?

***É, porque... porque eu acho que quando a gente está sozinha, às vezes, a gente não consegue ver ... “Quais são as coisas que a gente tem que fazer agora? Não é?***

***E outra coisa, são quatro pessoas escutando, não é? Cada pessoa vai pensar uma coisa, de um jeito. Enquanto eu estou pensando uma coisa, ela está pensando outra, aí vai saindo. Enquanto uma pensa, outra já pensou já está falando, aí vai andando. ... e esses elementos vão se juntando ... vão se juntando e faz com que flua. Vai fluindo o grupo.***

Novamente, volta à questão da segurança. Penso que, de fato, ‘desalojar-se’, encontrar suporte nos companheiros e descobrir que pode encontrar respostas para a situação inesperada, deram-lhe as seguranças para enfrentar novos desafios. Sabemos que ‘sempre será uma primeira vez’, pois a situação inesperada é, *novamente*, uma outra. Mas, de alguma maneira, já se ‘sabe’, tendo em vista que, anteriormente aconteceu. Melhor dizendo, a experiência foi feita e isto ‘faz a diferença’. Uma vez que se desenvolveu recurso externo e interno, é possível confiar que se pode, pois novas configurações foram construídas. Faço aqui, de novo, alusão ao meu próprio depoimento: “Falo de experimentar, em mim mesmo, a disponibilidade de outros recursos, antes não existentes”.

***... e assim, e hoje em dia, na minha vida, porque de lá pra cá, depois da experiência de lá da universidade, eu não escutei mais ninguém exceto***

*esse menino que estou escutando agora, na minha experiência lá no hospital.*

*A diferença que eu senti, depois desse grupo, foi à questão da segurança. Vir mais segura ao encontro do desconhecido. Vai abrir uma pessoa à minha porta, que eu não sei de nada, quem é, porque está ali, que vai me trazer uma história, né? Eu acho que, depois daquela situação, eu me sinto mais segura. Apesar de saber que cada situação é uma situação diferente, mas o fato de ter passado por onde a gente não esperava e ter se saído, conseguido sair, né, bem, ninguém se atrapalhou... é como se a experiência tivesse me ... fortalecido! Engrandecido!*

*E, estou pensando, que tivesse também me dado a possibilidade de saber que mesmo que a gente não saiba o que é que vem,... numa situação, em que já se viveu uma situação desse tipo, e foi possível sair, se acredita ... exatamente na possibilidade de que vai poder sair novamente, não é?*

*De que vou pensar na hora numa maneira de ajudar, de acolher, de contornar. Não é mais tão assim... tanto medo do desconhecido. E tem o elemento de você, é... confiar mais..., no tempo. Dar tempo ao tempo, para que as coisas possam se processar.*

Acredito que se pode dizer que, além da complexidade e da multiplicidade, a sua resposta é reveladora da complementaridade de todas as coisas, ou seja, do individual e do coletivo, do fora e do dentro, da paciência e da ansiedade, da 'hora certa' e de 'mais tempo', da palavra e do silêncio...

*Quando, nós estávamos nós quatro e uma podia... . Tipo assim, se eu estiver processando, né, e a outra já tiver pensando alguma coisa, ela solta. Aí, já vai mudando, né. Vai dando tempo, com certeza.(...) a importância de confiar mais no tempo, não é?*

*Tipo assim, de intervir na hora certa, não é? Ter paciência, não ficar ansiosa. Como quem está querendo a resposta certa de qualquer forma.*

***Saber que a coisa vai vir... é, vai vir de dentro, não é? Sem ficar naquela ansiedade de falar, falar, falar e quando, às vezes, não era nem pra falar nada.***

(Continuou o seu depoimento depois de ouvir o conteúdo da gravação).

Finalmente, termina sua comunicação dando ênfase a aprendizagem que obteve com a experiência. Na verdade, a força da situação grupal implica numa intensidade, que envolve o sujeito por inteiro. Todos os sentidos são requisitados, obrigando-se a um nível de participação da ordem de uma maior complexidade, o que resulta em mudanças proporcionais e com uma maior velocidade.

***Esse grupo pra mim foi riquíssimo! Foi uma coisa assim, que eu não sei nem como explicar porque eu não tinha atendido ainda nenhuma. . . o meu estágio foi com criança, infantil, eu não tinha atendido, nenhuma criança. E pra mim foi: “a aula!” Assim, foi. . . foi tudo o que eu aprendi. Foi a vivência, foi. Foi ‘um estágio’, aquele grupo pra mim. Eu não sabia como é que a gente ia lidar com a criança, é... , aí eu vi como era: primeiro se conversava, depois que... que deixava ela à vontade pra fazer alguma atividade e continuar conversando. Eu não tinha a menor idéia como isso funcionava. Foi como se fosse um laboratório de aprendizagem. Eu até pensei assim, que quando eu fosse entrar no grupo, eu ia ser... ia ficar muito assim, passiva, assim, olhando acontecer. E não, eu vi que todos participaram muito mesmo. Como se a experiência me envolvesse muito me puxasse pra viver. E outra coisa, assim, eu vi muita coisa, assim, que só me fez comprovar a ciência, não é? Psicologia. Muita coisa! Como se pudesse ver na prática e acreditar naquilo que tinha ouvido na teoria.***

***E realmente, assim,... eu sempre, desde criança tive vontade de ser psicóloga, mas quando eu participei daquele grupo, eu vi que realmente ... é ... ‘como é que eu vou dizer isso?’ (baixinho, se perguntando)... as***

***coisas que acontecem e que mudam realmente, no decorrer do processo de mudança. E, realmente acontece, foi a comprovação. (rindo). E pra todo mundo que estava no grupo, participando, teve oportunidade de ver que realmente o processo anda e que as coisas mudam. Todos os participantes, os pais e as crianças... e... nós também. Exatamente, exatamente. Vimos assim, em dez encontros, mil coisas... aconteceram, importantíssimas! Foi riquíssimo, riquíssimo, mesmo. Acho que fui, assim, sorteada em participar daquele grupo! (rindo, com prazer).***

***Realmente, aquele foi especial. Dois episódios num mesmo grupo, não é? Fortes, não é? Foi mesmo, aquele foi especialíssimo! Foram ótimos, foi muito rico!***

#### **5. 3. 4. “Não dá pra gente ficar prestando atenção só na queixa.”**

A minha sexta interlocutora, e segunda entrevistada deste grupo, é a outra co-monitora do trabalho grupal. Trata-se de uma moça perspicaz nas suas observações, participativa e responsável, inspirando confiança e afeto nas suas atuações. O nosso relacionamento se restringiu ao tempo em que durou a experiência, que teve duração de um semestre letivo.

Depois de anunciar o objeto de minha investigação, que se traduzia na questão de como é que é viver experiências em que o chão foge dos pés e que repercussão adveio na escuta clínica dela, começou a responder.

Segue a análise do seu material na interlocução comigo.

Ao reler, mais uma vez, a narrativa desta minha sexta interlocutora, invade-me um sentimento de admiração pela sua sensibilidade de escuta. Logo acima na sua apresentação, referi-me às suas qualidades demonstradas durante todo o trabalho. Depreendo, agora, que é muito mais que isto, pois, na verdade, demonstrou um potencial fundamental para a escuta do outro.

Quem, mal iniciada nas ‘artes’ da escuta, poderia exprimir o seguinte: **“Fiquei preocupada de não ter podido ouvir direito, de não ter escutado, assim, com o sentimento como ela estava falando (...)”**, só alguém com vocação para a diferença e alteridade do outro. Embora, seja evidente, também, um sentimento de culpa por ter falhado na escuta, pois o ‘*fiquei preocupada*’ é antecedido por um **“(...) fiquei como se tivesse errado em alguma coisa, (...)”**.

Viver a experiência, diz ela, a fez perceber que ‘*para escutar com o sentimento*’ era necessário não ficar presa na queixa, mas escutar o que a pessoa está ‘*tanto*’ falando.

***Eu, assim, procurei ouvir mais as pessoas, porque naquela época quando teve aquele problema no grupo, né, aí... assim, fiquei como se tivesse errado em alguma coisa, já que ela estava ali falando o tempo todo, que tava precisando da ajuda e a gente achava que estava irritando a gente, né. Sem conseguir ouvir o que ela estava falando. Fiquei preocupada de não ter podido ouvir direito, de não ter escutado, assim, com o sentimento como ela estava falando e achar mais que ela tava atrapalhando no tempo, né e irritando, que a gente quer tanto que às vezes a gente ficava nervosa com o que ela falava. Ela ficava falando, falando, falando... e aí..., o que me fez, assim, mudar foi de escutar mais isso e não ouvir o problema como o que ela estava trazendo, como ela levou o filho, né. E... ouvir mais ...Na verdade, é não ficar ligada exclusivamente na queixa... naquela causa, na queixa da consulta. Porque ela estava levando o filho, mas na verdade quem estava precisando mais ainda, era ela, né? E escutar mais isso dela..., e, assim,***

*da pessoa que está levando, né e... saber assim..., de onde está vindo aquela ... porque ela está falando tanto aquilo, o que é que tá incomodando tanto a pessoa, né? Ficar mais atenta...Ficar mais sensível...a outros elementos. ...Escutar...escutar com outros...outros ouvidos e não você ficar somente, só ... ligada àquilo. ... A coisa concreta. Ver o geral, assim, não é? Acho que o que mudou mais, foi isso, a prestar atenção mais nessas coisas.*

*É...é se desligar ou não ficar ligado exclusivamente na queixa ou no motivo que trouxe a pessoa, mas ficar atento a todas as outras coisas que poderão ser ditas e que ainda não foram ditas.*

Em seguida, sua declaração é mais convincente em defesa dessa escuta diferenciada que é a escuta clínica. Quando essa escuta se processa, as intervenções adequadas podem ocorrer.

*É isso mesmo. Porque... a gente sabia que a gente tinha que encaminhar ela. Mas a gente não se preocupou em ver que era urgente! Que ela precisava...daquele atendimento. E aí, eu acho... agora prestando mais atenção a gente possa ver se a necessidade é tão urgente ou não. E aí, saber, assim, ser mais com...mais dinâmica, eu acho. A prestar...É assim, mais dinâmica, assim, mais dinâmica que eu digo, assim, no que você está ouvindo, de você saber que é urgente aquilo, de você prestar atenção no que ela tá falan... no que a pessoa tá falando. Não sei se é mais dinâmica ou é mais...não é dinâmica! É mais sensível, eu acho. Há outros aspectos, não é? Mas também, a saber, quando eu quero dizer dinâmica, é assim, a prestar... uma atenção maior naquilo, não... não ficar só ligada como eu tinha dito antes, mas saber que, tem aquilo que a pessoa está falando mais, que você tem que prestar atenção.*

*O que estou querendo dizer é que deu pra perceber que a coisa tem muito mais elementos do que inicialmente parece. Assim, que é muito mais complexo. Que não dá pra gente ficar prestando atenção só naquilo que aparece primeiro. É isso. Não só na queixa, mas... em tudo*

*que a pessoa ta falando, (...) acho que tem disso aí, no todo assim...é por aí.*

No continuar da sua narrativa, confirma a sua declaração inicial de que a mudança ocorrida com a experiência vivida é *“(...) **Que não dá pra gente ficar prestando atenção só naquilo que aparece primeiro. (...) Não só na queixa, mas... em tudo que a pessoa ta falando, (...) no todo assim... (...)**”.*

Agora, quando é solicitada para contar se houve outras repercussões, de logo anuncia que vai acrescentar alguns elementos. No entanto, volta com outras palavras, para reafirmar sua grande descoberta: *“**Como se me ampliasse pra ver coisas que até então pensava que podia não ter sentido, não é? E passou a ter**”.* Alude, entretanto, a uma maior atenção que começou a dedicar na sua escuta, conseqüentes à experiência. Reporta-se, em seguida, a um outro atendimento em que apresentou uma atitude diversa.

***Isto é uma coisa que eu aprendi a partir da experiência, da experiência específica com aquela.. aquela senhora. Mas, se houve uma repercussão... mais ampla? Eu acho que houve. No sentido, disso assim... de prestar atenção na pessoa. De ver aquela pessoa ali, com aquilo que ela tá trazendo... Eu acho que é nesse sentido, assim. O sentido maior pra mim, foi esse e de saber... olhar melhor pra pessoa não é? E escutar também. Tanto que quando eu comecei no Estágio II, atendendo outras pessoas, tinha uma mãe que também falava muito, ela só queria ocupar, aí então, eu fiquei pensando, não, deixa eu escutar mais um pouco, não é? Aí tentei, mas ela não admitia, só achava que o problema era só da filha, só da filha. E tentei, assim. Tanto que às vezes ela chegava falando muito, falando muito, aí marcava um outro horário, pra ver se ela ia, né, querendo... participar. Porque tinha que ela fazer também, para que a filha dela ter alguma... evolução, não é? Mas ela não teve jeito. E, no final, deixei na pasta, quando fui fechar a pasta, todinho. Eu deixei, anotei tudo isso assim, no encaminhamento.***

*Fiz uma observação, que tinha feito o encaminhamento para ela, mas que ela não tinha aceitado. Botava mil empecilhos. Aí, fiz isso assim, não é? Eu já...já quis assim, escutar melhor pra a pessoa não ficar muito aperreada, nem andar para a filha dela, nem ela também, ficar parada assim. O que eu pude ouvir, assim, quando ela queria falar muito, escutava. Já fui prestando atenção mais em outras coisas. Não só naquilo que tava trazendo. Como se me ampliasse pra ver coisas que até então pensava que podia não ter sentido, não é? E passou a ter.*

(Interrupção para escuta da gravação).

Retomando as suas declarações, a partir de uma intervenção minha, quando questiono a possibilidade de se ficar traumatizada, numa situação grupal semelhante àquela vivida por elas, confirma a importância da experiência como contribuindo para seu desenvolvimento. Claro que preferiria não ter vivido algo tão doloroso, mas isto não impediria de viver novas experiências grupais. E, agora, quando isto acontecer, vai poder enfrentar a situação de uma melhor maneira.

*Eu queria... é, porque você perguntou, você falou, que muitas pessoas... ou dizem, que nunca mais, 'não quero participar', 'não quero fazer grupo', né? ... como se um tipo de experiência dessa pudesse ser traumatizante. Mas eu acho... Eu...eu...eu preferia lógico, se eu tivesse participado de algum grupo, lógico que eu preferia não ter que viver isso, né. Mas eu acho que se algum dia eu for participar e tiver que viver isso novamente, já vou saber como é que eu vou reagir. Então, não acho que vai ser uma coisa que vai me fazer dizer que nunca mais quero participar de um grupo!*

A sua afirmação enfática, sobre a lógica de ter feito uma avaliação positiva sobre a experiência, chama a atenção, principalmente, quando acrescenta "(...)... **foi dolorida pela morte e foi dolorida porque... me perturbou**". A ênfase, agora é redirecionada. O que está sendo anunciado na acentuação da

palavra *perturbou*? O que de fato perturbou? Perturbou a morte? Perturbou a causa da morte? Ou, perturbou porque não se deram conta da dor daquela mulher? Penso que é difícil separar, foram todos esses motivos juntos, que perturbaram. Conclusão que é corroborada pelas suas colocações. Além de todos esses fatores, é muito forte descobrir que, literalmente, 'dor de amor mata'.

*Lógico, que foi uma experiência boa, assim apesar de ter sido... dolorida, né, e acho que pra mim ... foi dolorida pela morte e foi dolorida porque ... me perturbou. Acho que pelos dois sentidos. Teve...o...o de não, não ter perturbado por a gente não ter conseguido ouvir aquilo que era... tão... urgente e por ela ter morrido, que era uma pessoa que...que sempre gostou tanto né... de falar, que tinha uma esperança incrível de...de voltar pra aquele marido dela. Assim... por essas ...por essas coisas...e também, fiquei por... . Eu pensei mais assim, que... acho que...o que dela, da morte dela... foi dela, dela ter morrido por aquele amor dela que sufocava ela, não é? Eu achei... E o que foi que isso ... quando eu disse 'ela ter morrido por esse amor' ... pelo...pelo... do fato da morte dela, você perguntou se o que chocou mais foi, o fato da experiência da gente ter vivido ou da morte, né. O que da morte dela, o que chocou foi isso de descobrir que a pessoa morre de fato de amor. Que a dor do amor pode matar, como a gente ouve falar nos versos dos poetas. E do... . Foi, tanto que a gente comentou muito, a gente comentou muito, isso. Dela ter morrido do amor dela, do coração. De ter tido um infarte no coração, que é um símbolo, né. Exatamente, que ela falava tanto na ferida no peito, né?*

Na seqüência, refere-se, mais uma vez, à importância de que aquela fala, que se repetia tanto, reveladora do seu imenso desejo de que o marido voltasse para ela, teria que ser escutada. Com esta possibilidade em pauta, sempre haveria a outra, de que a fatalidade pudesse ter sido evitada. Ou, o que de fato “(...) **podia... podia...**” ter sido evitado? Sim, acho que a *ferida no peito* podia ter ‘parado de sangrar’, paralelamente à escuta, como revela na sua declaração:

***É, e da esperança dela de voltar e... podia... podia . . . eu acho que podia ter sido evitado ! Quer dizer, não podia ter sido, não evitado, mas podia ter aliviado a ela, ela ter falado e ter sido escutado, né? Fica sempre aquela idéia, né, se a gente pudesse ter feito alguma coisa, que pudesse ajudar... e não chegar a esse ... essa essa fatalidade, né?***

***É. Acho que não me impediria de participar de outro grupo, não. ...***

Por fim, reafirma a importância da aprendizagem significativa que tiveram e a disposição de participar de outras situações grupais. Para finalmente, acrescentar que de agora em diante, em momentos semelhantes, vai ter mais calma “(...) **e tentar dar o melhor que puder (...) saber entender mais as coisas**”.

***Mas agora falando nisso, lembrando essa história de que ela morreu pela..., do coração por conta da dor enorme ...que ela estava sentindo no coração, é...eu acho que é uma... uma coisa muito importante pra aprendizagem da gente também, não é, de que a gente que... por mais que a gente saiba que... a dor psíquica é tão forte quanto... a dor física, não é? A gente nunca..., parece que como ficasse sempre irreal, né, não fosse concreto, né? A mentalidade da gente funciona só com as coisas concretas, né, então não dá pra matar, não é, a dor do amor, não é? É, mas mata, não é? Eu vi que mata! Vi na minha frente, né, aprendi visceralmente, não foi?***

***Eu acho que... pra mim, valeu assim, de uma ótima experiência, né, de ter passado por isso, mas que não me impediria, jamais, participar de outro***

*grupo. O que eu queria dizer mais era isso. (em tom mais baixo). Que eu sei que se um dia participar...eu participar de outro grupo, não somente em grupo, mas outros eventos, quando tiver atendendo ou coisa assim, em outras situações, agora eu vou saber, assim, já reagir com mais calma, entendeu, e tentar dar o melhor que puder, né. Então, é como se...viver uma experiência dessas me preparasse mais pra vida. É, também, é, nessas...nessas situações, assim, saber entender mais as coisas.*

### **5. 3. 5. “Ela falava muito por uma outra coisa, que ela tava precisando falar”.**

Esta última entrevistada, desse segundo grupo, desempenhou o papel de monitora da experiência. Com ela, já travara maior conhecimento, pois, no semestre anterior, tinha sido minha estagiária, não só como co-monitora de outra experiência grupal, como também nos atendimentos individuais. No entanto, ao assumir a tarefa de monitoria, desde os momentos iniciais de preparação das equipes, revelara nas suas atitudes, perspicácia e sensibilidade, além de uma apurada consciência da sua responsabilidade. Aprendi, durante esse tempo, a admirar a sua evolução, assim como o seu empenho, seriedade e suscetibilidade, na escuta dos pais e das crianças e na relação com as demais companheiras de equipe. Era um pouco mais velha do que as demais, além de já ter uma profissão, como professora primária, em escola particular. Diferenciava-se, também, das outras duas co-monitoras, por ser casada e estar vivendo a gravidez do seu primeiro filho.

Segue a análise do material da sua entrevista literalizada.

Relendo todo o texto para iniciar a compreensão do depoimento da minha sétima interlocutora, tenho um vivo sentimento de que foi bom o acaso, que levou

ao fato, de ele ter sido efetuado por último. Além de ser uma narrativa representativa de todas as demais, apresenta para seu leitor um completo relato do que se passou com elas, no momento da situação constrangedora em que foram protagonistas. Chama-me atenção, também, a sua maior densidade dramática, ao analisar os elementos da experiência, na medida em que vai constituindo a sua narrativa.

*... a... situação que me veio agora, quando você falou, foi a...a do caso da...da morte de uma pessoa que estava participando do grupo, grupo de pais, né. Não, de grupo de crianças que ela era mãe de uma criança, do interventivo. E aí ela era uma pessoa inclusive que incomodava um pouco a gente, porque ela falava muito... e tudo, a gente sempre brincava: 'Quem é que vai escutar a Marta'. 'Quem vai fa... é...que ...' se chamava Marta, e tudo. (Nome fictício). E aí um dia da...-... é como se fosse uma tarefa árdua, ...ouví-la.*

*Era difícil pra gente escutar, a gente tinha sempre que estar cortando, porque ela tomava o tempo do grupo, todo. E aí no dia, é...de ... da devolução com os pais e crianças juntos, ela faltou..., no primeiro dia. E aí a gente fiz... 'Por quê é que... Marta faltou?' Porque...era uma coisa... ela sempre ia, sempre falava tanto, né. Passou, 'Aconteceu alguma coisa e tal', e , no outro dia, veio...o... o filho com uma...um rapaz e uma moça, que a gente não sabia quem era. Aí, eu fui é... chamei, e ai disse: 'Cadê sua mãe ?, Vamos entrar, você faltou a semana passada e tal'. Aí...aí, ele apontou para o...o rapaz que estava acompanhando, e... era o pai dele, que não tinha ido, não tinha comparecido, os pais eram separados... Então, o pai , pegou e disse 'olhe ela faleceu!'. De supetão, assim. E aí, a gente: 'eu fiquei, realmente, chocada na hora, não sabia o que fazer.' Foi o chão, e...e...exatamente isso, o chão...desapareceu, assim, eu...guí...guí eu fiquei morta, assim, na hora. Eu fiquei, completamente,... desorientada. Lavínia correu, (rindo) a que tava comigo, na hora escutando. Eu acho que ela ficou mais nervosa ainda! Saiu. Que era também monitora, né, co-monitora e aí, eu fiquei só,*

*eu...na hora me veio, assim, de eu chamá-lo para participar. Ele não tinha participado de nenhum encontro, já era o final, mas aí, eu chamei ele... e aí: 'tive que apresentar, contar pra todo mundo o que tinha se passado...' e foi uma experiência difícil, muito difícil! A gente ficou, inclusive, com a consciência pesada, porque a gente... aquela pessoa que morreu, é... incomodava a gente, ... como se tivesse gerado uma culpa, (suspirando fundo) a gente sentiu essa culpa ...achou que não tinha escutado o suficiente ... pela rejeição que a gente sentia.... E... não tinha percebido, que tava tão sério.*

*Porque a gente... a gente acha que inclusive ela morreu de amor, porque ela era tão apaixonada, por esse homem que tinha deixado ela. E aí, nesse dia, eu vi que a gente precisa realmente...escutar melhor, ver... melhor a pessoa, sabe? Por dentro. Tirar essa...isso daí, essa antipatia que ela causou, era por algum motivo que tava...ela tava sofrendo. Então ela falava muito, porque ela tava precisando falar. Então aí, eu vi, eu digo: "Puxa! A gente podia ter escutado melhor". Eu sei que a gente podia ter feito melhor. A culpa não foi da gente porque ela morreu. Mas, a gente podia ter feito melhor, se a gente tivesse olhado além daquilo que ela tava...só aquela chatice, ela qu... querer falar mais. Então, isso daí, me...me modificou, assim a...a minha forma de...de ver as pessoas, de...de ver o sofrimento das pessoas... isso daí, realmente ... me sensibilizou, muito mais, ...para ver as coisas de uma forma mais ampla, mais humana mesmo, porque aí...O que é que eu quero dizer com mais humana?*

Não tive coragem de interromper a leitura que o leitor estivesse fazendo, com os meus comentários interpretativos, como fiz com os anteriores. O seu depoimento fala por si só.

Só agora, atrevi-me a fazê-lo. Não é assim que se passa na escuta dos nossos clientes? Como interromper falas que precisam se completar?

O reconhecimento, de que não tiveram culpa porque a mulher morreu, é muito direto e explícito. Ademais, adiciona o que faltou na atitude delas. Foi de que *podiam ter feito melhor*, se tivessem olhado além da ‘chatice’ dela de *sempre querer falar demais*. Aprenderam que as coisas humanas não são tão separadas assim; pelo contrário, são muito imbricadas. ‘Umás coisas’ são muitas outras, que aparentemente estão separadas, mas que compõem o todo do campo existencial. Isto não é percebido por um olhar desatento: é preciso parar para poder enxergar.

A descoberta foi de que aquela mulher não conseguia parar de falar, por causa de uma dor enorme que também ‘não parava de sangrar’. Na verdade, ela falava no afã de *parar* ‘o que não parava’... a dor no peito. No entanto, foi preciso o choque para que o essencial fosse visto.

***Mais humana, eu digo assim, porque as pessoas elas ... elas...às vezes, a gente...antipatiza uma pessoa por um...por um comportamento que ela tá tendo,... à toa, assim, a gente acha que é à toa, que ela é simplesmente chata, porque ela fala muito, ela é chata. Mas ela tá falando muito... por uma outra coisa, que ela tá sentindo, que ela tá sofrendo, que ela tava precisando falar. Então isso... eu acho que faz parte do ser humano e que a gente não tava... conseguindo enxergar. O grupo... todo tava achando, simplesmente, que ela era chata, porque ela falava muito, que ela era uma chata, uma tremenda chata. Inclusive a gente fazia assim: ‘Essa mulher é uma tremenda chata, fala demais e... pega o...o espaço dos outros’ e na verdade, não era, só isso. Ela não era... uma chata é... simplesmente, ela tava preciiisando falar, ela tava sofreeendo e ela morreu, inclusive, do coração. Foi uma... é, uma parada cardíaca e tudo,***

Parece que, desse momento em diante, vai ser possível oferecer continência à dor do outro. Como ficar ‘a mesma’, depois de tudo que foi vivido? A marca da diferença deixou suas pegadas...o desalojamento da situação promoveu a ‘outridade’. “ ***E...e... esse fato foi muito marcante, eu acredito que isso foi o mais marcante! A situação que mais... eu senti, que fugiu...o...***”. O que é que fugiu... o...

chão? O que é anunciado nesta fala, mas não é dito claramente, é, em seguida, definido com precisão: **“Depois dessa experiência,... ah! eu acho que... foi como se fosse um choque assim!”** E, em continuidade, a sua comunicação, vai descrevendo essa *diferença* que foi se processando na sua aprendizagem.

*e aí, eu acho que modificou muito a minha forma de ver e agora... quando eu vejo uma pessoa chata...(sorrindo) eu... procuro ver porque é que ela ta, ...é... porque... isso, né? Não é tão simples assim, né? A coisa é muito mais complexa, né, as questões humanas, né? Não é simplesmente ‘ser chato’,ah, então,... não precisa escutar essa mulher e colocar de lado. É sim, procurar compreender, o que gera, aquele comportamento. Aí, eu acho que isso... mudou muito, muito mesmo. A partir daí e agora, depois que... é... eu abri consultório...e já chegou gente assim também...,senhoras, principalmente, que precisam falar muito e... é isso mesmo, a gente tem que escutar e tem que apoiar e tem que... procurar compreender... aquilo, praaa ...a aquela pessoa achar uma saída... naquele... naquela dificuldade. E...e... esse fato foi muito marcante, eu acredito que isso foi o mais marcante! A situação que mais... eu senti, que fugiu...o... É como se, agora, eu soubesse que escutar uma pessoa humana, quer dizer, a escuta clínica, implica em algo muito mais complexo. E aí eu tou com uma escuta diferente nesse sentido,... Não sei se diferenciada. Desarrumou?*

*Depois dessa experiência,... ah! eu acho que... foi como se fosse um choque assim! A gente vê, a gente es...aprende na faculdade, estuda, lê, mas na prática a gente não tava fazendo aquilo ali . É muito diferente a teoria da prática. Quando a gente vê... se defronta com uma coisa assim, como foi, e aí, desarrumou mesmo aquilo. E eu ainda tava com... o pensamento ...é quando eu tava no consultório, é... não era, eu ainda não tava como uma terapeuta ... eu acho que a minha postura ainda não tava ... No consultório, não! Lá na clínica, aliás, eu não tava como.. uma postura ainda de terapeuta, não é? Lógico que a gente tem sempre que ir aprendendo, mas agora, é... depois disso..., eu...eu vejo que eu aprendi mais assim, de vê...de perceber a essência mais da pessoa, os*

**problemas mais da pessoa, o que ta... ta por trás, mesmo... ela mais completa. E que antes, não, eu tava com aquele... aquela... aquela coisa da relação... como se fosse fora do consultório e a escuta clínica tem que ser diferenciada, nesse sentido que você vê.**

Qual foi a descoberta? *Desarrumou* todas as idéias *essencialistas* e formadas, como *prontas* e *acabadas*? 'O pensamento desarrumou', sim, e a sua declaração é categórica. E desarrumou para poder perceber que a escuta clínica, ou a postura do terapeuta, como é dito por sua própria expressão, não é igual 'ao *jeito de se estar na vida*', de forma geral. É necessário muito mais para se escutar verdadeiramente alguém em todos os desdobramentos e com toda a densidade dramática da vivência humana.

***Eu pensava que escutava, como a gente escuta qualquer outra coisa, como numa mesa de bar, que você escuta, que você não está a fim, e aí você faz: 'lh, cala a boca, deixa de falar besteira!'. Então, não é assim... não é, não ia chegar de jeito nenhum e mandar a pessoa calar a boca, lá na clínica, mas talvez eu tivesse até com vontade mesmo, de mandar...(rindo).***

***É como se agora, eu tivesse vendo que tem nuances, ... filiгранas ...várias camadas, ... pra poder a gente chegar de fato ao que é que a pessoa ta...experimentando. . . Não é tão fácil assim, não éé, no momento, a pessoa tá dizendo uma coisa, mas tá sentindo outra e não sabe o que tá sentindo e tá sendo... desagradável de uma forma, porque tá... sofrendo de outra coisa e... acaba . . . e a gente não sabe, não é,... de cara a gente tem que ir...ir percebendo, tem que tá com a sensibilidade... tem que tá muito...muito aguçada. É isso aí, foi bom pra mim... (esta última frase foi dita em tom baixo, reflexivo).***

A espera é fundamental para o desdobrar da existência, mas, por outro lado, a espera inócua pode ser fatal. Não basta esperar, quando não se está conseguindo escutar o sentido do que está sendo dito. Esta espera sem

propósito, que não atende ao apelo do outro, aprofunda a dor. Parece que foi isto que aconteceu. Hoje, contudo, a sua compreensão é outra, impondo-lhe vários questionamentos.

*A gente tem que esperar. Parece que estou falando também do tempo, não é? Pra poder...ver o que é que vai se desdobrar. É..., eu acho que sim, porque não dá pra gente definir na hora que a gente vê... que essa pessoa é assim... diagnosticar... . Ela é isso ou é aquilo, eu acho que a gente tem que escutar mesmo e deixar as coisas acontecerem.*

*Nesse caso..., específico, que... aconteceu com a gente, eu achei que a gente esperou, talvez, demais e... a gente não...não viu, e eu fiquei preocupada, né?. Logo depois, eu disse 'será que ela precisava de um psiquiatra, de um ..., a gente não enxergou, a gente não viu...' porque como era um grupo...mas ela se destacava muito no grupo, ela sempre falava, sempre falava... Será que a gente não...não ouviu como era... pra ter ouvido?... E ela ... e a gente podia ter encaminhado, sabe? Eu fiquei assim, sem saber se a gente poderia ter encaminhado, naquele momento, ... se a gente tivesse escutado... mais... ela, se a gente teria encaminhado logo... pra... pra um psiquiatra passar alguma medicação, não sei ... isso me veio... se a gente tivesse se dado conta, não é, do que é que ela tava... da dor que ela tava vivendo, não é,...é, exatamente, nesse sentido que tou dizendo.*

Vem, novamente, a lembrança da rejeição que sentiram pela mulher e o sentimento de culpa aflora, com todo o seu peso. Seria a preocupação com "(...) o *filhinho dela como é que ta, não sei...*", expressa no final do seu desabafo, reveladora de uma necessidade de expiar esta culpa? Penso que podemos aludir ao pensamento heideggeriano, quando nos evidencia que o homem é um ser que se *ocupa* e se *preocupa*. Ocupamo-nos para diminuir nossa dor, não é isto, que nós humanos fazemos? Ocupamo-nos para não enxergar o que é difícil de ser visto. Preocupamo-nos, na nossa cotidianidade reasseguradora, para poder viver.

Mas, ao mesmo tempo, desde sempre o nosso ser se angustia, ou seja, se desaloja dos seus próprios reassuramentos.

Penso que viver esta experiência foi, para aquelas meninas, *desvelador* da vulnerabilidade da vida e, ao mesmo tempo, *velador* desta mesma verdade. Por quê não é assim com a *verdade experiencial*? 'Vela'-se e 'desvela'-se indefinitivamente. Vem a angústia desalojadora (reveladora?) e, depois, continua-se com a 'ocupação', encobridora e, por isto mesmo, reassuradora.

***E não a gente..., a gente...a gente rejeitou um pouco aquela mulher, todo mundo, era uma coisa que...era um sentimento de todo mundo. A gente, no começo, a gente não falava uma pra outra, mas depois... quando uma falou, aí todo mundo, 'É isso mesmo', ai..., a gente entrou, assim mesmo, num consenso que era um sentimento de todo mundo ... que todo mundo... (em tom mais baixo)... era uma pessoa difícil de se ouvir porque cansava, era cansativa, demais. (em tom enfático e ao mesmo tempo revelando desânimo.) E aí... a gente sempre brin... ficou brincando e tudo e... quando aconteceu isso, aí todo mundo se sentiu culpado..., todo mundo. (este final, falou em tom baixo). E aí, até depois, a gente...e aí me vem...é, muitas vezes eu me lembro dela. Dela, do filho, como é que tá, né, a gente... o filhinho dela como é que tá, não sei... se ele continuou, não sei, como é que tá. Até tenho vontade de... procurar saber, mas aí, eu digo não, acho que não...não...(em tom baixo como se falasse consigo mesma) talvez não faça parte mais. Eu não sou mais de lá, né, fico achando que não...não cabe, mas eu me preocupo, me preocupei muitas vezes com...com a criança.***

Terminado o trabalho gratificante, mas ao mesmo tempo exaustivo, de elaborar as análises das minhas interlocutoras, passo, em seguida, às primícias da formação de um texto final, que dê conta, de dar como acabado, o trabalho proposto nesta pesquisa.

Alerto o leitor, entretanto, da impossibilidade da execução de uma tarefa de concluir algo que ‘se abre’, no momento mesmo, em que ‘se fecha’, pois “(...) *fica sempre uma dúvida, (...)*”, conforme nos ensina Fernando Pessoa.

Passemos, então, para as minhas in (con) clusões.

## VI. POSSIBILIDADES ATUAIS DO DIZER

O que me cabe ousar dizer, ao fim de todo este trabalho? Quais seriam as reais possibilidades da minha fala atual? O que pode ser dito, depois de todos os acontecimentos que atravessaram e constituíram, a mim e ao meu trabalho de pesquisa?

Em considerações preliminares, desejo retomar as diretrizes desta dissertação e lembrar que o *eixo desta pesquisa foi a minha experiência pessoal nos grupões*. O começo das minhas primeiras experiências nos Grandes Grupos Centrados na Pessoa foi, também, o início do meu *descentramento*. Foi lá que começou o meu 'primeiro' *estranhamento*. E, a partir daquele instante, *me descobri*, sucessivamente, 'não cabendo mais na minha própria pele'. Como reconstruir um novo corpo? Como é possível se desalojar e se sentir 'fazendo' experiências, na medida da transformação sofrida? Refiro-me não só ao 'corpo' das minhas antigas idéias sobre o humano e sobre a vida, assim como aos construtos centrais de uma teoria que me constituiu, ao longo de muitos anos e na aprendizagem das atitudes básicas sobre as relações humanas. Reconheço em Rogers uma fundamental influência no desenvolvimento da minha capacidade de *acolher o outro na sua singularidade*. Acredito ser esta a maior contribuição que dele recebi, participando das experiências desenvolvidas com inspiração nos seus princípios teóricos. E, é este o maior legado na minha formação de psicoterapeuta, professora e ser humano, que ensinou criar possibilidades múltiplas nas minhas relações comigo mesmo e com os demais.

Carl Rogers foi, ao longo de toda uma existência dedicada às práticas clínicas, às pesquisas e ao favorecimento das relações humanas, um autor singular. Apostou, permanentemente, na capacidade de o ser humano de expandir as suas possibilidades experienciais criando novos modos de existência. Acreditava que para o favorecimento desta expansão eram necessárias e

suficientes mudanças atitudinais. Foi, então, com ênfase nas atitudes que sublinhavam o reconhecimento do outro e no clima facilitador para aquela expansão, que Rogers pautou todo o seu trabalho. Mostrou ele que a grande carência do ser humano é ser visto e reconhecido como digno de confiança e respeito. Ser reconhecido como um outro e ser confirmado nas suas diferenças seriam suficientes para possibilitar, ao sujeito humano, o desenvolvimento da responsabilidade de autogerir-se. Destacar esta questão foi fundamental na época em que Rogers a pôs em prática, rompendo com a tradição das visões psicológicas predominantes. A perspectiva humanista, ao privilegiar o conhecimento no processo intersubjetivo do inter-relacionamento, buscava resgatar o modo de ser próprio do humano, visando um saber mais abrangente do que unicamente o saber teórico, objetivo e lógico.

As contribuições rogerianas para o entendimento e favorecimento das relações humanas somaram-se a outras, que, ao longo de décadas, colaboraram para permear idéias e promover mudanças, que, por sua vez, acrescidas a numerosos acontecimentos existenciais, desembocaram no cenário subjetivo contemporâneo.

Acompanhar o percurso da vida de Rogers e das suas elaborações dá-nos bem a medida de alguém que pautou toda a sua existência na crença de que a mudança era a única coisa certa. A vida é um processo - ensinava ele - não só dizendo, mas praticando e vivendo este processo, sempre aberto aos novos fatos que o exercício da prática apontava às suas construções teóricas. No entanto, como todo ser humano, ficou circunscrito e influenciado pelo tempo histórico em que viveu. Pensador do Século XX, Rogers é filho dos ideais da Modernidade que colocam o homem no centro do universo, como senhor absoluto, sem limites à pretensão de tudo conhecer. No despontar do novo século, deparamo-nos com novas configurações que denunciam a falência dessas crenças absolutas. Na última década da sua vida, ao partir para os trabalhos com grandes grupos, em experiências intensivas de uma ou duas semanas, Rogers começou a descortinar

um mundo de múltiplos e complexos fenômenos. Os seus últimos escritos são reveladores da gênese de novas reflexões. Fatos novos estavam pondo questões à teoria. Infelizmente, não houve tempo para Rogers elaborar construtos que dessem conta da irrupção desses novos elementos. Nem sei, se seria possível para ele, sair das idéias metafísicas da sua concepção de natureza humana e compreender o *descentramento* que as vivências grupais estavam demandando.

Autores contemporâneos indicam-nos que o processo da vida implica na 'não identidade' consigo mesmo, pois a aventura existencial determina a 'diferença' ou 'o outro' de 'si mesmo', ao mesmo tempo em que contém o reconhecimento da tradição que nos garante a permanência, o lado avesso, fundamental e fundante desse mesmo processo. Ser o outro de si mesmo e conservar os traços identitários, parece-nos, hoje, a leitura própria da subjetividade e a aprendizagem essencial do ser humano. Aprender, principalmente, as lógicas da inclusão e do múltiplo, onde não existem um ou outro, mas todos e muitos.

A inquietação de Carl Rogers era permanente de sempre buscar novos conhecimentos a partir dos fenômenos observados. Cumpre-nos fazer jus a esse legado. No destino dos herdeiros não cabe, simplesmente, a repetição dos passos de quem se herdou, mas a coragem de 'se fazer diferente' e de 'fazer diferente' para que a vida continue. Reconhecer o legado da tradição é reconhecer as estruturas básicas que nos sustentam e que criam as chances para o acolhimento de pensamentos outros que nos transformam sem causar destruição.

Assente em tais premissas, e terminado o processo investigativo, que respostas pude obter para a sua questão central do que seriam as 'experiências desalojadoras' e quais seriam as eventuais virtudes clínicas de se viver experiências dessa ordem? O desenvolvimento da escuta clínica implica em sermos afetados por experiências desalojadoras: esta é uma 'verdade' que se

afigura. É necessária a transformação para podermos possibilitar o processo existencial na sua força criadora.

*O que havia mais que fizesse Ana se aprumar em desconfiança? Alguma coisa intranqüila estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava chicletes...(...) Ele mastigava goma na escuridão. Sem sofrimento, com os olhos abertos.(...) Ana olhava. (...) – o bonde deu uma arrancada súbita jogando-a desprevenida para trás, (...).*

*(...) O bonde se sacudia nos trilhos e o cego mascarando goma ficara atrás para sempre. Mas o mal estava feito.*

*(...) A rede perdera o sentido e estar num bonde era um fio partido; não sabia o que fazer com as compras no colo. (...) Expulsa de seus próprios dias, parecia-lhe que as pessoas na rua eram periclitantes, (...). Perceber uma ausência de lei foi tão súbito que Ana se agarrou ao banco da frente, como se pudesse cair do bonde, (...). Um cego mascarando chicletes mergulhara o mundo em escura sofreguidão.(...)(LISPECTOR, 1998, p.21, 22, 23).*

Os poetas são os sábios do pensamento humano que, através das suas metáforas que é a medida da veracidade humana, se apresentam sempre que nos faltam as palavras, permitindo assim que as múltiplas verdades sejam descortinadas.

Desenvolver a escuta clínica implica em passar por experiências como as vividas nos Grandes Grupos Intensivos que, de forma contundente, poderão nos levar ao confronto com experiências incontornáveis e fundamentais para o devir humano no contraponto do reconhecimento do limite do viver.

*Realmente participar dos encontros causa mudanças. Senti isso quando fui para o Fórum no RS e agora volto a sentir mais forte. (...) Tanta coisa aconteceu (...) que eu, ao chegar em casa, não sabia direito onde era o meu quarto, achava estranha a minha casa, os meus objetos. A sensação primeira foi de vazio, algo faltava, teria sido perdido?... Depois vem a sensação de*

*reconhecimento (do quarto, dos objetos, dos espaços) e percebi que poderia estar me reencontrando, ou, quem sabe, me encontrando.*<sup>35</sup>

Intensas e múltiplas experiências são vividas e partilhadas, muito mais do que podemos nos dar conta. “O que, por sua vez, me fizera pensar se na verdade ela não me dissera mais do que nós duas percebêramos. (LISPECTOR, 1992, p.125). Muitas coisas são ditas e ouvidas sem que possamos apreender e sem que possamos avaliar as transformações que se processarão. Ganhos e perdas se sucedem. “Os momentos mais mobilizadores dos grupos vinham à minha mente como flashes. Será que tinha vivido aquilo mesmo? Perguntava-me “. <sup>36</sup>

Cria-se, em muito pouco tempo, um nível de intimidade difícil de ser compartilhada na vida cotidiana. Uma peculiar rede de afetos é subliminarmente tecida. A maioria das pessoas, apesar de se encontrar durante muitos anos, e em vários encontros dessa ordem, e viver neles relações profundas, dificilmente consegue manter algo equivalente no cotidiano de suas vidas. Isto porque nesses encontros

*(...) as relações primordiais não se tecem entre pessoas, mas entre circuitos afetivos que ora se enfrentam, ora se espelham; vivências de dor e de alegria que explodem e se multiplicam em formas singulares; forças que ora se condensam, ganham potência e rompem prisões simbólicas, ora se deslocam por todo espaço grupal, como mãos energéticas acolhendo e sustentando as emoções mais viscerais. (NAFFAH NETO, 1994, p.103).*

Foram experiências semelhantes a essas que me fizeram perceber fenômenos e apreendê-los que ‘não cabiam’ mais na teoria. Na verdade, a teoria ‘não dava conta’ de descrever fenômenos daquela natureza. “Algumas coisas foram boas (mesmos tendo sido dolorosas), mas outras coisas me fizeram questionar sobre uma possível dicotomia entre nossa teoria e nossa prática (principalmente de vida).

---

<sup>35</sup>Texto apresentado, via Internet, por uma participante após a sua experiência num Grande Grupo Intensivo, maio, 1999.

<sup>36</sup>Ibidem nota anterior.

*Choquei-me sim com as atitudes violentas*”.<sup>37</sup> Na verdade, o que quero afirmar é que as vivências grupais, tanto as dos Grandes Grupos Intensivos, quanto à do atendimento do Serviço do Psicodiagnóstico Interventivo para Pais e Crianças, campos dos quais parti para olhar as situações desalojadoras, ensejam complexas situações de aprendizagens por apresentarem configurações de outra ordem, que não são encontradas nas formas individuais, nem os construtos teóricos conseguem responder satisfatoriamente.

Contudo, é preciso lembrar que, apesar da organização grupal oferecer um campo propício para experiências complexas e múltiplas, vimos que o próprio processo existencial, por si só, oferece situações desalojadoras que vão propiciar transformações. É o que podemos verificar no relato da minha primeira interlocutora. Nas demais, o cenário grupal foi o detonador das transformações advindas, apresentando, no depoimento da segunda entrevistada, a peculiaridade de ser, também, o palco no qual tudo se desenrolou.

Retomando todo este material, podemos iniciar afirmando que todas as minhas entrevistadas tiveram como eixo das suas narrativas *experiências desalojadoras*, ou melhor, se referem a situações que, pelo inesperado e pela estranheza, foram ameaçadoras às suas integridades subjetivas. Todas se referem a momentos de espantos, sustos, choques, quando se sentiram diante do indeterminado, do *‘estranhamento’*.

Dos seus depoimentos, como era de se esperar, é possível identificar as lógicas representacionais e as identidades impermeáveis, sob as quais todos nós, filhos e herdeiros da Modernidade, fomos ensinados a pensar. Pode-se dizer que esses ideais, de uma forma ou de outra, passaram a ser questionados com base na desestabilização que as suas existências sofreram, deixando de serem vistos como conceitos absolutos.

---

<sup>37</sup>Texto apresentado, via Internet, por uma participante após a sua experiência num Grande Grupo Intensivo, maio, 1999.

Entendo que a constituição do sujeito humano, atravessada pela alteridade de si e do outro, determinou mudanças perceptuais, apontando para a questão do desalojamento como constitutivo do ser humano.

Quando, no entanto, foi possível a reconstrução e quando a destruição foi inevitável?

Todas as entrevistadas referem-se a aprendizagens significativas, no sentido de que, após 'o abalo sofrido' foi possível para elas se reorganizarem e prosseguirem no processo de desenvolvimento de suas vidas. A primeira delas relata-nos uma experiência muito mobilizadora, em que, por morte, perdeu uma sobrinha muito querida. Na sua narrativa, ela nos conta que quando vinha a idéia de que a sobrinha podia não ficar boa, que ela podia morrer, lhe invadia uma angústia tão imensa que se tornava insurpotável. Penso que, neste momento, a minha interlocutora vivia a insuportabilidade da prefiguração do impensável, do inominável, do irrepresentável. A sua crença, de que sua identidade era una e impermeável, estava ameaçada. Em circunstâncias semelhantes há o perigo de desintegração do eu.

Mas, como foi que se deu o confronto com as incertezas e com o estranhamento de si mesmo, sem desintegrar o eu?

O quê esta interlocutora revela de como foi ver se 'desmancharem' suas certezas? Que efeitos, esses acontecimentos, tiveram na sua subjetividade? Ao relatar a sua experiência, posterior ao fato de que 'a menina morreu', conta ter tido a sensação de 'ter sido estuprada', de 'ter perdido a inocência', 'ter perdido a unidade'. Sensação de desintegração? De não ser mais a mesma? Diz que, na atualidade, pode perceber o ganho que obteve na vida, mas, na ocasião do acontecido, se achava 'borrada', 'feia', 'suja' e capaz de 'macular as pessoas' com sua sujeira. Não ser mais 'una' podia significar destruir os demais? Foi necessário superar o estado de só lastimar, para que a diferença fosse feita. Diferença que

representou descobrir que a condição humana é dolorosa, mas não é feia. Como foi que se deu esse salto qualitativo? Parece que não há resposta certa e segura. No seu relato, ela apenas menciona como aconteceu, não nos conta o que foi que possibilitou alcançar esse novo entendimento.

Lançando mão do pensamento heideggeriano, podemos encontrar 'luzes' que nos ajudem a compreender. Vimos com essas idéias, que o *mundo* é uma dimensão constitutiva do próprio homem. O homem é o seu mundo, na medida que o mundo faz parte do seu próprio ser. Baseada nestas premissas, poderíamos aventar que, com o 'mundo perdido' na prefiguração da morte, perde-se, também, o próprio ser. Por outra via, contudo, poderia esse 'mundo destruído' ser pensado, também, como constitutivo do ser? As lembranças da filosofia da finitude, que aprendemos, especialmente com Heidegger, permitem-nos dizer, que o homem é *projeto*, *possibilidade* e *abertura*, e que a existência se coloca como alternativa que se mostra como tendência constitutiva de "*salvar-se*" ou "*perder-se*", a cada momento. Será que daí poderíamos pensar que a constituição humana se desenrola neste lugar de tensão permanente *entre* os dois pólos, o da 'perdição' e o da 'salvação'? As crenças comuns e cotidianas são básicas e fundamentais, pois é a partir delas e contra elas que poderemos cumprir o ofício da existência e, por isto mesmo, representam o lugar seguro de 'se viver a vida'. O que desinstala é a angústia, pois é através dela que é possível a revelação de "*como se está*". Na angústia, o homem é retirado do lugar comum, em que na maior parte do tempo se coloca e é singularizado. Ser singular é, ao mesmo tempo, sentir-se *estranho*. Com a angústia, há um desconhecimento do si mesmo e dos espaços familiares.

Voltando ao depoimento dessa primeira entrevista, acredito poder relacionar as suas idéias e retomar à minha última questão posta acima, quando pergunto se 'mundo destruído' poderia ser pensado como constitutivo do ser. Num determinado momento da sua narrativa, ela faz alusão de que 'desceu ao inferno', quando foi acometida do desespero de encontrar-se diante do *nada* ou do *caos* absoluto. Estado este em que as referências anteriores são perdidas e perde-se a capacidade de qualquer entendimento. Mas, tanto a idéia do 'nada'

como a de 'caos' pode, à luz da analítica da finitude, serem interpretadas diferentemente, não mais como 'lugar nenhum' ou 'confusão completa', mas como um campo de possibilidades, no qual se manifestarão todas as configurações possíveis. Este outro sentido advém da idéia heideggeriana de '*campo de possibilidades*', a partir de onde os *entes* emergem, e para o qual tornam a se encobrir, indefinidamente, em novas configurações. Então, ter podido experimentar 'descer ao inferno', ter podido experimentar esse 'profundo sofrimento' de estar diante do 'abismo', criou a possibilidade de vivenciar a *abertura* da existência humana. Essa experiência permitiu, também, o desenvolvimento da confiança no desenrolar das 'forças da vida', aprendeu a esperar que as coisas 'aconteçam'. Só, então, foi possível 'estar junto com o outro', numa disponibilidade de escuta que se desdobra no tempo e com o tempo.

Para quem experimentou a sua própria vulnerabilidade, as possibilidades únicas foram abolidas. Foi possível um salto qualitativo, na proporção em que, agora, pode distinguir entre o que é da dimensão da dor e o que é da dimensão estética. A sua constatação é de que o que causa sofrimento não é feio, mas, por outro lado, é muito ruim. O limite da condição humana causa muita dor e esse '*sofrimento ensinou-lhe a se compadecer da dor alheia*'. Além do mais, permitiu-lhe desenvolver uma sensibilidade que lhe faz distinguir as filigranas da dor humana, na medida em que pôde experimentá-las na própria carne. Acredito poder afirmar que a minha interlocutora teve uma experiência ética. Pensando em termos heideggerianos, acho que a sua experiência foi, de fato, um *acontecimento*. Permitiu-lhe transmutação que lhe 'caíram na cabeça', fazendo-lhe 'outra'. O seu depoimento pode ser interpretado como um testemunho em defesa do reconhecimento e do acolhimento do sofrimento humano. É preciso não 'fazer de conta' que não dói, é preciso reconhecer a própria angústia e sofrimento para que possamos ser companheiros de nós mesmos. Não é possível '*dar conta*' da vida, sem este acolhimento. Não se pode continuar 'a mesma', depois de experimentar a *grande dor* da finitude e vulnerabilidade humanas. Não se pode continuar preso à valores ínfimos, quando se descobriu que a vida se esgota a

cada minuto e que cada momento pode ser o último. Urge a solidariedade, consigo mesmo e com os demais, no afã de potencializar a vida e minimizar a grande solidão humana. Descobrir a verdade da condição humana, que se esgota no tempo, da forma contundente como foi experimentada, possibilitou uma real mudança de sua postura diante da vida. No final da sua fala, reafirmou a sua conclusão, mas acrescentou o seu contraponto de que não existe garantia nenhuma.

O que o sujeito humano necessita obter para suportar as desintegrações eventuais promovidas por experiências desalojadoras?

Esta questão obriga-nos a ‘lançar mão’ da tessitura teórica que desenvolvemos, no corpo desta dissertação, a respeito da concepção de processo maturacional de Winnicott para explicar o crescimento humano. Para esse autor, o ser humano é compreendido *sendo*, e nesta medida, guiado pela necessidade de *continuar a ser*, e ser, especialmente, um *self* independente. A idéia de Winnicott sobre o desenvolvimento humano enfoca primordialmente a relação dual mãe/bebê. Devido à imaturidade própria do ser humano no início da vida, a mãe representa, através dos cuidados oferecidos ao seu filho, o suporte fundamental para a sua maturação bio-psico-social. A experiência do bebê, nos seus primórdios, é de total dependência da mãe sem nenhuma noção de identidade. Posteriormente, o bebê se separa da mãe, condição indispensável para adquirir um senso de independência e de liberdade pessoal. Esse processo implica em que o sujeito humano se mantenha, permanentemente, *entre* o ‘ir’ o ‘vir’. São essas as condições para que sejam desenvolvidas estruturas psíquicas capazes de suportar os ‘deslocamentos’ do processo de viver.

Na esteira da rememoração dos ensinamentos de Winnicott, sobre o psiquismo humano, recordo Lia Luft através dos personagens centrais do seu livro “Reunião de Família”, que tivemos oportunidade de analisar. Nesta obra literária, sua autora esmiúça o drama do viver humano. Os conflitos expressos encerram a tragédia do homem em viver, na tensão permanente entre necessitar do amparo

do cotidiano reasssegurador e precisar romper com o familiar para possibilitar o *outro* que se é.

Poderíamos dizer que estas reflexões responderiam à minha questão, antes posta, de que a constituição da existência humana se desenrola nesse lugar intermediário de tensão permanente *entre* dois pólos: o de 'perder-se' e o de 'salvar-se'.

O mais importante nesta rememoração do pensamento winnicottiano é reconsiderar que a 'tendência à permanência' é a que vai dar as condições para que o rompimento, ao invés de provocar a desarticulação da personalidade, constitua um degrau para o desenvolvimento. Para este autor, voltar ao pai e à mãe ou voltar ao princípio são a origem de todos os deslocamentos. Portanto, sem ter tido raízes, sem ter tido chão, sem ter 'se sentido em casa', não é possível ao homem 'se perder' e 'se achar'. As colocações winnicottianas evidenciam que a estrutura familiar estará oferecendo uma certa garantia para o acontecimento humano se processar, em sua dupla face de dependência/independência. Na verdade, esta dupla face se traduz pelo movimento pendular da existência humana entre 'o ir' e 'o vir', de diferenciação e de retorno ao campo do compartilhado. Este trânsito é garantido, na medida em que o sujeito está livre para ir cada vez mais longe, mas sabendo que pode retornar, pois, mesmo no campo da singularidade, os elos não foram perdidos. Assim como, no campo do compartilhado, algo de incomunicável permanece preservado. O que podemos concluir, a partir dos ensinamentos winnicottianos, é que o conflito de ambos os impulsos é quem vai permitir que o sujeito se 'afaste' e 'volte' com segurança ao centro ou ao seu início.

É possível aventar que o campo do compartilhado pode ser pensado, também, como o lugar do desalojamento?

É a relação intersubjetiva, no contexto da relação grupal, que amplia a capacidade humana de vivências e de descobertas sobre os acontecimentos humanos. Sob este aspecto, uma vida, por si só, não oferece essa chance de experiências. É preciso partilhar com outros que, nas suas diferenças, poderão nos anunciar essas verdades. É o que podemos deduzir da esfuziante alegria da minha segunda entrevistada desta pesquisa, quando faz a constatação da sua descoberta, ao enfatizar a vivência grupal como um lugar ímpar para a aprendizagem das diferenças, da multiplicidade e dos limites do ser humano. É a relação intersubjetiva, no contexto da relação grupal, que amplia a capacidade humana de vivências e de descobertas sobre os acontecimentos humanos, sublinha a minha interlocutora. O seu relato enfoca a descoberta feita, durante uma vivência grupal, de que nada poderia ser feito para impedir que um filho seu pudesse morrer: “*não tem vacina*”, dizia ela. O terror desta verdade teve como consequência a *descoberta* da finitude humana. Pode-se deduzir que perder a ilusão, “*(...) do controle (...)*” leva o ser humano a entrar em contato com a verdadeira realidade da vida humana: ‘o limite e a vulnerabilidade do viver’. Na sua história, sobre este aspecto da experiência vivida, a minha entrevistada narra o terror que o contato com esta verdade demanda. No entanto, diante do fato de não ter outra saída, senão admitir esta revelação aterradora, é possível reconhecer como “*mais um elemento da vida*” e que nova constituição existencial foi formada no contato com a verdade descoberta.

No continuar das suas idéias, enquanto tentava se questionar sobre a repercussão que este reconhecimento aterrador teve na sua escuta clínica, apontou para a relação direta desta revelação com a perda das ilusões enganadoras. Pode ser a coisa pior que pode nos acontecer, dizia ela, descobrir que um ente amado pode escapar da nossa proteção e literalmente morrer, mas parece que não tem outro jeito, a não ser enfrentar o fato. Ao contar-nos sobre as consequências no seu fazer clínico destas aprendizagens, iniciou dizendo que ‘saber’ sobre a verdade da condição humana lhe permitiu escutar o outro “*mais humana*”, ou seja, mais imbuída da verdade sobre a *vulnerabilidade* da realidade

humana. E, continuou ampliando as suas reflexões sobre a percepção do limite da condição humana, quando acrescenta o quanto às vivências grupais ensejam a descoberta desses limites, ao permitir o contato com o múltiplo. Ao mesmo tempo, contudo, fez a conclusão: essas mesmas vivências possibilitam o reconhecimento da própria complexidade. Constatou que os conceitos teóricos podem ser totalmente vazios de sentido quando são mecanicamente utilizados, sem estarem em relação direta com o *desvelamento* da vida na existência vivida. Na continuação da sua narrativa, ela é categórica ao afirmar que, ao mesmo tempo, se experimenta a finitude, se experimenta a multiplicidade e a complexidade. Na verdade, se experimenta o paradoxo da condição humana, de ‘tudo’ poder e ‘nada’ poder.

Retomando a questão deixada em aberto logo acima, arrisco-me na assertiva de que foi no espaço do compartilhado, ou seja, no espaço grupal que a angústia ‘rasgou o véu’ do encobrimento enganador e mostrou, à minha interlocutora, que *não tem vacina*. Conjeturo que, novamente, aqui é colocada a questão do espaço intermediário em que se desenrola o drama da existência humana.

Em prosseguimento, parto para pensar sobre o que a minha terceira entrevistada me conta, ao iniciar o seu depoimento. Reconheço, nas suas primeiras colocações, a denúncia da situação desalojadora em que ela e suas demais companheiras de equipe se encontravam. Aqueles questionamentos nos põem em contato com as questões impostas pelo ‘susto’ e estranhamento instalado na situação costumeira. Relembrando a minha própria narrativa, indago: não foi assim também comigo? Àquela altura, questionara: “*O que era tudo aquilo, meu Deus??!! O que aquele homem estava querendo dizer?*” A minha interlocutora foi encontrando possibilidades de respostas, na medida em que encontrou apoio nas demais participantes da equipe de monitoras. O desalojamento, ao empurrar-nos para a ‘falta de chão’, move-nos, em seguida, para a busca de outras referências que venham substituir as perdidas. ‘Olhar para os lados’, depois desse abalo

tremendo e perceber que não se está só, é no mínimo reconfortante, criando as condições para novas organizações. Voltando ao meu depoimento, recordo que fazia àquelas perguntas, numa tentativa vã de restabelecer o meu entendimento e na proporção que o medo foi se apoderando de mim. *“Temia ser destruída. Precisava me proteger. Lembro-me que meu olhar desesperado procurou, entre aquelas pessoas presentes, alguém das minhas relações de intimidade, a quem eu pudesse recorrer para sentir-me protegida”*. Precisei, assim como ela, sentir que estava ‘abrigada’ contra os terrores ameaçadores. Foi possível, tanto no meu caso como no dela, ‘voltar ao centro’.

Em relação à contribuição que esta experiência teve no desenvolvimento da sua escuta clínica, a resposta da minha interlocutora é bastante direta: *sentiu-se mais segura*. Depois de viver tudo aquilo, se pode ‘saber’ que é possível encontrar outros caminhos. Algo se transforma quando uma experiência ‘cai sobre nós’. Mudanças subjetivas se operam. Aludo, aqui, à noção de experiência como *acontecimento*, como aquilo que ‘cai sobre nós’ e ‘nos faz outro’. Não foi desta maneira que eu me senti após as minhas próprias experiências nos Grandes Grupos? *“Sentia como se os ‘canais internos’ tivessem sido acrescidos de outros, ou melhor, havia mais espaços interiores e maiores possibilidades de movimentação”*.

O relato desta minha interlocutora impõe questões: Como lidar com o estranho, em nós e fora de nós? Como lidar com este estranho? As ameaças, a serem contornadas, são muitas. Poder-se-ia aventar que a confiança adquirida na própria capacidade de enfrentar situações inesperadas advém do fato de ‘se saber’, agora, dos ‘outros’ que habitam o ‘si mesmo’? Na continuação do seu depoimento, pode-se aferir que o fato de ter sido vivido em conjunto, com pessoas em quem pode confiar, ajudou a encontrar as respostas. É interessante observar que, ao tentar encontrar a expressão que melhor exprimisse o sentimento vivido do encontro de apoio mútuo, usa a palavra segurança. *“Dá segurança, tipo assim, se eu não estiver conseguindo tem outra pra ajudar (...)”*.

Penso que, de fato, ‘desalojar-se’, encontrar suporte nos companheiros e descobrir que pode encontrar respostas para a situação inesperada, deram-lhe as seguranças para enfrentar novos desafios. De alguma maneira, já se ‘sabe’, na medida em que anteriormente algo aconteceu. Melhor dizendo, uma vez que se desenvolveu recurso externo e interno, é possível confiar que se pode, novas configurações são construídas. Finalmente, terminou suas declarações fazendo uma apologia da aprendizagem que obteve com a experiência. Refere-se a contundência da situação grupal, que implica em dimensões mais intensas, envolvendo o sujeito numa maior abrangência. Todos os sentidos são requisitados, obrigando-se a um nível de participação da ordem de uma maior complexidade, o que resulta em mudanças proporcionais e mais velozes. *Mesmo considerando as variáveis das constituições psíquicas que reagem diferentemente e levam tempo nas elaborações das mudanças sofridas.*<sup>38</sup> Acredito que se pode dizer que a sua comunicação é reveladora da complementaridade de todas as coisas, além da complexidade e da multiplicidade.

A minha quarta entrevistada diz que viver a experiência de desalojamento a fez perceber que “*para escutar com o sentimento*” era necessário ir além da queixa e escutar, nos meandros da fala, o que pode se constituir como novo. Em seguida, sua declaração é mais convincente em defesa dessa escuta diferenciada, que é a escuta clínica. Quando é possível essa escuta se processar, as intervenções adequadas podem ocorrer.

Abro um parêntese para efetuar algumas considerações teóricas que o depoimento dessa interlocutora provocou. As intervenções clínicas podem revelar ao cliente a sua própria fala, *desocultando* o que está encoberto, dando *sentido*. Clínica, do ponto de vista da Ciência Humanas, envolve uma atitude filosófica de ‘desvelamento’ do *sentido da palavra humana*. Colocar o problema do *sentido* implica em afirmar que *nem toda compreensão psicológica é direta*. Compreender

---

<sup>38</sup> Consideração acrescida, após observações efetuadas por Zeferino Rocha, por ocasião da Pré-banca desta Dissertação, em 28 de dezembro de 2000.

um comportamento ou uma fala não significa apenas registrar expressões, mas, sobretudo, perceber um sentido pelo qual o outro se *revela* e *existe*. O outro jamais é apreendido diretamente, porque não pode ser reduzido à soma de suas expressões ou de seus sintomas. A subjetividade do outro só será revelada no processo de *desvelamento* do sentido da palavra humana. Antes de se constituir um *ente* como outro qualquer, o homem é um *existente* que se constrói constantemente por sua *pre-sença* no mundo: é um ser histórico, em devir, que sempre se coloca em questão. A clínica, para se fazer psicológica, precisa ver em cada um dos atos humanos uma presença que se engaja e que se realiza a partir dos diferentes momentos que a constituem; precisa, finalmente, *apreender* o sentido dos atos humanos como presença engajada no mundo.

Feitas estas reflexões que me pareceram pertinentes para o aprofundamento da discussão clínica, retomo o depoimento da minha quarta entrevistada. Na tentativa de diferenciar o que causou maior dor, ela chama a atenção, principalmente, quando acrescenta "(...)... *foi dolorida pela morte e foi dolorida porque... me perturbou*". O que está sendo anunciado na ênfase que dá à palavra *perturbou*? O que de fato perturbou? Perturbou a morte, a causa da morte ou porque não se deram conta da dor daquela mulher? Penso que não é possível separar. As suas colocações apontam para todos esses fatores, mas é muito forte descobrir que, literalmente, 'dor de amor mata'. Na seqüência, refere-se, mais uma vez, à importância de que aquela fala, *que se repetia tanto*, teria que ter sido escutada. Com essa possibilidade em pauta, haveria a outra, de que a fatalidade pudesse ter sido evitada. Nunca se saberá! Uma coisa podemos conjecturar: talvez fosse possível fazer 'parar de sangrar a ferida no peito'.

Com a narrativa da minha quinta entrevistada, obtenho uma interlocução significativa. Logo no seu início, reconhece que a culpa não foi delas, porque a mulher morreu. Entretanto, é muito direta e explícita ao identificar o que faltou na atitude delas. 'Podiam ter feito melhor', se tivessem olhado além da 'chatices' dela,

de 'sempre querer falar e falar sempre a mesma coisa'. Os acontecimentos humanos são muito imbricados, é o que podemos deduzir das suas palavras. 'Uma coisa' não é só uma coisa, são muitas outras, que aparentemente estão separadas, mas que compõem o todo do campo existencial. A descoberta foi de que aquela mulher não conseguia parar de falar, por causa de uma dor enorme que 'não parava de sangrar'. Na verdade, ela falava no afã de *parar* 'o que não parava'... a dor no peito. Contudo, essa compreensão só foi obtida, após o choque sofrido. "*Ela não era... uma chata... ela morreu (...)*". Parece que o *desalojamento* foi favorecedor para o desenvolvimento da capacidade de oferecer continência à dor do outro. Como ficar 'a mesma', depois de tudo que foi vivido? A marca da diferença deixou suas pegadas...o desalojamento da situação promoveu a 'outridade'. E, em continuidade, a sua comunicação vai descrevendo essa *diferença*, que foi se processando na sua aprendizagem. "*É muito diferente a teoria da prática. Quando a gente vê... se defronta com uma coisa assim, como foi, e aí, desarrumou mesmo (...)*". Qual foi a descoberta? *Desarrumou* todas as idéias *essencialistas* e creditadas, como *prontas* e *acabadas*? 'O pensamento *desarrumou*', a sua declaração é categórica. E *desarrumou* para poder perceber que a escuta clínica, ou a postura do terapeuta, como é dito por sua própria expressão, não é igual "*ao jeito de se estar na vida*". É necessário *mais*, para se escutar verdadeiramente alguém, com todas as filigranas e com toda a densidade dramática da vivência humana. Deduzo das suas afirmativas que a espera é fundamental para o desdobrar da existência, mas, por outro lado, a espera inócua pode ser fatal. Não basta esperar, quando não se está conseguindo escutar verdadeiramente, ou seja, quando não se consegue escutar *o sentido do que está sendo dito*. Esta espera sem propósito, que não atende ao apelo do outro, aprofunda a dor. Parece que foi isto que aconteceu.

Na sua descrição é possível apreender a culpa pela rejeição que sentiram pela mulher, que ao falar ocupava o tempo do grupo. Ao final, demonstra uma preocupação com o filho da mulher morta. Estaria essa preocupação, expressa no final do seu relato, reveladora de uma necessidade de expiar a culpa? Ou,

demonstraria, por outro lado, o seu *cuidado* pelo outro? Revelariam, enfim, as duas coisas, ao mesmo tempo? Nós humanos nos ‘ocupamos’ para diminuir nossa dor. Nos ‘ocupamos’ para não enxergar o que é difícil de ser visto. Nos ‘preocupamos’, na nossa cotidianidade reasseguradora, para poder viver. Mas, ao mesmo tempo, desde sempre o nosso ser se ‘angustia’, ou seja, se desaloja dos seus próprios reasseguramentos. Contudo, também, é verdade que nos *preocupamos* na lida diária, no *cuidado* de nós e dos outros. Na existência humana, como já foi observada em outro momento desta dissertação, a interrogação clínica está, desde sempre, presente. Isto acontece porque é próprio do homem questões em torno de: ‘quem sou eu’, ‘de onde vim,’ ‘para onde vou’. Estas indagações implicam na dimensão essencial da vida que é o *cuidado*, sem o qual não conseguiremos compreender o ser humano. Não estaria essa minha interlocutora, através da sua ‘preocupação’, falando do seu ‘esforço angustiado’ ou do seu ‘cuidado’ em se relacionar com a vida, depois de tudo que experimentaram?

Concluo que viver essas experiências foi, para àquelas pessoas, *desvelador* da vulnerabilidade da vida e, ao mesmo tempo, *velador* desta mesma verdade. Assim como, igualmente, foi para mim sair da quietude dos meus dias ‘sempre iguais’; na qual tudo parecia eu já ‘saber’ e ‘dar conta’, para as vivências dos Grandes Grupos Intensivos. Por quê não é assim com a *verdade experiencial*? ‘Vela’-se e ‘desvela’-se indefinitivamente. É assim o processo de ‘descobrir’ e ‘saber’ *com* a vida. Mas, isto não significa que uma vez *desvelado*, ‘o outro lado dessa mesma moeda’, ou seja, o *velamento*, venha encobrir ou impeça a tomada de consciência deflagradora da transformação. ‘Velar’ e ‘desvelar’ apontam para a complexidade e o desdobramento, implicados no conhecimento das verdades humanas, sempre múltiplas, mutáveis e mutantes.

## VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENT, Hannah ([1950], 1989) Origens do Totalitarismo, São Paulo: Companhia das Letras.
- BARRETTO, D. Kleber (1998) Ética e Técnica no Acompanhamento Terapêutico: andanças com Dom Quixote e Sancho Pança. São Paulo: Unimarco Editora.
- BOFF, Leonardo (1999) Saber Cuidar: ética do humano-compaixão pela terra – Petrópolis, RJ: Vozes.
- CUPERTINO, C. M. B. (1995): O Psicodiagnóstico Fenomenológico e os Desencontros Possíveis, In: ANCONA-LOPEZ, M Psicodiagnóstico: Processo de Intervenção, São Paulo: Cortez.
- CURY, Vera E. (1987) Psicoterapia Centrada na Pessoa: Evolução das Formulações sobre a Relação Terapeuta-Cliente - Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- CURY, Vera, E. (1993) A Abordagem Centrada na Pessoa: Um Estudo sobre as Implicações dos Trabalhos com Grupos Intensivos para a Terapia Centrada no Cliente. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de Campinas.
- FABRI, Marcelo. (1997) Sentido Ético e Compreensão: Em Torno da Questão Levinasiana “A Ontologia É Fundamental?” In: Cadernos de Subjetividade, São Paulo, 5(1): 53-69.

- FERREIRA, Tânia. (2000) *Os Meninos e a Rua - o Psicólogo e os Impasses da Assistência*. In: Psicologia Ciência e Profissão, 20(1), 2-17.
- FIGUEIREDO, Luís C. (1991) Matrizes do Pensamento Psicológico. Petrópolis: Vozes.
- FIGUEIREDO, Luís C. (1993) *A Fabricação do estranho: notas sobre uma hermenêutica “negativa”*, In: Pulsional, Boletim de Novidades, nº, p.17 -22.
- FIGUEIREDO, Luís C. (1994) Escutar, Recordar, Dizer. Encontros Heideggerianos com a Clínica Psicanalítica. São Paulo: Educ/Escura.
- FIGUEIREDO, Luis C. (1995a) Revisitando as Psicologia: Da Epistemologia à Ética das Práticas e Discursos Psicológicos. Petrópolis: Vozes.
- FIGUEIREDO, Luís C. (1995b) *Heidegger e a Psicanálise: Encontros*. Comunicação apresentada na Mesa-redonda *Heidegger e a psicanálise* no Colóquio Heidegger, promovido pelo Núcleo de Pesquisas das Práticas Clínicas da Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP, novembro, p.39-51.
- FIGUEIREDO, Luís C. (1995c) *Heidegger, Língua e Fala*. In: Psicanálise e Universidade, 3, 67-75.
- FIGUEIREDO, Luís C. (1996a) A Invenção do Psicológico: Quatro Séculos de Subjetivação (1500 – 1900). São Paulo: Educ Escuta.

- FIGUEIREDO, Luís C. (1996b) Questões ontológicas (e pré-ontológicas) na pesquisa dos processos de singularização. Versão inédita de artigo anteriormente publicado no Boletim de Novidades Pulsional, 87(julho).
- FIGUEIREDO, Luís C. (1997) *O Interesse de Lévinas para a Psicanálise: Desinteresse do Rosto.* In: Cadernos de Subjetividade, São Paulo, 5(1): 39-51 dezembro.
- FIGUEIREDO, Luís C. (1999) Palavras Cruzadas entre Freud e Ferenczi. São Paulo: Escuta.
- FIGUEIREDO, Luís C.(2000). *Presença, Implicação e Reserva.* In: FIGUEIREDO, Luís C. e COELHO JUNIOR, Nelson. Ética e Técnica em Psicanálise. São Paulo: Escuta.
- GADAMER, Hans-Georg, (1997) Verdade e Método, Petrópolis, RJ:Vozes.
- HART, J. T. (1970) *The Development Of Client Centered Therapy.* In: HART, J. T. & TOMLINSON, T. M. New Directions in Client-Centered Therapy. Boston: Houghton Mifflin Co.
- HEIDEGGER, Martin ([1927]1988) Ser e Tempo. Parte I. Petrópolis: Vozes.
- HEIDEGGER, Martin ([1927]2000) Ser e Tempo. Parte II. Petrópolis: Vozes.
- HEIDEGGER, Martin (1949) *Carta sobre o humanismo.* Col. Os pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1979, p.345-374.

- HEIDEGGER, Martin (1968) Da Experiência do Pensar, Porto Alegre: Globo.
- LÉVINAS, Emmanuel (1997) *Entrevista com Emmanuel Lévinas*, In: Cadernos de Subjetividade, São Paulo, 5(1): 9-38 dezembro.
- LISPECTOR, Clarice (1992) *A Legião Estrangeira*, In: LISPECTOR, C. A Legião Estrangeira, São Paulo: Siciliano, p.121 a 136.
- LISPECTOR, Clarice (1998) *O Amor*, In: LISPECTOR, C., Laços de Família, Rio de Janeiro: Rocco, p.19-29.
- LOPARIC, Zeljko, (1999) *Heidegger and Winnicott*, In: Natureza Humana: Revista Internacional de Filosofia e Práticas Clínicas/Grupo de Pesquisa em Filosofia e Práticas Psicoterápicas do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP.- v.1, n.1, p.103-135. São Paulo: EDUC.
- LUFT, Lya, (1991) Reunião de Família, São Paulo: Siciliano.
- MARTON, Scarlett. (1991) *Nietzsche: Consciência e Inconsciente* In: Ana Lia Aufranc...[et al.], O Inconsciente: várias leituras, São Paulo: Escuta, p.27-41.
- MORIN, Edgar (1996) *A Noção de Sujeito*. In: SCHNITMAN Dora F. (org.) Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade. Porto Alegre: Artes Médicas.

MOREIRA, Virgínia (1990) Para além da Pessoa: Uma Revisão Crítica da Psicoterapia de Carl Rogers. Tese de Doutorado, São Paulo: PUC.

MOREIRA, Virgínia (1997) *Supervisión en psicoterapia: un enfoque fenomenológico-existencial*. Artículo elaborado a partir de ponencia proferida en el V Congreso Nacional de Psicología, en el Simpósio de Supervisión Clínica, Santiago, Chile, noviembre 7, (não publicado).

NAFFAH NETO, Alfredo (1994) A Psicoterapia em busca de Dioniso: Nietzsche visita Freud. São Paulo: EDUC/Escuta.

NAFFAH NETO, Alfredo (1995) *A subjetividade enquanto ethos*, In: Cadernos de Subjetividade -PUC-S P –São Paulo, v. 3, p. 197-209.

NAFFAH NETO, Alfredo (1997) *A Nietzsche e a Psicanálise*, In: Cadernos Nietzsche 2, p.41-53.

PESSOA, Fernando (1996) Poesias, Porto Alegre: Editora, L&PM Pocket.

PESSOA, Fernando (1999) Livro do Desassossego, São Paulo: Companhia das Letras.

ROCHA, Zeferino (1995) Freud: Aproximações, Recife: Ed. Universitária da UFPE.

ROGERS, Carl ([1951]1974) A Terapia Centrada no Paciente. Martins Fontes.

- ROGERS, Carl (1957) *A Note on the Nature of Man*. Journal of Counseling of Psychology, 4 (3) , p. 199–203.
- ROGERS, Carl (1959) *A Theory of Therapy, Personality, as Developed in the Client-Centered Frame-Work*. In: S. Koch (org.), *Psychology: A Study of Science* (Vol.3) N. York: McGraw-Hill.
- ROGERS, Carl ([1961]1970) *Torna-se Pessoa*. Lisboa: Moraes Editora.
- ROGERS, Carl (1979) *The Foundations of the Person – Centered Approach*. *Education*. 100(2), p.98– 107.
- ROGERS, Carl, (et al.) (1983) *Em busca de vida: da terapia centrada no cliente à abordagem centrada na pessoa*. São Paulo: Summus.
- ROLNIK, Suely (1997) *Uma Insólita Viagem à Subjetividade: Fronteiras com a Ética e a Cultura* In: LINS, D. (org.) *Cultura e Subjetividade: Saberes nômades* – Campinas, SP: Papyrus.
- ROPA, Daniela (1994.) *Ela é o que você quiser*. In: COSTA, J. F. (org) *Redescrições da Psicanálise*, Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- SAFRA, Gilberto (1998) *Prefácio*. In: BARRETTO, D.K. *Ética e Técnica no Acompanhamento Terapêutico: andanças com Dom Quixote e Sancho Pança*. São Paulo: Unimarco Editora.

SAFRA, Gilberto (1999) *A Clínica em Winnicott*, In: Natureza Humana: Revista Internacional de Filosofia e Práticas Clínicas/Grupo de Pesquisa em Filosofia e Práticas Psicoterápicas do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP.- v.1, n.1, p.91-101. São Paulo: EDUC.

VAZQUEZ, Jesus (1999) *Angústia e Desamparo numa Perspectiva Heideggeriana*. Texto apresentado no V Fórum Brasileiro de Psicanálise: Psicanálise e Desamparo, Recife, 17 a 20 de junho.

WINNICOTT, Donald (1978) Textos Seleccionados: da pediatria à psicanálise. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

WINNICOTT, Donald (1990) Natureza Humana, Rio: Imago.

WINNICOTT, Donald (1993) A Família e o Desenvolvimento Individual, São Paulo: Martins Fontes.

WOOD, John (1983) *Terapia de Grupo Centrada na Pessoa*. In: ROGERS, Carl, (et al.) Em busca de vida: da terapia centrada no cliente à abordagem centrada na pessoa. São Paulo: Summus.

## ANEXOS

### As Entrevistas na Íntegra

#### Entrevista: Nº 1

**Entrevistador:** - O que eu queria saber é como ficou a tua escuta clínica, depois de viver situações em que o chão fugiu de seus pés.

**A** – “Então, eu não sei se pra mim, a relação foi tão direta entre essa situação de desalojamento e diferença na escuta clínica, não. Eu acho que a.. a relação maior foi a...a situação desalojadora e o meu jeito de ta no mundo, o meu jeito de..de ver o mundo, sabe? De...de compreender o mundo. Então, pra mim... vou contar... mais ou menos como é que foi essa história. Muito ... eu passei por uma...uma situação...cinco anos atrás (falando em tom mais baixo, reflexivo).

Lógico que eu acho que já passei por algumas situações que me ‘tiraram a sensação de pé no chão’, e tudo. Eu me lembro de uma situação de grupo, que eu fiz há uns 15 anos atrás, que eu fiquei **alucinada** porque eu não entendia nada, nada fazia sentido. A sensação é que **nada fazia sentido**. Eu...eu lembro que eu chorei um dia inteirinho. Eu achava que eu ia ficar louca, porque não tinha sentido nenhum pra nada. A...a coisa foi se arrumando... e voltou ao que era, ta entendendo? Assim...”

**Entrevistador:** O que é que voltou ao que era?

**A** - “Voltou ao que era o mundo, voltou a ter sentido, do mesmo jeito que era antes”.

**Entrevistador:** - Sem nenhuma mudança.

**A** – “Sem ter mudança nenhuma”.

**Entrevistador:** - Como se não tivesse tido nenhuma repercussão em você.

**A** – Como... como se não tivesse tido. Eu não sei como isso aconteceu, acho que fazia parte de todas as minhas defesas... e acho que a partir daí ou antes até, começou um processo muito grande em mim. Que era, de vez em quando, eventualmente, eu desenvolvia um certo medo. Entende? Eu tinha medo, qualquer medo: medo de morrer, medo de ficar doente, medo que acontecesse alguma coisa e... aí eu procurava um médico e via que não estava doente, por exemplo, coisa assim. Eu fazia análise, ao mesmo tempo, e eu me lembro que um sonho que acontecia muito, que era assim, era como se tivesse entrando um monte de cobras na minha casa. Aí, eu fechava as portas, ela entrava pela janela. Fechava a janela, ela entrava pela chaminé, e era um desespero tão imenso, sabe? Era horrível. Mas eu não sabia que diabo era aquilo, sabe? E ao mesmo tempo eu vivia...vivia assim, de vez em quando, essas coisas de... esses sintomas mesmo de medo. Era muita coisa ligada com medo, angústia ou insônia, sabe? Aí, uns cinco ou seis anos atrás, mais ou menos, eu vivi uma situação de perda muito grande. Eu perdi uma...uma sobrinha. Ela tinha 13 anos e ela ficou doente de hepatite. Uma coisa, uma doença simples, não é? Então eu tinha certeza que ela ia ficar boa. E tinha certeza, por ex... foi uma coisa tão ... tão irracional, porque não era nada racional. Tratada pelo meu irmão, então ela ia ficar boa. E meu outro irmão, que era pai dela dizia “Não, ela vai ficar boa”. Eu tinha certeza que ela ia ficar boa. E quando vinha a idéia de que ela podia não ficar boa, que ela podia morrer, me vinha uma angústia **tão** imensa, sabe assim... **tão imensa** ... muito maior do que eu, que eu não conseguia se quer olhar, sabe? . E era muito parecido com o mesmo tipo de angústia quando eu sentia essa coisa dos medos.

**Entrevistador:** - O das cobras?

**A** -...das cobras e tudo. Mas eu não conseguia... perceber nada. Era muita angústia, muita... eu pensava que ia ficar louca, sabe? Como essas coisas? E a...a menina morreu. A Deyse morreu. **Olhe**, sabe o que é que é a sensação de tirar **toda** e **qualquer** segurança? E de eu começar a perceber... o mundo de um jeito totalmente diferente do que eu percebia? A impressão que eu tive era...é... que eu tinha sido estuprada... sabe? Assim, fui estuprada! Perdi a...a...

**Entrevistador:**...a virgindade?

**A** -...a inocência, perdi ... horrível! Eu tive a sensação que eu **jamais** seria como eu fui antes, uma só. Mas eu achava,... primeiro eu achava ...

**Entrevistador:** -... tinha a ilusão de que era, não é? De que permanecia sempre igual.

**A** - Era. Mas foi uma coisa assim, porque depois daquela hora, eu percebi, primeiro, eu percebi uma coisa... tão doida, porque a coisa mais óbvia do mundo. Mas eu percebi que eu ia morrer, sabe? Percebi que eu era mortal? Que eu me esgotava no tempo! Meu Deus! Que **coisa horrorosa!** Porque... lógico que eu sei disso. Mas a sensação de sentir isso, literalmente. **Meu Deus! Que coisa horrível!** E a sensação de que não existe segurança... (interrompido – fator externo).

*Então, então eu estava dizendo que a partir de então, a sensação que eu tive é que não tinha...não tinha chão... que não tinha nenhuma segurança de nada, ninguém poderia me assegurar **nada**. E...que não existia segurança nenhuma pra nada. Então, **tudo** poderia acontecer. E...qualquer coisa poderia acontecer. Que ninguém poderia me assegurar nada. Sabe, aquela sensação de que **ninguém** poderia dizer pra mim “Calma, tudo vai ficar bom”. Não, ninguém pode fazer isso, ninguém pode dizer isso, tá? E se alguém disser, diz porque está acolhendo, está junto com a pessoa e tudo bem. Mas na verdade, quem? Ninguém, ninguém, nem Deus. Ninguém pode dizer: “Olhe, tudo vai ficar bem”. Não, nós não sabemos que tudo vai ficar bem. Então, a partir dessa hora, eu percebi isso.*

**Entrevistador:** - Não tem mais certeza.

*A - Não, não tem mais certeza. Não tem mais certeza! É uma coisa muita engraçada, porque é outro nível de certeza. Por exemplo, eu tenho certeza que você gosta de mim. Que ótimo! Mas, se tu disser “Olha (...), pode viver, sei lá .. o que quiser, que eu te prometo que não vai acontecer nada contigo”. Mentira! Ninguém pode prometer isso. Olho, eu acho isso **muito ruim!** Então, é como se eu tivesse me sentido... é como se eu tivesse ... sabe, como? Perdido... **órfã**. Estou órfã no mundo! Sabe, nesse mundo inóspito, ninguém vai cuidar de mim? Ninguém vai dizer pra mim? Ninguém me convence mais disso! Bem que eu queria que me convencesse. Mas...não existe...*

**Entrevistador:** - Você está falando de desamparo, não é?

*A - Total. Pronto, eu experimentei o desamparo, experimentei o desamparo, sabe? Eu vivi a nossa condição de desamparado na vida. Então, isso foi uma coisa **extremamente** forte, sabe? Eu vivi **muito** visceralmente.(esta última palavra foi dita pausadamente e em tom reflexivo). Sabe?Essa coisa...**muito**.*

**Entrevistador:** - E, em que medida isso... te ajuda a viver melhor e a entender melhor as pessoas?

... Se tu acha que...

**A** - *Eu acho... a história de viver melhor, eu acho o seguinte. Eu acho que...que é viver melhor, **agora**, eu compreendo desse jeito, que antes eu **não achava**. Eu achava desesperante estar naquele lugar. Eu achava que eu estava feia. Que eu era o... quadro do Dorian Gray, ta entendendo? Que eu poderia macular as pessoas... com...com...porque eu achava uma coisa su..., é como se fosse uma sujei... É como se fosse uma coisa assim... borrada, suja, sabe? Então, eu me sentia desse jeito, mesmo. Então, não achava que estava melhor, não... Hoje, eu acho que melhorou como pessoa, porque hoje eu...eu consigo perceber esse lado da vida, que talvez seja o lado mais ... mais... verdadeiro, sei lá, ... mais... humano, sabe?*

**Entrevistador:** - Mais próprio da condição humana.

**A** - *É, mais próprio da condição humana, mesmo, sabe? E pra mim, hoje, é muito... quer dizer, conseguir, poder a partir disso, construir uma coisa diferente. Sabe a questão, por exemplo, de esgotar, de morrer, saber que eu vou morrer. Então, como eu sei hoje que eu posso morrer daqui a pouco, é como se eu estivesse... **cuidando**, todo o tempo, vou cuidar da minha vida! Porque ninguém vai fazer isso por mim! E eu não sei, eu posso morrer já já, daqui a pouco. Então, isso dá uma...uma...uma perspectiva diferente de vida, sabe? Assim, uma idéia diferente de ta no mundo...*

**Entrevistador:** - É propulsor então, da vida.

A – “É, eu acho que sim, eu acho que sim”.

**Entrevistador:** - Mas pode também não ser, não é?

**A:** “- Se eu tivesse ficado daquele jeito, só lastimando... o meu **estupro** e a minha **dor** sabe? E a minha condição feia de humana, doida de humana, eu não teria conseguido sair disso! Aí num... não era propulsora não! Porque era tudo muito... mm... muito feio, sabe? E hoje eeu... eu digo desse jeito porque eu sinto uma coisa muito ruim. Mas não acho feio não! É assim mesmo, é humano! Ta entendendo? Se uma pessoa vem pra mim, no meu consultório, desse jeito, eu digo “ai, que coisa feia!” Não, não é feio! Sabe, assim “Meu Deus como é doloroso!” Eu sei do que ela está sentindo. Eu sei...eu sei de como ela está sentindo, eu sei da dor que é isso.... Me sinto ...como... igual, mais ou menos parecida, irmanada no sentimento de...de humanidade, sabe? E acho que eu não poderia ter essa vivência desse jeito se eu não tivesse... passado por isso.”

**Entrevistador:** - Então, nesse sentido, isso te faz melhor terapeuta?

**A** – “... Não sei... não sei Não sei se melhor terapeuta. Mas me faz mais capaz de **saber...** do que a pessoa está dizendo, de compreender e de não... de não achar horrroso, de não julgar, sabe?”

**Entrevistador:** - De acolher mais.

**A** - De acolher **mais** o sofrimento, sabe? De acolher mais as ppp... o sofrimento delas. E de dar espaço para as coisas... aparecerem, seja que tipo for. A

*impressão que eu tenho, o que eu tava dizendo naquela hora, a história do inferno, eu desci no inferno. Então, outras pessoas também podem descer!? Eu sou capaz de descer junto, sabe!?. E eu sei... e é...é interessante como eu, às v v, consegui, em termos, não é? Porque eu não tou boa nessas histórias ainda não, total. Mas eu sei, por exemplo, que quando estou sentindo uma dor muito, muito grande... Calma! Vamos esperar, vamos dar um tempinho, vamos... ficar quietinha e tipo: 'Não vamo mexer muito, não. Não aperta a barriga senão ela dói!?' E que não é...não, isso não é... fazer de conta que não está vendo.*

**Entrevistador:** - Então, nesse sentido, você está podendo também acolher mais o seu próprio desamparo?

**A** – *“Pronto, exatamente. É como se eu estivesse podendo ser mais companheira do meu próprio desamparo. Da minha própria solidão, da minha própria dor, da minha própria tristeza, sabe?... Angústia. Que eu não dava conta antes. Eu não conseguia. E não é que não seja doloroso não, sabe? Eu acho muito ruim! Mas..., não vejo outra forma de... de es... de viver no mundo, sabe? Do que...do que ver que eu estou tão triste, eu estou tão angustiada, tou com tanto medo de alguma coisa, tou... Nada faz sentido. Isso tudo eu sinto muito. E...mas, mas...é não tem como fugir, não tem nada pra ser feito, vamos fazer de conta que está tudo bem ...”*

**Entrevistador:** -... não dá pra descer do trem ...

**A** – *“... não dá, não dá pra descer do trem, embora eu morra de vontade, às vezes. Nada a ser feito, a não ser lidar com isso, a não ser... estar com isso. E aí eu acho, eu não sei essa coisa de ser melhor terapeuta. Eu não sei... eu não sei... não sei dizer”.*

**Entrevistador:** - Eu acho que a pergunta, talvez, não seja essa. A pergunta seja, escutar melhor.

**A** – “*Sim, ai, acho que sim, acho que sim*”.

**Entrevistador:** - Eu não sei se melhor. Mas, de uma forma mais ampliada... podendo incluir ...

**A** – “... eu me sinto diferente... eu me sinto diferente, sabe? Eu me sinto diferente, andando, eu me sinto diferente... sabe?. Essa vivência que eu tive me fez ficar... em todos os sentidos diferente, sabe? De achar coisas...coisas... algumas coisas tão valorizadas? Bestas! Que pra mim não faz sentido, que isso é tão pouco importante! É como se fosse assim, por exemplo, é... quer... quer...que todo mundo fale muito bem, elogio. Claro que eu acho importante. Por exemplo: eu gosto quando apresento um trabalho que todo mundo diz que foi bom, etc. Mas não é a coisa mais importante, porque isso ainda é **tão** pequeno, tão ... comparado com essa **grande dor**, do humano, sabe? Que eu acho que isso não é importante. O mais importante é obter encontro com as pessoas. Eu realmente acho isso, sabe? Poder olhar e poder sentir que a pessoa ta...ta comigo. Eu acho isso ... a....hoje, pra mim, isso tem sido a coisa, uma das coisas **mais importantes**, tem sido essa coisa de ta, de ta junto, de ter contato, encontro com as pessoas, sabe? “

### **Entrevista: N°2:**

**Entrevistador:** Como ficou a sua escuta clínica depois de viver situações em que o “chão fugiu dos seus pés?”

**D** – “Olha, tu me lembrasse aquela... aquela situação em que eu vivi lá ...na...lá na...a que eu vivi lá em... no México,... México...aquela questão da...do Encontro Latino no México, onde eu me dei conta de que, eu também, como **vil mortal** eu poderia perder um filho. Não tinha vacina. É uma coisa assim: como as minhas crias, **são minhas crias**,né, elas podiam morrer. Morrer literalmente. Porque era o que...era que...tava sendo vivido, no grupo.

Agora, o que é que eu ganhei com aquilo? Eu ganhei aquilo na vida, primeiro: Eu estou fazendo uma análise, a primeira análise que eu estou fazendo agora. Certamente que isso já aconteceu à nível do meu comportamento. Mas eu me dando conta, arrumando, sistematizando à nível de pensamento... O que eu vejo é que eu perdi a **ilusão**... é... eu acho que eu perdi a ilusão, do controle, a ilusão do poder, a ilusão...Eu me dei conta que não tem vacina, que isso pode acontecer comigo. Agora o pânico, o pânico é **tão grande** de poder admitir...Como é que eu te digo?...Eu admitir, é dizer: **Isso é mais um elemento da vida!**...

E como é que isso entra na minha escuta clínica?...Engraçado, a sensação que eu tenho é como se dissesse assim: **Eita! menos uma...i ...** é exatamente isso, eu acho que essa frase define:- **Menos uma ilusão. Mais um dar-se conta de uma verdade objetiva.** Ai é quando eu digo para mim. Eu tenho um hábito de dizer assim: **Cria tento Diva...** Porque a vida tem isso, sabe? Eu até acredito que foi a coisa... **pior** que eu podia... me dar conta. É que na **realidade**, um filho meu pode morrer....E eu não vou poder fazer nada, a não ser enfrentar isso.

Agora indo pro consultório, eu acho que...lara,... quando eu digo assim...porque...,eu tenho muito receio de palavras já gastas... . Mas se eu dizer assim...eu vou pra clínica mais humana, não é de bondade não. É mais humana assim, com menos... porque quanto menos ilusão eu possa ter...mais eu tenho contato com a verdade... **a verdade do humano.**”

**Entrevistador:**...da condição humana?

D – “Da minha condição humana. Então, **na minha condição humana**, eu posso perder um filho, a qualquer momento”.

**Entrevistador:**...e de entender a condição humana do outro?

D – “Com certeza, ta entendendo? E outra coisa, me abre assim: tudo... cada... e, agora isso não foi nesse fato, cada encontro desse me confirma. E hoje, eu vendo Eduardo, eu tive vontade de dizer: **rapaz, tu estás numa ilusão e numa utopia que dá dó! Tu cria tento e te orienta, porque se não tu vai morrer sem ver a verdade**... Assim,... cada... cada encontro, quando vejo um Leopoldo falar da dificuldade, quando eu vejo, um Eduardo falar daquela ilusão... .Eu acho que, o que se fala... (fungado) nessa hora eu acho, que estou meio abusada com essas expressões que eu acho que estão muito gastas da... ..Consideração Positiva Condicional, Incondicional, da... a questão da Autenticidade. Para mim, a autenticidade da condição humana é a gente estar disponível...

Agora que está me possibilitando isto, eu me dar conta da importância da **multiplicidade** da condição humana... .lara, eu chega estou feliz mulher! Quanto mais eu partilho do grupo mais eu...mais eu partilho...mais eu estou... podendo experimentar a condição humana. Que a minha vida, por...por ela só, não me dá condições de eu ampliar tanto. Porque vem toda...é... onde tem as diferenças que Adolfo aponta, a questão de **todas** as diferenças e das vivências, que eu não posso nem imaginar, mas aquilo **diz** da condição humana, que a minha própria condição humana ainda não se deu conta! Então, isso me amplia pra...”

**Entrevistador:** -... tu ta falando do teu limite e ...

D – “... do meu limite de **vivências** mesmo, porque eu não vivi todas as coisas. Como é que eu pude me **desiludir** da coisa... da... ausência de uma perda de um

*filho?... Tu ta... Como eu pude me desiludir disso? Porque alguém estava nas minhas relações com o grupo, na relação..., estava alguém me dizendo, **eu perdi**".*

**Entrevistador:** – Concretamente...

**D** – *“Está me ampliando... a minha... eu saber de uma condição humana... tu ta entendendo? Eu não sei se estou sendo clara. Eu estou gostando disso porque eu estou me dando conta agora, da questão da multiplicidade de quando eu estou lá, naquela... no circuito. Aí, me vem a história que eu estava conversando,... é a... é a relação. Engraçado, a importância que eu dava aos grupos, agora, com certeza, eu vou dar mais, porque eu vou ter a condição da ampliação das diferenças. (esta última frase disse em tom de reflexão) Eu agora estou podendo compreender, **visceralmente**, o que é a multiplicidade, que eu tanto prego em sala de aula. O que é a multiplicidade, o que é a multiplicidade das diferenças **e porque** me potencializa. Porque eu me **desiludo**. Eu posso até sonhar, mas não me iludo mais, minha filha. Bom proveito, que eu estou é feliz!... Lições humanas”.*(esta expressão foi dita em tom reflexivo e elaborativo).

**Entrevistador:**...vá fale...

**D** - *“A imagem que eu tenho agora é de... agora eu me lembrei de uma feira de informática, que eu fui a semana passada, mostrando todas as coisas possíveis da informática que não diz tudo, mas diz uma grande coisa... É como se fosse uma grande feira de condições humanas... sabe? De possibilidades humanas. E naturalmente que isso é uma coisa que é **experenciada** por mim, amplia a minha condição humana”.*

**Entrevistador:** - e conseqüentemente...amplia a sua...es..

**D.** – “... lógico que quando eu vou pro consultório, eu vou isso, eu vou com essa condição. Não é só consultório, é vida, não é? Por isso é que... é tão interessante...” (em tom reflexivo) “Mas é isso mesmo...”.

### **Entrevista: Nº 3**

**Entrevistador:** – Bom, eu queria saber de você, como é que ficou a sua escuta clínica depois que você viveu situações em que o chão fugiu de seus pés? ... Você entende o que é que significa isso, não é?

**La** – “... diante de uma situação difícil...”

**Entrevistador:** -... que você não entende o que está acontecendo, não é?

**La** – “Certo. Primeiro, assim, eu vou dar uma volta. Eu me lembro que no momento, falaram daquele caso da ... da mãe do aluno que faleceu ...”

**Entrevistador:** -... da experiência que vocês viveram, não é?

**La** – “... da experiência que nós vivemos, foi. Logo que começou, né, que nós entramos na faculdade, que soubemos da notícia, ficou assim uma olhando pra outra, “O que é que a gente vai fazer agora ? O que é que vai fazer agora ?” . A minha sensação era assim de ... de que tinha outra pessoa..., outra psicóloga, né, tinha Glauce, tinha Lucia, tinha Zenaide... e que uma podia contar com a outra. Que íamos entrar as quatro juntas... pra ver o que podia fazer pra segurar, não é?... a situação.”

**Entrevistador:** – Uma se apoiando na outra.

**La** – *“Pronto, era de apoio, exatamente. Uma em relação à outra, não é? Que talvez assim, se eu estivesse só, não ia ter a segurança que eu tive, sabendo que ia ter outras colegas. E, diante... na hora do decorrer..., foi caminhando... fomos...deu, deu pra segurar não é?... a situação. A gente foi..., foi escutando, uma olhava pra outra pra concordar, pra afirmar que tava...tava dando certo ...”*

**Entrevistador:** -... aí você está falando do momento do susto, não é?

**La** – *“Do susto, é. Mas em relação a escuta...”*

**Entrevistador:** – O que eu queria saber, é, depois de ter vivido este susto, não é, que repercussão tu acha que isso pode ter tido no teu desenvolvimento, não sabe, ao longo do tempo?

**La** – *“Eu acho que é assim, uma questão de segurança passou. Tipo assim, diante de uma situação inesperada, que eu nunca tinha passado, deu pra ver que apesar do susto, da situação, deu pra segurar. Eu acho que a partir de uma experiência dessa, diante de uma nova, a gente já vai com mais segurança de que na primeira conseguiu, deu certo”.*

**Entrevistador:** – É como se tivesse te dado subsídio, suporte...

**La** – *“... suporte, é, exatamente.”*

**Entrevistador:** - Pra saber que você poderá dar conta, é?

**La** – *“Dar conta. E que diante de uma nova situação, tipo assim, já não foi a primeira vez! Que da primeira, a gente conseguiu! Foi, acho que... é uma questão de segurança. E até assim, vai entrar uma pessoa que você não sabe, não é? Tipo assim, você vai receber uma pessoa pra atender, você não sabe...”*

**Entrevistador:** -... um cliente novo.

**La** – *“Uma cliente nova. Você não sabe o que vem, o que lhe espera, o que lhe aguarda. Aí, de repente, eu acho que isso lhe dá mais segurança, tipo assim, eu estou mais preparada pra uma situação ines... nova”.*

**Entrevistador:** – Fica com menos medo, é, das coisas novas?

**La** – *“É, menos medo, exatamente. Tipo assim, eu passei por uma coisa que... foi difícil na hora, né, foi uma perda pro grupo, né, de uma pessoa que era muito participativa e...”*

**Entrevistador:** -... você está falando da mãe, não é?

**La** – *“De que era part... exatamente, da mãe que faleceu. E..., o pai da criança que nunca tinha ido ao grupo e ela sempre falava que ele nunca ia e ela precisou morrer para ele ir. Foi uma pessoa nova que entrou no grupo e também tem a questão de que o grupo estava meio no fim, todo mundo já estava entrosado e entrou um estranho. Tudo isso a gente teve que pensar, que levar em consideração, de apresentar...”*

**Entrevistador:** -... modificou a situação?

**La** – *“... modificou, com certeza. E até porque... tava a... os encontros acontecendo, todo mundo já estava bem... já estava... se conhecendo e trouxe problemas mais sérios, né? Da questão daquele menino que o pai tinha sido assassinado pelo tio, que ela pediu falava muito assim no sigilo..., e entrou uma pessoa assim, estranha que não sabia de nada, de nenhuma história, de nenhum integrante do grupo”.*

**Entrevistador:** – Mas isso você está lembrando, é... é, o que é que você está querendo dizer com isso?

**La** – *“Não, assim, que a gente também teve que lembrar desse componente de uma pessoa estranha naquele grupo...”*

**Entrevistador:** –... sim, da ameaça dos outros elementos, não é?

**La** – *“É, das outras pessoas que ficaram sem entender também, tanto quanto a gente, ficaram surpresos com a morte... da pessoa que estava participando do grupo.”*

**Entrevistador:** – O que você está dizendo é que é muitas variáveis que tem que ser contornadas, não é?

**La** – *“Exatamente. A questão assim, do grupo estar formado e chegar uma pessoa estranha com a notícia de... nova, né. Uma notícia difícil!”*

**Entrevistador:** – Fica todo mundo com a cabeça... de pernas pro ar, não é?

**La** – *“Exatamente. E a gente falava “mas ninguém conhece ele! Vamos apresentar”. Começamos o grupo apresentando ele, e... com a notícia. E também foi a filha, que entrou também no grupo, né, a irmã do menino que tinha perdido a mãe.”*

**Entrevistador:** – Duas pessoas estranhas... além do ...

**La** – *“Duas pessoas novas. Aliás, eu não tenho muita certeza não, mas eu acho que ela entrou...”*

**Entrevistador:** – Entrou, eu lembro.

**La** – *“Entrou, não foi? entrou. Exatamente, foram duas pessoas diferentes num grupo que já estava integrado, né. Mas ... foi ótimo!”*

**Entrevistador:** – Foi ótimo!

**La** – *“Quando acabou que respiramos, deu tudo certo. Foi inesquecível, aquilo!”*

**Entrevistador:** – Em que sentido foi inesquecível?

**La** – *“Da experiência, mesmo. Do sufoco na hora e aí, “como é que vai ser?” , as quatro reunidas, né, antes de entrar no grupo. “Vamos!” , ... fomos e deu certo!”*

**Entrevistador:** – Parece que foi muito importante vocês poderem contar uma com a outra.

**La** – *“Foi... uma com a outra. Talvez, já assim, pela integração das quatro, né, que já nos encontramos e estava dando bem. As quatro já se conheciam...”*

**Entrevistador:** -... puderam fazer um trabalho ...

**La** – *“Exatamente. Já nos conhecíamos e quando o grupo foi formado eu fiquei feliz com as escolhas. Andava muito com Glauce, com Lucia. Zenaide menos, mas conheci e gostei. Nos demos bem, né. Acho que foi ótimo isso!... Foi muito bom!”*

**Entrevistador:** – Uma deu segurança à outra.

**La** – *“Uma deu segurança à outra. Assim, o que... a palavra que eu... uma deu segurança pra outra e a experiência, assim, de grupo, foi a segurança. Quer dizer, uma deu suporte a outra, -tava errado-(sussurrou), uma deu suporte a outra no sentido de que, eu olhava pro lado, eu sabia que tinha alguém pra ...”*

**Entrevistador:** -... parece que ajuda a gente a pensar, não é ?

**La** – *“Ajuda, exatamente. Dá segurança, tipo assim, se eu não estiver conseguindo tem outra pra ajudar, contornar, pra segurar, né”.*

**Entrevistador:** – Tem outra pra pensar quando eu não estou conseguindo pensar?

**La** – *“Exatamente. São quatro pensando, não é?”*

**Entrevistador:** – É, porque... me veio essa sensação, porque eu acho que quando a gente está sozinha, as vezes, a gente não consegue ver ... “Quais são as coisas que a gente tem que fazer agora?”, não é?

**La** – *“E outra coisa, são quatro pessoas escutando, não é? Cada pessoa vai pensar uma coisa, de um jeito. Enquanto eu estou pensando uma coisa, ela está pensando outra, aí vai saindo. Enquanto uma pensa, outra já pensou já está falando, aí vai andando”.*

**Entrevistador:** -... e esses elementos vão se juntando ...

**La** – *“... vão se juntando e faz com que flua. Vai fluindo o grupo”.*

**Entrevistador:** – o que mais? ... e assim, e hoje em dia, na tua vida, porque de lá pra cá, depois da experiência de lá da universidade, você não escutou mais ninguém exceto esse menino que você está escutando agora, na tua experiência lá no hospital.

**La** – *“Exatamente, é.”*

**Entrevistador:** – Tu acha que fez alguma diferença?

**La** – *“A diferença que eu senti, depois desse grupo, foi a questão da segurança. Vir mais segura ao encontro do desconhecido. Vai abrir uma pessoa a minha porta, que eu não sei de nada, quem é, porque está ali, que vai me trazer uma história, né. Eu acho que, depois daquela situação, eu me sinto mais segura. Apesar de saber que cada situação é uma situação diferente, mas o fato de ter passado por onde a gente não esperava e ter se saído, conseguido sair, né, bem, ninguém se atrapalhou. . .”*

**Entrevistador:** -... é como se a experiência tivesse te dado ...

**La** – *“... fortalecido! Engrandecido!”*

**Entrevistador:** – É, e também estou pensando, tivesse lhe dado a possibilidade de saber que mesmo que a gente não saiba o que é que vem, ...

**La** – *“... o que vem...”*

**Entrevistador:** -... numa situação, como você já viveu uma situação desse tipo, e foi possível sair, que você acredita ... na possibilidade de que vai poder sair, não é?

**La** – *“Acredito, exatamente. De que vou pensar na hora numa maneira de ajudar, de acolher, de contornar. Não é mais tão assim... tanto medo do desconhecido”.*

**Entrevistador:** – E tem o elemento de você, é... confiar mais..., no tempo? Dar tempo ao tempo, para que as coisas possam se processar? Quando você estava falando, me veio, eu pensei nisso, assim, quando você disse, assim, nós estávamos nós quatro e uma podia...

**La** – *“... sim, claro. Tipo assim, se eu estiver processando, né, e a outra já tiver pensando alguma coisa, ela solta. Aí, já vai mudando, né. Vai dando tempo, com certeza”.*

**Entrevistador:** – A importância de confiar mais no tempo, não é?

**La** – *“Exatamente. Tipo assim, de intervir na hora certa, não é? ter paciência, não ficar ansiosa.”*

**Entrevistador:** – Como quem está querendo a resposta certa de qualquer forma. Saber que a coisa vai vir...

**La** – *“... é, vai vir de dentro, não é. Sem ficar naquela ansiedade de falar, falar, falar e quando, as vezes, não era nem pra falar nada.”*

**Entrevistador:** – Exatamente, não era nem pra falar nada.

**La** – *“Mais alguma coisa?”*

**Entrevistador:** – Tu quer agora, ouvir pra ver se a gente pensa mais alguma coisa?

**La** – *“Esse grupo pra mim foi riquíssimo! Foi uma coisa assim, que eu não sei nem como explicar porque eu não tinha atendido ainda nenhuma... o meu estágio foi com criança, infantil, eu não tinha atendido, nenhuma criança. E pra mim foi: “a aula!” Assim, foi . . . foi tudo o que eu aprendi.”*

**Entrevistador:** – Foi a vivência, não é?

**La** – *“Foi a vivência, foi. Foi um estágio, por estágio, aquele grupo pra mim. Eu não sabia como é que a gente ia lidar com a criança, é ... , aí eu vi como era:*

*primeiro se conversava, depois que... que deixava ela à vontade pra fazer alguma atividade e continuar conversando. Eu não tinha a menor idéia como isso funcionava.”*

**Entrevistador:** – É como se fosse um laboratório de aprendizagem.

**La** – *“Foi, exatamente. Eu até pensei assim, que quando eu fosse entrar no grupo, eu ia ser... ia ficar muito assim, passiva, assim, olhando acontecer. E não, eu vi que todos participaram muito mesmo”.*

**Entrevistador:** – Como se a experiência lhe envolvesse muito, não é, lhe puxasse pra viver?

**La** – *“E outra coisa, assim, eu vi muita coisa, assim, que só me fez comprovar a ciência, não é? Psicologia. Muita coisa!”*

**Entrevistador:** - Como se você pudesse ver na prática e acreditar naquilo que você ouviu na teoria?

**La** – *“Exatamente. E realmente, assim,... eu sempre, desde criança tive vontade de ser psicóloga, mas quando eu participei daquele grupo, eu vi que realmente... é... ‘como é que eu vou dizer isso?’ (baixinho, se perguntando)... as coisas que acontecem e que mudam realmente, no decorrer”.*

**Entrevistador:** - Do processo de mudança?

**La** – *“Do processo, exatamente. E, realmente acontece, foi a comprovação. (rindo). E pra todo mundo que estava no grupo, participando, teve oportunidade de ver que realmente o processo anda e que as coisas mudam”.*

**Entrevistador:** – Todo mundo, você diz, quem?

**La** - *“Participantes”*.

**Entrevistador:** – Ah! Os pais e as crianças...

**La** – *“Os pais, as crianças e... nós também. Exatamente, exatamente. Vimos assim, em dez encontros, mil coisas... aconteceram, importantíssimas! Foi riquíssimo, riquíssimo, mesmo. Acho que fui, assim, sorteada em participar daquele grupo!”* (rindo, com prazer).

**Entrevistador:** – Realmente, aquele foi especial, não é?

**La** – *“Aquele foi especial”*.

**Entrevistador:** – Dois episódios num mesmo grupo, não é?

**La** - *“Exatamente. Fortes, não é? Foi mesmo, aquele foi especialíssimo!”*

**Entrevistador:** – E são esses dois que eu relato.(referido-me à dissertação).

**La** – *“Foram ótimos, foi muito rico!”*

#### **Entrevista: Nº 4**

**Entrevistador:** – Pronto,... o que eu queria saber de você é como é que é, viver experiências em que o chão foge dos pés e que repercussão isso teve na sua escuta clínica? Se teve, como é que teve, o que é que aconteceu com você?

**Lu** – *“Eu, assim, procurei ouvir mais as pessoas, porque naquela época quando teve aquele problema no grupo, né, aí... assim, fiquei como se tivesse errado em alguma coisa, já que ela estava ali falando o tempo todo, que tava precisando da ajuda e a gente achava que estava irritando a gente, né. Sem conseguir ouvir o que ela estava falando”.*

**Entrevistador:** – Você ficou preocupada de não ter podido ouvir direito?

**Lu** – *“Foi, de não ter escutado, assim, com o sentimento como ela estava falando e achar mais que ela tava atrapalhando no tempo, né e irritando, que a gente quer tanto que às vezes a gente ficava nervosa com o que ela falava. Ela ficava falando, falando, falando... e aí..., o que me fez, assim, mudar foi de escutar mais isso e não ouvir o problema como o que ela estava trazendo, como ela levou o filho, né. E... ouvir mais...”*

**Entrevistador:** – Na verdade, é não ficar ligada exclusivamente na queixa...

**Lu** – *“... naquela causa, na queixa da consulta. Porque ela estava levando o filho, mas na verdade quem estava precisando mais ainda, era ela, né? E escutar mais isso dela..., e, assim, da pessoa que está levando, né e... saber assim..., de onde está vindo aquela... porque ela está falando tanto aquilo, o que é que tá incomodando tanto a pessoa, né? Ficar mais atenta...”*

**Entrevistador:** –... Ficar mais sensível...a outros elementos.

**Lu** – *“... Escutar... escutar com outros... outros ouvidos e não você ficar somente, só... ligada aquilo”.*

**Entrevistador:** –... A coisa concreta.

**Lu** – *“Ver o geral, assim, não é? Acho que o que mudou mais, foi isso, a prestar atenção mais nessas coisas.”*

**Entrevistador:** – Eu acho que é uma coisa importante que você ta dizendo, que é...é se desligar ou não ficar ligado exclusivamente na queixa ou no motivo que trouxe a pessoa, mas ficar atento a todas as outras coisas que poderão ser ditas e que ainda não foram ditas, não é?

**Lu** – *“É isso mesmo. Porque... a gente sabia que a gente tinha que encaminhar ela. Mas a gente não se preocupou em ver que era urgente! Que ela precisava...daquele atendimento. E aí, eu acho... agora prestando mais atenção a gente possa ver se a necessidade é tão urgente ou não. E aí, saber, assim, ser mais com...mais dinâmica, eu acho. A prestar ...”*

**Entrevistador:** – Mais dinâmica?

**Lu** – *“É assim, mais dinâmica, assim, mais dinâmica que eu digo, assim, no que você está ouvindo, de você saber que é urgente aquilo, de você prestar atenção no que ela ta falan... no que a pessoa ta falando”.*

**Entrevistador:** – É mais dinâmica ou é mais...

**Lu** – *“... não é dinâmica! É mais sensível, eu acho.”*

**Entrevistador:** – Há outros aspectos, não é?

**Lu** – *“Mas também, a saber, quando eu quero dizer dinâmica, é assim, a prestar... uma atenção maior naquilo, não... não ficar só ligada como eu tinha dito antes, mas saber que, tem aquilo que a pessoa está falando mais, que você tem que prestar atenção”.*

**Entrevistador:** – O que está dizendo é que deu pra você perceber que a coisa tem muito mais elementos do que inicialmente parece? Assim, que é muito mais complexo? Que não dá pra gente ficar prestando atenção só naquilo que aparece primeiro?

**Lu** - *“É também, é isso. Não só na queixa, mas... em tudo que a pessoa ta falando, (...) acho que tem disso aí, no todo assim... é por aí”.*

**Entrevistador:** – E...e assim, isso tou entendendo que é uma coisa que você aprendeu a partir da experiência, da experiência específica com aquela... aquela senhora, não é? Mas, a repercussão... mais ampla, você acha que houve?

**Lu** – *“Acho”.*

**Entrevistador:** – Mas, em que sentido, houve?

**Lu** – *“No sentido, disso assim... de prestar atenção na pessoa. De ver aquela pessoa ali, com aquilo que ela ta trazendo... Eu acho que é nesse sentido, assim”.*

**Entrevistador:** – Quer dizer, o sentido maior pra você, foi esse?

**Lu** – *“Foi, e de saber... olhar melhor pra pessoa não é? E escutar também. Tanto que quando eu comecei no Estágio II, atendendo outras pessoas, tinha uma mãe que também falava muito, ela só queria ocupar, aí então, eu fiquei pensando, não, deixa eu escutar mais um pouco, não é? Aí tentei, mas ela não admitia, só achava que o problema era só da filha, só da filha. E tentei, assim. Tanto que às vezes ela chegava falando muito, falando muito, aí marcava um outro horário, pra ver se ela ia, né, querendo... participar. Porque tinha que ela fazer também, para que a filha dela ter alguma... evolução, não é? Mas ela não teve jeito. E, no final, deixei na pasta, quando fui fechar a pasta, tudinho. Eu deixei, anotei tudo isso assim, no encaminhamento.”*

**Entrevistador:** – Fez uma observação?

**Lu** – *“Que tinha feito o encaminhamento para ela, mas que ela não tinha aceitado. Botava mil empecilhos. Aí, fiz isso assim, não é? Eu já... já quis assim, escutar melhor pra a pessoa não ficar muito aperreada, nem andar para a filha dela, nem ela também, ficar parada assim. O que eu pude ouvir, assim, quando ela queria falar muito, escutava. Já fui prestando atenção mais em outras coisas. Não só naquilo que tava trazendo”.*

**Entrevistador:** – Como se lhe ampliasse pra ver coisas que você até então pensava que podia não ter sentido, não é?

**Lu** – *“Era”.*

**Entrevistador:** – E passou a ter?

**Lu** – *“Hum, hum”.*

**Entrevistador:** – Mais alguma coisa?

**Lu** – *“Não, se você quiser perguntar mais alguma coisa”.*

**Entrevistador:** – Vamos fazer o seguinte...

(Interrupção para escuta da gravação).

**Entrevistador:** – Vá, você queria...

**Lu** – *“É, porque você perguntou, você falou, que muitas pessoas... ou dizem, que nunca mais, ‘não quero participar’, ‘não quero fazer grupo’, né? Mas eu acho...”*

**Entrevistador:** -... como se um tipo de experiência dessa pudesse ser traumatizante.

**Lu** – *“É. Eu... eu... eu preferia lógico, se eu tivesse participado de algum grupo, lógico que eu preferia não ter que viver isso, né. Mas eu acho que se algum dia eu for participar e tiver que viver isso novamente, já vou saber como é que eu vou reagir. Então, não acho que vai ser uma coisa que vai me fazer dizer que nunca mais quero participar de um grupo! Lógico, que foi uma experiência boa, assim apesar de ter sido...”*

**Entrevistador:** – Dolorida?

**Lu** – *“Dolorida, né, e acho que pra mim...”*

**Entrevistador:** -... mas foi dolorida pela morte ou foi dolorida porque ... perturbou você?

**Lu** – *“Acho que pelos dois sentidos. Teve... o...o de não, não ter perturbado por a gente não ter conseguido ouvir aquilo que era... tão... urgente e por ela ter morrido, que era uma pessoa que...que sempre gostou tanto né... de falar, que tinha uma esperança incrível de...de voltar pra aquele marido dela. Assim... por essas ...por essas coisas...e também, fiquei por...Eu pensei mais assim, que... acho que...o que dela, da morte dela... foi dela, dela ter morrido por aquele amor dela que sufocava ela, não é? Eu achei...”*

**Entrevistador:** – E o que foi que isso... não entendi porque é que você disse, ‘ela ter morrido por esse amor’ ...

**Lu** – “... pelo... pelo... do fato da morte dela, você perguntou se o que chocou mais foi, o fato da experiência da gente ter vivido ou da morte, né. O que da morte dela, o que chocou foi isso. E do...”

**Entrevistador:** – Mas em que sentido? Assim, de descobrir que a pessoa morre de fato de amor, é isso?

**Lu** – “É, também”.

**Entrevistador:** – Que a dor do amor pode matar?

**Lu** – “Foi, foi”.

**Entrevistador:** – O que a gente ouve falar nos versos dos poetas, né?

**Lu** – “Foi, tanto que a gente comentou muito, a gente comentou muito, isso. Dela ter morrido do amor dela, do coração. De ter tido um infarte no coração, que é um símbolo, né”.

**Entrevistador:** – Exatamente, que ela falava tanto na ferida no peito, né?

**Lu** – “É, e da esperança dela de voltar e... podia... podia . . . eu acho que podia ter sido evitado ! Quer dizer, não podia ter sido, não evitado, mas podia ter aliviado a ela, ela ter falado e ter sido escutado, né.”

**Entrevistador:** - Fica sempre aquela idéia, né, se a gente pudesse ter feito alguma coisa, que pudesse ajudar... e não chegar a esse ... essa essa fatalidade, né?

**Lu** – “É. Acho que não me impediria de participar de outro grupo, não...”

**Entrevistador:** –... mas agora você falando nisso, lembrando essa história de que ela morreu pela..., do coração por conta da dor enorme ...que ela estava sentindo no coração, é...eu acho que é uma... uma coisa muito importante pra aprendizagem da gente também, não é, de que a gente que... por mais que a gente saiba que... a dor psíquica é tão forte quanto... a dor física, não é? A gente nunca..., parece que como ficasse sempre irreal, né, não fosse concreto, né. A mentalidade da gente funciona só com as coisas concretas, né, então não dá pra matar, não é, a dor do amor, não é?

**Lu** – *“É, mas mata, não é?”*

**Entrevistador:** – E você viu que mata! Você viu na sua frente, né, aprendeu visceralmente, não foi?

**Lu** – *“Foi. Eu acho que... pra mim, valeu assim, de uma ótima experiência, né, de ter passado por isso, mas que não me impediria, jamais participar de outro grupo. O que eu queria dizer mais era isso. (em tom mais baixo). Que eu sei que se um dia participar... eu participar de outro grupo, não somente em grupo, mas outros eventos, quando tiver atendendo ou coisa assim, em outras situações, agora eu vou saber, assim, já reagir com mais calma, entendeu, e tentar dar o melhor que puder, né.”*

**Entrevistador:** - Então, é como se te preparasse mais pra vida,...viver uma experiência dessas?

**Lu** – *“É, também, é, nessas... nessas situações, assim, saber entender mais as coisas.”*

## **Entrevista: Nº 5**

**Entrevistador:** – O que eu quero saber de você é como ficou a sua escuta clínica, depois de você viver situações em que o chão fugiu de seus pés?

**G** – *“Iara, a... situação que me veio agora, quando você falou, foi a. a do caso da... da morte de uma pessoa que estava participando do grupo, grupo de pais, né. Não, de grupo de crianças que ela era mãe de uma criança, do interventivo. E aí ela era uma pessoa inclusive que incomodava um pouco a gente, porque ela falava muito... e tudo, a gente sempre brincava: ‘Quem é que vai escutar a Marta’. ‘Quem vai fa... é...que ...’ se chamava Marta, e tudo. E aí um dia da...”*

**Entrevistador:** -... é como se fosse uma tarefa árdua, não é,...

**G** – *“Exato”.*

**Entrevistador:** -...ouví-la?

**G** – *“Era difícil pra gente escutar, a gente tinha sempre que estar cortando, porque ela tomava o tempo do grupo todo. E aí no dia, é... de... da devolução com os pais e crianças juntos, ela faltou..., no primeiro dia. E aí a gente... fiz... ‘Por quê é que... Marta faltou?’ Porque...era uma coisa... ela sempre ia, sempre falava tanto, né. Passou, ‘Aconteceu alguma coisa e tal’, e , no outro dia, veio...o... o filho com uma...um rapaz e uma moça, que a gente não sabia quem era. Aí, eu fui é... chamei, e ai disse: ‘Cadê sua mãe ?, Vamos entrar, você faltou a semana passada e tal’. Aí...aí, ele apontou para o...o rapaz que estava acompanhando, e... era o pai dele, que não tinha ido, não tinha comparecido, os pais eram separados... Então, o pai , pegou e disse ‘olhe ela faleceu!’ . De supetão, assim. E aí, a gente: ‘eu fiquei, realmente, chocada na hora, não sabia o que fazer.’ Foi o chão, e...e...exatamente isso, o chão...desapareceu, assim, eu...gui...gui eu fiquei morta, assim, na hora. Eu fiquei, completamente,... desorientada. Lavínia correu,*

(rindo) a que tava comigo, na hora escutando. Eu acho que ela ficou mais nervosa ainda! Saiu. Que era também monitora, né, co-monitora e aí, eu fiquei só, eu...na hora me veio, assim, de eu chamá-lo para participar. Ele não tinha participado de nenhum encontro, já era o final, mas aí, eu chamei ele... e aí: 'tive que apresentar, contar pra todo mundo o que tinha se passado...' e foi uma experiência difícil, muito difícil! A gente ficou, inclusive, com a consciência pesada, porque a gente... aquela pessoa que morreu, é... incomodava a gente, ...”

**Entrevistador:** – hum...hum... como se tivesse gerado uma culpa, não é?

**G** – “É, (suspirando fundo) a gente sentiu essa culpa... achou que não tinha escutado o suficiente”.

**Entrevistador:** -... pela rejeição que vocês sentiam, não é?

**G** – “Exato. E... que não tinha percebido, que tava tão sério. Porque a gente... a gente acha que inclusive ela morreu de amor, porque ela era tão apaixonada, por esse homem que tinha deixado ela. E aí, nesse dia, eu vi que a gente precisa realmente...escutar melhor, ver... melhor a pessoa, sabe? Por dentro. Tirar essa...isso daí, essa antipatia que ela causou, era por algum motivo que tava...ela tava sofrendo. Então ela falava muito, porque ela tava precisando falar. Então aí, eu vi, eu digo: “Puxa! A gente podia ter escutado melhor”. Eu sei que a gente podia ter feito melhor. A culpa não foi da gente porque ela morreu. Mas, a gente podia ter feito melhor, se a gente tivesse olhado além daquilo que ela tava...só aquela chatice, ela que... querer falar mais. Então, isso daí, me...me modificou, assim a...a minha forma de...de ver as pessoas, de...de ver o sofrimento das pessoas... isso daí, realmente ...”

**Entrevistador:** -... te sensibilizou mais...

**G** –“... me sensibilizou, muito mais.”

**Entrevistador:** -...para ver as coisas de uma forma mais ampla, é?

**G** – *“Mais ampla, mais humana mesmo, porque aí”.*

**Entrevistador:** – O que é que tu diz mais humana?

**G** – *“Mais humana, eu digo assim, porque as pessoas elas... elas... às vezes, a gente...antipatiza uma pessoa por um...por um comportamento que ela ta tendo,... à toa, assim, a gente acha que é à toa, que ela é simplesmente chata, porque ela fala muito, ela é chata. Mas ela ta falando muito... por uma outra coisa, que ela ta sentindo, que ela ta sofrendo, que ela tava precisando falar. Então isso... eu acho que faz parte do ser humano e que a gente não tava... conseguindo enxergar. O grupo... todo tava achando, simplesmente, que ela era chata, porque ela falava muito, que ela era uma chata, uma tremenda chata. Inclusive a gente fazia assim: ‘Essa mulher é uma tremenda chata, fala demais e... pega o...o espaço dos outros’ e na verdade, não era, só isso. Ela não era... uma chata é... simplesmente, ela tava precisando falar, ela tava sofrendo e ela morreu, inclusive, do coração. Foi uma ... é, uma parada cardíaca e tudo, e aí, eu acho que modificou muito a minha forma de ver e agora... quando eu vejo uma pessoa chata...(sorrindo) eu... procuro ver porque é que ela ta, ...é... porque... isso, né?”*

**Entrevistador:** – Não é tão simples assim, né? Parece que o quê tu tá dizendo, é isso, né? A coisa é muito mais complexa, né, as questões humanas, né?

**G** – *“Exato, não é simplesmente ‘ser chato’,ah, então,... não precisa escutar essa mulher e colocar de lado. É sim, procurar compreender, o que gera, aquele comportamento. Aí, eu acho que isso... mudou muito, muito mesmo. A partir daí e agora, depois que... é... eu abri consultório...e já chegou gente assim também...,senhoras, principalmente, que precisam falar muito e... é isso mesmo, a gente tem que escutar e tem que apoiar e tem que... procurar compreender...*

*aquilo, praaa ...a aquela pessoa achar uma saída... naquele... naquela dificuldade. E...e... esse fato foi muito marcante, eu acredito que isso foi o mais marcante! A situação que mais... eu senti, que fugiu...o... “*

**Entrevistador:** -... sim, mas assim, você diz que... é como se você, agora, soubesse que escutar uma pessoa humana, que dizer, a escuta clínica, implica em algo muito mais complexo, não é?

**G** – “*Exato*”.

**Entrevistador:** - E aí você nota que hoje você ta com uma escuta diferente nesse sentido,...

**G** – “*Exato.*”

**Entrevistador:** -...diferenciada?

**G** – “*Depois dessa experiência,... ah! eu acho que... foi como se fosse um choque assim! A gente vê, a gente es...*”

**Entrevistador:** – Desarrumou!

**G** – “*... aprende na faculdade, estuda, lê, mas na prática a gente não tava fazendo aquilo ali. É muito diferente a teoria da prática. Quando a gente vê... se defronta com uma coisa assim, como foi, e aí, desarrumou mesmo aquilo. E eu ainda tava com... o pensamento ...é quando eu tava no consultório, é... não era, eu ainda não tava como uma terapeuta ... eu acho que a minha postura ainda não tava ...”*

**Entrevistador:** – No consultório?

**G** – “Não! Lá na clínica, aliás, eu não tava como... uma postura ainda de terapeuta, não é? Lógico que a gente tem sempre que ir aprendendo, mas agora, ê... depois disso..., eu... eu vejo que eu aprendi mais assim, de vê... de perceber a essência mais da pessoa, os problemas mais da pessoa, o que ta... ta por trás, mesmo... ela mais completa. E que antes, não eu tava com aquele... aquela... aquela coisa da relação... como se fosse fora do consultório e a escuta clínica tem que ser diferenciada, nesse sentido que você vê.”

**Entrevistador:** – Você pensava que escutava, como a gente escuta qualquer outra coisa?

**G** – “Como numa mesa de bar que você escuta que você não está a fim, e aí você faz: ‘Ih, cala a boca, deixa de falar besteira!’. Então, não é assim... não é, não ia chegar de jeito nenhum e mandar a pessoa calar a boca, lá na clínica, mas talvez eu tivesse até com vontade mesmo, de mandar...” (rindo).

**Entrevistador:** – Mas é como se você tivesse vendo que tem nuances, não é, bem mais... filigranas não é,...

**G** – “Exato.”

**Entrevistador:** –... várias camadas, não é,...

**G** – “Exato.”

**Entrevistador:** –... pra poder a gente chegar de fato ao que é que a pessoa tá...

**G** – “Exato.”

**Entrevistador:** –...experimentando, não é?

**G** – “É... . Não é tão fácil assim, não é no momento, a pessoa ta dizendo uma coisa, mas ta sentindo outra e não sabe o que ta sentindo e ta sendo... desagradável de uma forma, porque ta... sofrendo de outra coisa e... acaba . . . e a gente não sabe, não é,... de cara a gente tem que ir...ir percebendo, tem que ta com a sensibilidade... tem que ta muito...muito aguçada. É isso aí, foi bom pra mim...”( esta última frase foi dita em tom baixo reflexivo).

**Entrevistador:** – E esperar, não é? Parece que você está falando também do tempo, não é?

**G** – “É...”.

**Entrevistador:** – Pra poder...

**G** – “... pra pod...”

**Entrevistador:** –...ver o que é que vai se desdobrar?

**G** – “É..., eu acho que sim, porque não dá pra gente definir na hora que a gente vê... que essa pessoa é assim... diagnosticar... Ela é isso ou é aquilo, eu acho que a gente tem que escutar mesmo e deixar as coisas acontecerem.

Nesse caso..., específico, que... aconteceu com a gente, eu achei que a gente esperou, talvez, demais e... a gente não...não viu, e eu fiquei preocupada, né?. Logo depois, eu disse ‘será que ela precisava de um psiquiatra, de um ..., a gente não enxergou, a gente não viu...’ porque como era um grupo...mas ela se destacava muito no grupo, ela sempre falava, sempre falava... Será que a gente não...não ouviu como era... pra ter ouvido?... E ela... e a gente podia ter encaminhado, sabe? Eu fiquei assim, sem saber se a gente poderia ter encaminhado, naquele momento,... se a gente tivesse escutado... mais... ela, se a gente teria encaminhado logo... pra... pra um psiquiatra passar alguma medicação, não sei ... isso me veio...”

**Entrevistador:** -... se tivesse se dado conta, não é, do que é que ela tava...

**G** – “... é...”

**Entrevistador:** -..... da dor que ela tava vivendo, não é,

**G** – “... é...”

**Entrevistador:** -...é nesse sentido que você ta dizendo?

**G** – “Exato. E não a gente..., a gente... a gente rejeitou um pouco aquela mulher, todo mundo, era uma coisa que... era um sentimento de todo mundo. A gente, no começo, a gente não falava uma pra outra, mas depois... quando uma falou, aí todo mundo, ‘É isso mesmo’, aí..., a gente entrou, assim mesmo, num consenso que era um sentimento de todo mundo... que todo mundo...” (em tom mais baixo).

**Entrevistador:** –...que era uma pessoa difícil de se ouvir porque cansava, não era?

**G** – “Era cansativa, demais. (em tom enfático e ao mesmo tempo revelando desânimo.) E aí... a gente sempre brin... ficou brincando e tudo e... quando aconteceu isso, aí todo mundo se sentiu culpado..., todo mundo. (este final, falou em tom baixo). E aí, até depois, a gente... e aí me vem... é, muitas vezes eu me lembro dela. Dela, do filho, como é que ta, né, a gente... o filhinho dela como é que ta, não sei... se ele continuou, não sei, como é que ta. Até tenho vontade de... procurar saber, mas aí, eu digo não, acho que não... não... (em tom baixo como se falasse consigo mesma) talvez não faça parte mais. Eu não sou mais de lá, né, fico achando que não... não cabe, mas eu me preocupo, me preocupei muitas vezes com. com a criança”.

**Entrevistador:** – Mas eu posso te dar notícias dele porque eu dei supervisão a menina que acompanhou..., que ficou atendendo ele.

**G** – “Foi?” (em tom melancólico).

**Entrevistador:** – Foi, ele evoluiu muito! Ele trabalhou a dor da perda da mãe...,

**G** – “Foi mesmo?”

**Entrevistador:** –...ele trabalhou a relação dele com a nova mulher do pai ...

**G** – “... que coisa boa...”

/ \_\_\_\_\_ /